

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

Linha de Pesquisa: Sociedade e Cultura



Dissertação de Mestrado

“ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RÁDIO FEDERAL FM”

*O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS
(1980-2017)*

Silvana de Araújo Moreira

Pelotas, 2019

SILVANA DE ARAÚJO MOREIRA

“ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RÁDIO FEDERAL FM”

*O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS
(1980-2017)*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Lorena Almeida Gill

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M835z Moreira, Silvana de Araújo

"ZYD 579, 107,9 mega hertz - Rádio Federal FM" : o protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias (1980-2017) / Silvana de Araújo Moreira ; Lorena Almeida Gill, orientadora. — Pelotas, 2019.

183 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Federal FM. 2. História oral. 3. Radialistas. 4. Rádio.
I. Gill, Lorena Almeida, orient. II. Título.

CDD : 907.2

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

SILVANA DE ARAUJO MOREIRA

“ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RÁDIO FEDERAL FM”

*O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS
(1980-2017)*

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 24 de maio de 2019

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lorena Almeida Gill (Orientador), Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof.^a Dr.^a Claudia Musa Fay, Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas, Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Resultado de muitas horas de trabalho, esta dissertação não teria sido concluída sem o apoio de várias pessoas especiais. Desta forma, seria injusto não dedicar alguns parágrafos para expressar minha gratidão pela dedicação e conforto que essas pessoas me proporcionaram.

Primeiramente agradeço a Deus, por ter colocado estas pessoas no meu caminho e, sobretudo, por ter me colocado neste caminho. Pensando um pouco sobre a minha trajetória, seria impossível prever que eu estaria hoje na área de História. Se nele procuro ajuda e refúgio nos momentos difíceis, a ele agradeço sempre que consigo conquistar meus sonhos.

A São Jorge, meu interlocutor com Deus, por guiar, proteger e iluminar o meu caminho.

À minha orientadora, Lorena Almeida Gill, meu carinho especial pela dedicação e incentivo desde o início e por todo o conhecimento transmitido. Foi ela que me incentivou a fazer a seleção, foi ela que me incentivou a seguir, foi ela que me contagiou com o seu entusiasmo pela História Oral. Muito obrigada por ter me corrigido sem nunca me desestimular. Poucas pessoas conseguem combinar a exigência com a humanidade.

Aos entrevistados pela receptividade e atenção com que me receberam, abrindo não só as suas portas, mas também as suas vidas para contribuir com a minha pesquisa.

Aos meus colegas do PPGH que receberam com carinho e atenção uma jornalista que tentava adentrar o seu espaço. Em um resumo muito simplório, do Desenho Industrial, passando pela Publicidade e pelo Jornalismo, eis que cheguei nesta área e me apaixonei profundamente. Obrigada por compreenderem, aceitarem e me ajudarem neste novo ambiente.

Aos colegas servidores e professores do ICH, meu agradecimento pela dedicação e ajuda nos momentos que precisei e pela disponibilidade e interesse em transmitir conhecimento.

Aos integrantes das bancas examinadoras de qualificação e defesa pela disponibilidade em avaliar e contribuir com a minha pesquisa.

Impossível não agradecer sempre a minha família, meu pai Paulo Tadeu Moreira, minha mãe Lucia Moreira e meu irmão Alexandre Moreira, pelo apoio, incentivo e carinho de sempre.

Ao meu filho Matheus, meu amor incondicional, sempre presente na pesquisa, me achando a melhor do mundo, elogiando e incentivando, muitas vezes demonstrando o seu orgulho pelas apresentações e entrevistas. Ele me inspira a querer ser mais, a querer ir mais longe, a querer sempre fazer melhor.

Também não posso deixar de agradecer aos meus familiares, amigos e a todos que contribuíram e torceram direta ou indiretamente neste período, impossível nomeá-los aqui, porque com a graça de Deus tenho muitos e são os melhores!

Só agradecendo!

O Rádio é primordialmente um veículo do povo e, por essa razão, tem uma dívida social a resgatar. Se não pretender ser uma escola de vida e de solidariedade, o Rádio não tem razão de existir.

J. Fernandes de Oliveira

Se a saudade chegasse pelo ar como as ondas de rádio, em que lembrança você sintonizaria a sua memória?

Autor desconhecido

Resumo

MOREIRA, Silvana de Araújo. **“ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RÁDIO FEDERAL FM” O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS (1980-2017)**. Dissertação. Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

A Rádio Federal FM está vinculada à Universidade Federal de Pelotas e foi a primeira emissora de caráter educativo a funcionar em canal de frequência modulada no Rio Grande do Sul. Em seus 37 anos de existência, uma breve história institucional é contada no endereço eletrônico da emissora. A pesquisa realizada para esta dissertação consiste em um trabalho historiográfico, que abrange a história da Rádio, a partir do ofício de radialista e das adaptações que os trabalhadores tiveram que fazer nos seus processos de trabalho para sobreviver às novas tecnologias, bem como o impacto no cotidiano desses profissionais que fizeram parte da história da Federal FM. A memória possibilita o conhecimento do passado, uma realidade que, muitas vezes foi esquecida pela maioria das pessoas, ou ainda, não foi preservada nos documentos. Neste sentido, a pesquisa aqui apresentada utiliza principalmente a metodologia da História Oral, em sua vertente temática, além de fontes documentais e impressas. As narrativas daqueles que participaram e/ou participam do conjunto de profissionais da emissora permitem a análise de como estes trabalhadores atravessaram os momentos de inovação tecnológica permitindo que a emissora sobrevivesse como um veículo de comunicação. Conclui-se que as mudanças vivenciadas por estes profissionais dificultam o cotidiano por terem que se adaptar, muitas vezes, à extinção de funções e diminuição de cargos e equipes dentro do ambiente radiofônico.

Palavras-chave: *Federal FM; História Oral; radialistas; rádio.*

Abstract

MOREIRA, Silvana de Araújo. **"ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RADIO FEDERAL FM" THE PROTAGONISM OF THE RADIALIST AS A SURVIVOR OF THE MEDIA (1980-2017)**. Dissertation. Master in History. Graduate Program in History, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

Federal FM Radio is linked to the Federal University of Pelotas and was the first educational radio station to operate in a Modulated Frequency channel in Rio Grande do Sul. In its 37 years of existence, a brief story was told at the official website. The research for this dissertation consists of a historiographical work that intends to cover the history of the radio broadcaster perspective and the transformations and challenges with the new technologies, as well as the daily impact that is part of the process of the history of federal FM. The study presents a methodology of oral history, in its thematic aspect, besides documentary and printed sources. Memory makes possible the knowledge of the past, a reality that was often forgotten by most people, or was not preserved in the documents. In this sense, the research presented here will mainly use the methodology of oral history, in its thematic aspect, in addition to documentary and printed sources. The narratives of those who participated and / or participate in the group of professionals of the radio station allow the analysis of how these workers crossed the moments of technological innovation allowing the station to survive as a vehicle of communication. It is concluded that the changes experienced by these professionals make difficult the daily life because they have been adapted, often to the extinction of functions and reduction of positions and teams within the radio.

Key-words: *Federal FM; Oral History; broadcaster; radio.*

Lista de Figuras

FIGURA 1 - ORGANOGRAMA DA UFPEL EM 06 DE MAIO DE 1993	82
FIGURA 2 - ATA 1/1993 DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO	83
FIGURA 3 - UFPEL TERÁ A RÁDIO COSMOS, EM FM. A CONCESSÃO JÁ FOI OBTIDA	87
FIGURA 4 - RADIO COSMOS INICIARÁ TRANSMISSÕES NO DIA 15	88
FIGURA 5 - COSMOS/FM SERÁ A PRIMEIRA RÁDIO EDUCATIVA DA ZS	92
FIGURA 6 - RÁDIO COSMOS/FM INICIA AMANHÃ SUAS TRANSMISSÕES	94
FIGURA 7 - RÁDIO COSMOS/FM É A 1ª EDUCATIVA DO RS	95
FIGURA 8 - RÁDIO COSMOS TRANSMITE EM ESTÉREO DIA 10 DE NOVEMBRO	96
FIGURA 9 - RÁDIO FM COSMOS SERÁ INAUGURADA HOJE	97
FIGURA 10 - ZONA SUL GANHA HOJE A PRIMEIRA EMISSORA EDUCATIVA EM FM	98
FIGURA 11 - PELOTAS JÁ TEM RÁDIO EDUCATIVO	98
FIGURA 12 - RÁDIO COSMOS-FM INAUGURADA ONTEM NO "CAMPUS" DA UFPEL: É PIONEIRA NO RS	99
Figura 13 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DA RÁDIO COSMOS	100
FIGURA 14 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA RÁDIO FEDERAL FM	103
FIGURA 15 - CAPA DO LP FALTA VOCÊ DE AVENDANO JÚNIOR	106
FIGURA 16 - AUTORES E LIVROS	108
FIGURA 17 - NOTÍCIA O GLOBO - MACHISMO	152

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. TRABALHO E MEMÓRIA	17
1.1. A memória, a História Oral e os estudos sobre radialistas no Brasil	17
1.1.1. As vozes da Federal FM	25
1.2. Fontes documentais e impressas	39
1.3. O mundo do trabalho e os ofícios em transformação	42
1.3.1. O ofício de radialista	54
2. O RÁDIO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	58
2.1. Como tudo começou	58
2.2. O ambiente radiofônico em movimento	62
2.3. As tecnologias do rádio em movimento	72
3. A RÁDIO FEDERAL FM E SUAS NARRATIVAS	79
3.1. De Cosmos à Federal FM – As mudanças não foram só no nome	79
3.2. Da concessão ao início das transmissões	85
3.3. A inauguração	97
3.4. A programação e a cobertura de eventos	104
3.5. As características do rádio educativo e a falta de recursos	122
3.6. As tecnologias em movimento na Rádio Federal FM	130
4. AS VOZES FEMININAS DA FEDERAL FM	143
5. CONCLUSÕES	165
ANEXOS	169
APÊNDICE	172
FONTES ORAIS	175
FONTES DOCUMENTAIS	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177

INTRODUÇÃO

Peço licença ao leitor para situá-los sobre como se deu a escolha do tema da pesquisa. Há muito tempo o universo da Rádio Federal FM me despertava curiosidade, mais especificamente, desde que ingressei como servidora pública na Universidade Federal de Pelotas, em agosto de 2008, no cargo de Jornalista. O interesse sobre a sua história só aumentava. Porém, como servidora do então Núcleo de Imprensa, que era distante fisicamente da Rádio, pouco consegui de atuação efetiva naquele espaço.

Em 2012, a emissora conseguiu uma das maiores conquistas dos seus 38 anos de história, a mudança de endereço do município de Capão do Leão para o centro histórico da cidade de Pelotas, que a ressuscitou de uma época de esquecimento por parte da Instituição, tendo em vista que desde 2008 a administração da Universidade passou a funcionar no antigo Frigorífico Anglo, no bairro Porto de Pelotas e a Rádio permaneceu isolada na outra cidade. A distância dificultava o trabalho dos radialistas e sua inserção no dia-a-dia da UFPel, que estava aos poucos sendo transferida para prédios de Pelotas. Lembro que à época, para minimizar estas dificuldades, os radialistas passaram a utilizar uma pequena sala ao lado do Núcleo de Imprensa, no Anglo, com o objetivo de facilitar as entrevistas com a comunidade acadêmica.

Em janeiro de 2013, realizei a cobertura da inauguração da Rádio em seu novo endereço. Entre uma conversa e outra com alguns colegas de profissão e servidores da emissora, algumas histórias foram reveladas. Na sequência, alguns dias depois, haveria a troca de administração da Universidade e a inauguração foi feita ainda com a estrutura da Rádio no Capão do Leão. Aos poucos a emissora foi sendo instituída em seu novo endereço.

Certa vez, fui visitar a emissora devido a uma pauta que realizei no mesmo prédio e, entre um café, um servidor contou que a Rádio já havia promovido atividades culturais de grande porte no bairro Laranjal, com shows, esportes, entre

outras atrações culturais. Com a então infraestrutura da emissora, era difícil vislumbrar tais feitos. Contudo, era uma informação que me causava certo desconforto, tendo em vista o desconhecimento da comunidade acadêmica sobre a existência da Rádio Federal FM, sua história e contribuições culturais e educativas tanto para a comunidade interna, quanto para a comunidade externa. Parecia que uma parte da história da Instituição estava sendo perdida por falta de uma atenção mais aprofundada. Este fato ficou evidente em 2014, com uma pesquisa¹ de opinião realizada pela Rádio que revelou que na cidade 59,22% dos entrevistados desconheciam a emissora e, ainda mais preocupante, na Universidade 48,42% da comunidade acadêmica pesquisada sequer reconhecia a Rádio como sendo ligada à UFPel.

Um ano passou e, em janeiro de 2014, fui convidada a coordenar o setor de comunicação da Universidade que comporta também a estrutura da Rádio. Desta forma, tive uma maior aproximação com o universo da emissora, outras muitas histórias foram contadas nos bastidores e todas elas me instigavam ainda mais a pensar sobre como todas estas lembranças estavam sendo perdidas com o passar dos anos, comprometendo toda uma memória institucional e o entendimento da contribuição cultural para a cidade e, quiçá, para a região. De fato, isso vinha ocorrendo e, em 2016, por exemplo, faleceram três servidores que participaram da equipe da Rádio, sendo que dois deles fizeram parte da equipe inicial e se dedicaram a ela durante todo o restante de sua vida laboral. Em março, faleceu o repórter e locutor Cleber Luiz Zurchimitten e, em agosto, o servidor Wladimir Silveira Martins, motorista da Rádio que apresentou um programa na emissora e o discotecário Paulo de Oliveira Mancini. A nota de pesar publicada pela Universidade descreve Mancini como “dono de um conhecimento ímpar sobre música, Mancini produzia uma programação equilibrada entre os diversos estilos, sempre mantendo o alto nível na veiculação”².

Nesta época, eu já tinha em mente que, após a minha contribuição como coordenadora de Comunicação Social da Universidade, retomaria meus planos de ingressar no mestrado. Entre alguns interesses de objetos de estudo, o rádio como veículo de comunicação estava presente, até porque foi objeto de estudo do meu

¹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/federalfm/files/2016/10/r%C3%A1dio-apresenta%C3%A7%C3%A3o-pesquisa.pdf>. Acesso em 23 de março de 2018.

² Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2016/08/24/morre-o-programador-musical-paulo-mancini/>. Acesso em 23 de março de 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade e Propaganda, em 2006, momento em que analisei o posicionamento da marca da Rádio Alegria.

Contudo, as passagens de Cleber, Wladi e Mancini, como eram conhecidos, além da tristeza pela perda dos colegas, aumentaram ainda mais a minha angústia sobre a história da emissora. Para mim, morreu com eles uma importante parte da memória da Instituição. Aos poucos, fui percebendo que todas estas contribuições deviam ser reconstruídas através de narrativas.

Certa ocasião, ao acompanhar o então reitor da Universidade, Mauro Del Pino, em uma entrevista na Rádio Pelotense, tive uma longa conversa com o jornalista Carlos Machado, que contou várias histórias sobre quando trabalhou na Rádio Federal FM como estagiário, citando outros tantos colegas de profissão que também atuaram na emissora, além de programas e eventos realizados. Este fato era desconhecido por mim à época e ali ficou evidente a necessidade de pesquisar mais a fundo todo esse passado da Rádio.

No mesmo período, por volta de junho de 2016, a Rádio foi ocupada por estudantes da Universidade. O movimento fez parte da mobilização estudantil no Brasil chamado de “primavera secundarista”, momento no qual estudantes secundaristas e universitários promoveram manifestações e ocupações de espaços públicos por todo o País com o objetivo de barrar projetos e medidas dos governos estaduais e do então governo do ex-presidente Michel Temer, principalmente a PEC do Teto dos Gastos e o Projeto Escola Sem Partido. Em um primeiro momento, os estudantes ocuparam a emissora para fazer a leitura de um manifesto. A manifestação foi inspirada nas ocupações das rádios na época da Ditadura, com o objetivo de denunciar os acontecimentos do período. Conforme a entrevistada Vera Lopes (2017) lembra: “Nessa época muita gente pegava a rádio e algumas rádios foram sequestradas para o movimento, aquela coisa relâmpago chega e olha é isso aí, lê essa matéria. Está aqui, tá dito, fazia aquela mensagem relâmpago e ia embora”. Contudo, na ocupação da Rádio Federal FM, após discussões com servidores, os estudantes acabaram ocupando o espaço para utilizá-lo como veículo de comunicação do movimento em Pelotas. A emissora imediatamente foi tirada do ar e iniciaram as negociações para saída dos estudantes. Após algumas tentativas de acordo que não tiveram efeito e geraram um clima de desconforto entre direção, servidores e estudantes, assumi a negociação junto de assessores da Reitoria. Foi neste contexto que assumi, interinamente, também a direção da Rádio, ficando em

torno de cinco meses no cargo. Neste período pude acompanhar mais de perto o cotidiano da emissora, conheci mais a fundo suas dificuldades e consegui contribuir com algumas melhorias, presenciando uma realidade que me deixou ainda mais preocupada. A Rádio evoluiu muito desde 2012, foram diversos investimentos, novos servidores, mudança de endereço, fatores que permitiram um salto de qualidade na programação. Contudo, o descaso vivido anteriormente ainda se refletia em várias áreas, equipamentos e estruturas sucateadas como, por exemplo, o transmissor que era o mesmo que fora adquirido em 1980 e que não recebeu muitas manutenções durante a sua vida, resultando, por exemplo, em queda de transmissão a qualquer chuva. Além disso, o arquivo de documentos da emissora se resumia a uma caixa de papelão, no sótão do prédio, pegando umidade.

Foi assim que ingressei como aluna especial do Mestrado em História, cursando a disciplina de História e Mídia, momento em que pesquisei nos jornais da época as notícias sobre o início da Rádio, a conquista da outorga, o início das transmissões em caráter experimental e a inauguração oficial da emissora que, em seu início, chamava-se Rádio Cosmos FM e se consolidou como a primeira emissora FM educativa do sul do Rio Grande do Sul. A pesquisa resultou em um primeiro artigo sobre a emissora apresentado para a disciplina.

Desde então, o tema passou a ser mais explorado e debatido com a futura orientadora Lorena Almeida Gill. Em uma das conversas, a professora falou sobre o seu projeto com ofícios em extinção e, neste momento, tudo se encaixou, tendo em vista que o ofício de radialista, apesar de não ser considerado em extinção, pode ser considerado um ofício em transformação, sobretudo, pelas várias adaptações que o trabalhador de rádio precisou passar para que o veículo sobrevivesse a tantas modificações tecnológicas que foram inseridas em seu ambiente de trabalho.

De todo modo, cabe salientar que apesar de não ser um ofício em extinção, algumas funções do rádio foram extintas como a de discotecário, profissional que cuidava do acervo de música da emissora e fazia a seleção musical. O profissional era responsável por cuidar deste acervo que em um momento era de Long Play (LP), mais tarde Compact Disc (CD) e por último passou a ser em arquivo de mídia digital, diretamente ligado ao computador. O discotecário arquivava as mídias, higienizava com água e sabão e fazia a seleção das músicas para que o operador colocasse no ar. Hoje em dia, o próprio operador desenvolve este trabalho diretamente no computador com alguns cliques apenas.

As novas tecnologias trouxeram uma inovação significativa para todos os setores da economia. Tais novidades modificaram os processos de trabalho alterando, no caso do rádio, as formas de fazer a programação e interagir com o público e, até mesmo, os equipamentos que possibilitam ao público ter acesso a seu conteúdo.

O rádio, à medida que começou a alcançar as residências, ajudou a transformar a sociedade, contribuindo para a formação de novas ideias. Além disso, diminuiu distâncias e possibilitou o alcance da informação a quem antes não tinha acesso a ela. As informações passaram a ser divulgadas de maneira instantânea e foram distribuídas de forma a quebrar as barreiras geográficas. A partir daí a sociedade passou a ter acesso a notícias locais, regionais, estaduais, nacionais e, até mesmo, mundiais atualizadas e de forma muito mais rápida, disseminando uma diversidade de costumes, ideias e ideais políticos.

No decorrer de sua história, uma série de novas tecnologias foi surgindo, sendo que algumas delas modificaram profundamente o funcionamento do rádio e, assim, a forma como os trabalhadores conduziam o seu cotidiano dentro do ambiente radiofônico.

O transistor³, por exemplo, na década de 1940, possibilitou o surgimento dos aparelhos portáteis, modificando toda a lógica de recepção do sinal. Antes disso, as famílias, e até mesmo a vizinhança, se reuniam para escutar a programação das emissoras. Com os aparelhos portáteis, ouvir rádio ficou mais acessível, possibilitando que a audiência que antes era coletiva, passasse a ser individual.

A televisão, na década de 1950, chegou como uma tecnologia inovadora que, além do som, entregava imagens aos telespectadores. Seu surgimento, constituiu uma das maiores crises do rádio. A nova tecnologia buscou as formas de fazer a programação que já vinham encantando o público nos estúdios das emissoras, como os programas de auditório e os musicais e acabou levando junto a maior parte dos recursos de publicidade que antes eram unicamente destinados ao rádio. Desta forma, o rádio perdeu todo o sentido de continuar existindo com a mesma lógica, precisando se reinventar para não cair em desuso. A programação foi toda repensada pelos trabalhadores e trabalhadoras de forma a ter um viés diferente do conteúdo que a televisão passou a oferecer. Nesta época, ficou impossível seguir

³ Dispositivo eletrônico que levou ao surgimento do circuito eletrônico integrado. (BRIGGS & BURKE, 2016)

com as grandes produções⁴ devido aos cortes de recursos em publicidade e, entre outras modificações, o rádio passou a apresentar um conteúdo mais voltado às questões regionais e locais, recuperando assim a sua audiência.

O advento do telefone celular, na década de 1990, contribuiu com a agilidade na busca e transmissões dos acontecimentos e possibilitou o aumento da interação do veículo com seus ouvintes, aspecto que antes era realizado através de cartas e telefone fixo. As unidades móveis e os gravadores também deram mais mobilidade aos radialistas que passaram a fazer suas transmissões *in loco*.

A internet se consolida na mesma década, uma das maiores invenções tecnológicas, em seu início se constituiu como uma concorrência para o rádio, bem como para outras tecnologias já existentes. Contudo, o rádio e seus trabalhadores protagonizaram este momento como um desafio e, atualmente, as redes atuam como um novo suporte que permite sintonizar a programação das emissoras.

Discorrendo sobre novos meios para escutar as emissoras, cabe salientar que, após tornarem-se portáteis, com a Era da Convergência Midiática, na qual vários meios de comunicação são incorporados em uma única plataforma, os aparelhos de rádio foram desconstruídos como único meio de ouvir as emissoras e, atualmente qualquer um pode ter acesso a emissoras dos mais diversos estilos e lugares do mundo de várias formas, seja através do celular, da televisão a cabo, do computador, do carro, entre outras possibilidades.

Pelo exposto, do descobrimento do transistor ao acesso à internet - passando pela chegada da televisão, mudanças tecnológicas, transformações políticas, mercadológicas, econômicas e sociais - a extinção do rádio foi anunciada diversas vezes desde seu advento no Brasil, forçando-o a rever seus conceitos e sua programação, em busca de uma nova função entre as mídias. Com isso, este meio de comunicação passou por várias adequações, que modificaram suas características e, por conseguinte, o perfil do radialista e seu papel dentro da emissora, garantindo a sua sobrevivência.

Cabe lembrar aqui, a importância social do rádio, sobretudo das emissoras públicas, como um veículo de comunicação inclusivo, não apenas pelo fato de ser mais acessível financeiramente, mas também por ultrapassar limites geográficos e

⁴ A Era do Rádio comportou grandes produções como radionovelas, programas de auditório, as cantoras famosas, as rainhas do rádio, os programas humorísticos e de variedades. (CALABRE, 2002)

nacionais e por atingir públicos que, muitas vezes, não conseguem ter acesso a outros meios de comunicação, como, por exemplo, a comunidade portadora de deficiência visual e os analfabetos.

Todas estas mudanças marcam profundamente o perfil do ofício de radialista, modificando a sua rotina. Torna-se necessária, neste contexto, a identificação dos reflexos de algumas destas mudanças no cotidiano dos radialistas, em especial da Rádio Federal FM, visto ser o palco dos atores do objeto desta pesquisa.

No capítulo 1, apresentarei a metodologia da pesquisa que será realizada, principalmente, através da História Oral, em sua vertente temática. Além disso, o capítulo contará com um levantamento teórico sobre a história social do trabalho, cotidiano, memória e identidade, bem como ofícios em transformação e extinção.

No capítulo 2, abordarei a teoria do rádio, contextualizando a história do veículo de comunicação no mundo, no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas.

O capítulo 3 traz as análises, a partir das narrativas dos entrevistados, com a intenção de abordar as modificações no cotidiano dos trabalhadores de rádio, os reflexos destas modificações e as formas como os profissionais precisaram se adaptar às novidades que foram sendo inseridas em seu ambiente de trabalho.

Já no capítulo 4 farei uma análise do rádio como ambiente masculino, através das narrativas das poucas mulheres que fizeram parte do cotidiano da Rádio Federal FM. Aspecto esse que foi observado após o início das análises das entrevistas que compõem esta pesquisa.

Acredito que a experiência de ser comunicadora e servidora da Universidade Federal de Pelotas, tendo dirigido a Rádio Federal FM no período entre 2013 e 2017 e de ter um amplo relacionamento com os profissionais comunicadores que passaram pela emissora, tenha facilitado a realização da pesquisa. Por conseguinte, espero que a pesquisa contribua para a historiografia, sobretudo, para a história do rádio e das mídias brasileiras.

1. TRABALHO E MEMÓRIA

1.1. A memória, a História Oral e os estudos sobre radialistas no Brasil

A pesquisa utiliza como metodologia principal a História Oral Temática, vertente da História Oral que “se dispõe à discussão em torno de um assunto central definido” (MEIHY & HOLANDA, 2017, p. 39), de forma a analisar a história da Rádio, através de entrevistas com os seus trabalhadores e trabalhadoras. Entre os estudos que contribuíram com os debates e a pesquisa, destacam-se os pesquisadores Portelli (2016), Meihy & Holanda (2017), Alberti (2013), Candau (2011) e Pollak (1992).

A metodologia de História Oral vai além da preparação e aplicação da entrevista, ela conta com vários procedimentos que contemplam também o tratamento e a análise das fontes produzidas, de forma a salvaguardar os depoimentos de narradores, possibilitando a sua utilização como fonte histórica. Alberti (2013, p. 19) aponta a entrevista de História Oral ter adquirido *status* de documento possibilita que o passado seja analisado não mais “como efetivamente ocorreu”, mas como uma versão do passado que pode ser comparado com outras versões, “as formas como foi e é apreendido e interpretado”. A autora (2013, p. 19) destaca a riqueza que uma análise comparativa de testemunhos pode proporcionar para a pesquisa, possibilitando o questionamento de interpretações generalizantes relacionando os aspectos gerais aos particulares: “[...] trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares, de procurar compreender a sociedade através do indivíduo [...]”. Portelli também discorre sobre as possibilidades de comparações que a História Oral permite.

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória na verdade não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado (PORTELLI, 2016, p. 18).

Françoís, ao citar uma pesquisa sobre o nazismo, pontua questões que, segundo ela, foram analisadas de forma inovadora na pesquisa que utilizou o método de História Oral. A autora atenta para os novos aspectos que a pesquisa trouxe para os estudos voltados a essa época.

Esse exemplo mostra bem que se uma pesquisa oral pôde revelar tantos elementos novos sobre o período da história contemporânea da Alemanha que foi mais intensamente investigado, é porque seu potencial documental e heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples “ciência auxiliar”, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo (FRANÇOÍS, 2006, p. 9, grifo da autora).

De fato, trabalhar com narrativas orais através das lembranças e experiências vivenciadas pelas pessoas que estiveram presentes em acontecimentos a serem analisados, permite evidenciar os aspectos pessoais e singulares sobre o tema. Conforme Alberti (2013, p. 25): “Entrevistas de História Oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuavam e elaboravam experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Em consonância, Portelli (2016, p. 18), acredita que “o que faz com que as fontes sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memórias e do filtro da linguagem”. Estes fatores permitem ao pesquisador preencher as lacunas presentes nos documentos escritos.

A entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc. (ALBERTI, 2013, p. 22).

Segundo Meihy e Holanda (2017), o narrador deve ser escolhido de forma a contribuir com o projeto de pesquisa através de seu conhecimento sobre o assunto que será tratado. Além disso, de acordo com Alberti, por ser uma história do tempo presente, vários de seus protagonistas estão disponíveis como fonte:

A história oral é um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta,

as entrevistas para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, momentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2013, p. 18).

Coincidentemente, esta pesquisa tem como objeto de estudo os radialistas da Rádio Federal FM, trabalhadoras e trabalhadores que utilizam a oralidade em seu cotidiano laboral. Severo atenta para a importância da expressão oral para a comunicação.

Os grandes momentos das civilizações tiveram na oralidade um dos mais completos e fortes meios de comunicação. A expressão oral é e está mais próxima da essencialidade. Nada mais pungente do que um grito transido de dor. Nada mais imponente do que o silêncio. Nada mais sublime do que o tanger da oração ditado pela mais pura fé. Todos estes, são atos de singular simplicidade. E é nesta simplicidade que estão a força e a grandeza da comunicação oral por natureza e de onde o rádio tira o seu imenso poder (SEVERO, 2003, p. 138).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa tornou-se necessário entrevistar servidores e diretores que atuam ou atuaram na Universidade com o objetivo de analisar todas as modificações e adaptações que os trabalhadores precisaram passar para fazer com que a Rádio sobrevivesse a tantas transformações externas a ela.

Nesta perspectiva, as entrevistas com os trabalhadores possibilitaram o acesso a estas interpretações do passado contribuindo com a análise da pesquisa que foca não apenas nos documentos escritos, mas principalmente nas contribuições dos profissionais que vivenciaram a evolução do rádio e precisaram mover um grande esforço para se adaptar a todas as mudanças. Sobre este fato, Alberti (2013, p. 30) pondera que “se o emprego da história oral significa voltar a atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido”.

Como já mencionado anteriormente, poucos documentos físicos foram guardados pela emissora e pela Universidade, o que dificulta a análise a partir deste tipo de fonte. É desta forma que a metodologia de História Oral (PORTELLI, 2016; ALBERTI, 2013) se faz necessária para contribuir com o presente estudo. A História Oral busca nas narrativas o que apenas estes relatos podem revelar sobre o

passado, complementando a documentação existente e proporcionando uma análise mais aprofundada do tema.

A memória compõe a construção da entrevista de História Oral. É a partir dela que o entrevistado reconstrói os fatos do passado, transformando-os em narrativa através do olhar do presente. Bosi (1998, p. 55) acredita que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Em consonância, Candau (2011, p. 67) defende que “para a consciência humana nada é simplesmente apresentado, mas representado”. O autor (2011, p. 65) acredita que “a lembrança não é uma imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”. Por mais nítida que uma recordação esteja presente na memória, ela não é a mesma imagem vivenciada no passado, principalmente pelo fato das mudanças pessoais ocorridas com o passar do tempo.

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõe um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (CANDAU, 2011, p. 60).

A memória tem a característica de buscar acontecimentos do passado para que as pessoas que não viveram tal experiência, conheça-os. De outra forma, a memória permite que a própria pessoa reconstrua sua trajetória, avalie suas escolhas e projete o seu futuro. Para Candau (2011), existe um consenso entre os autores que trabalham com o conceito de memória de que ela é uma reconstrução continuamente atualizada do passado. Já para Bosi (1998, p. 68) “a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o extinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”. Da mesma forma, os autores atentam para as diferenças entre a memória individual e coletiva. A autora (1998, p. 413), ao citar Halbwachs, afirma que a memória individual “é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual”.

A expressão "memória coletiva" é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo (CANDAU, 2011, p. 25, grifo do autor).

Candau (2011), contudo, observa o fato de que a memória individual contém singularidades do indivíduo, definido, por exemplo, por experiências, hábitos e valores. Portanto as recordações compartilhadas pelo coletivo dizem respeito a uma parte das lembranças, mas não à totalidade delas, tendo em vista que acabam deixando de lado alguns aspectos individuais.

Enfim, mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações a totalidade de sequências (CANDAU, 2011, p. 36).

Para Pollak (1992, p. 214), a memória é seletiva e vários fatos não são recordados pelo narrador, alguns são esquecidos e outros são selecionados de forma a contextualizar e ordenar as lembranças do narrador. “[...] a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Thompson (1981, p. 50) também acredita que os fatos são ordenados para compor o todo. Para ele a memória não é composta por “um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras”. Desta forma, as narrativas podem qualificar a pesquisa permitindo a observação de aspectos subjetivos que muito dificilmente estariam expressos em outros tipos de fontes.

No que diz respeito ao tema da pesquisa, de acordo com alguns autores da área de comunicação, existem poucos estudos sobre o meio de comunicação rádio no país. Conforme Haussen (2004, p. 119) “A produção científica sobre o rádio tem sido relatada, tradicionalmente, como de menor destaque em relação à dos outros meios de comunicação de massa, o jornal e a TV”. A autora cita alguns trabalhos e grupos que abordam o tema:

O período do estudo - 1991-2001 - deveu-se a alguns fatores: primeiro, a existência de um trabalho preliminar sobre o tema, efetuado pela pesquisadora Sonia Virginia Moreira, que fez um levantamento sobre obras publicadas até 1990, e resultou no livro *O Rádio no Brasil* (1991; 2001, 2ªed.). A mesma autora, em conjunto com Nélia Del Bianco, publicou, ainda, um artigo intitulado *A pesquisa sobre o rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa em que identificou 21 títulos sobre o veículo (1990-1998)*. Por outro lado, a criação do Grupo de Trabalho de Rádio da Intercom, em 1991 (hoje denominado Núcleo de Mídia Sonora), impulsionou a produção de textos sobre o veículo, que tomou importância a partir daquela data. Um levantamento inicial sobre esta produção do GT foi realizado por Del Bianco e Zuculoto (1996) e apresentado em CD com o título *Memória do GT Rádio da Intercom: seis anos de pesquisa em defesa do rádio (1991-1996)*. Outros trabalhos que se dedicam tangencialmente ao tema são o anteriormente citado *Catálogos de Revistas Acadêmicas em Comunicação*, realizado por Stumpf, Berger e Capparelli (1998; 2001, 2ª ed.), e *Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. 1992-1996. Resumos, dos mesmos autores (que se encontra atualizado até 1999 em página da internet)* (HAUSSEN, 2004, p. 120).

No período em que pesquisou o tema, a autora consultou 634 exemplares de 52 revistas, nos quais estavam registrados 82 artigos sobre o rádio. Os artigos pesquisados mostraram que o maior interesse dos pesquisadores da área de comunicação é pela história do rádio e das rádios. A tecnologia, assunto também abordado nesta pesquisa, foi tema de apenas seis artigos.

Entre as teses pesquisadas por Haussen (2004, p. 122), sete se constituem com o tema tecnologia, e 21 são sobre a história do veículo. “Na pesquisa efetuada encontraram-se registros de 105 trabalhos, sendo 89 dissertações e 16 teses sobre rádio, no período de 1991 a 2001”. Apenas quatro destas teses e dissertações foram defendidas em programas de História. Em outro artigo que investiga as pesquisas sobre o rádio, Prata, Mustafa & Pessoa, também apontam a preferência dos pesquisadores por outros meios de comunicação:

Ao mapear os artigos publicados nos anos de 2003 e 2004 nos grupos de pesquisa em jornalismo da Intercom, SBPJor e Compós, Meditsch e Segala (2005) identificaram 263 textos. O rádio representa apenas 2,7% dos meios estudados sendo superado pelo jornal (33,5%), internet (13,7%), televisão (8,7%) e revista (5,3). São menos representativos que o rádio do ponto de vista quantitativo nessa pesquisa a web rádio (1,9%), webTV (1,1%) e outros (1,2%) (PRATA, MUSTAFA & PESSOA, 2014, p. 66).

Prata, Mustafa & Pessoa. (2014), analisaram 125 teses e também verificaram que os trabalhos se concentram na área de comunicação, com 65 pesquisas e, em segundo lugar, na área de história, com 15. Outras áreas como Educação, Sociologia, Antropologia, Direito, e Ciência Política também apresentaram trabalhos sobre o tema.

De fato, as análises revelaram que a área de comunicação é a que mais pesquisa sobre o tema, entre os autores que se destacam por suas publicações correlatas a esta dissertação está Luiz Artur Ferraretto e Valci Zuculoto. Ferraretto é professor da UFRGS, possui 17 livros publicados na área de comunicação e coordena o Núcleo de Estudos de Rádio (NER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Já Zuculoto é professora da Universidade Federal de Santa Catarina e possui cinco livros publicados, coordena a rede de pesquisa em radiojornalismo RádioJor e é uma das líderes do GIRAFÁ - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (registrado no CNPq). Ambos já coordenaram e participam do GT de Rádio do InterCom⁵.

Sobre este tema específico Meireles, Andrade & Prata (2017) evidenciam a história da profissão de radialista e as constantes mutações que impõe aos profissionais pressões que os obrigam a adaptar as suas práticas. A abordagem se dá a partir da legislação cuja regulamentação abre disputas quanto a formação da categoria, as diferenças e confusões entre os termos jornalista e radialista, a ascensão profissional para a política e o status profissional.

Zuculoto (1998) também trabalha com a análise dos impactos na linguagem, modelos, formatos e práticas do radiojornalismo, tendo em vista as inovações e convergências tecnológicas que forçaram o rádio a ampliar os seus conceitos, suportes, ofertas e serviços da programação. Uma das características destacadas pela autora é o imediatismo que torna a produção radiofônica mais improvisada.

Na mesma linha, Lopez (2009) faz uma revisão histórica sobre os marcos tecnológicos do rádio com o objetivo de verificar como a evolução das tecnologias refletiram na configuração futura do meio de comunicação. Entre os marcos pontuados no estudo estão: o transistor, o telefone celular, a internet e a digitalização do rádio.

⁵ Encontros promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, instituição destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais da área.

Barros & Villaça (2016) indicam os principais fatores que sustentaram a permanência e identidade do meio de comunicação e proporcionaram a sua reinvenção. O estudo é baseado em entrevistas qualitativas com pesquisadores e profissionais da área, dando uma visão teórica e prática dos resultados. São abordados a evolução, o uso político e a formação de identidade do rádio e as questões relacionadas à convergência digital. Entre as principais questões que os entrevistados destacam estão a simplicidade de linguagem, a mobilidade/portabilidade, a capacidade de adaptação, a companhia e a proximidade. As autoras concluem que as análises levantam duas perspectivas para a permanência do rádio: os efeitos que a comunicação radiofônica causa em seus ouvintes e os laços que a interação estabelece desde a sua criação e a capacidade de incorporar novas tecnologias.

O estudo de Gomes (2013) trata da mobilidade da produção do radiojornalismo devido às transformações sofridas pelo meio de comunicação, principalmente nas últimas décadas nas quais a mudanças tecnológicas estão cada vez mais rápidas, o que forçou a adaptação das técnicas de produção, a forma, o conteúdo e a linguagem. A autora discorre sobre as possibilidades de o ouvinte ser mais ativo, podendo, até mesmo, produzir o conteúdo interagindo com os radialistas, a partir de seus dispositivos móveis.

O estudo de Kischinhevsky (2008) mapeia o impacto da automação das operações nas emissoras FM do Rio de Janeiro, abordando os cortes de custos e o enxugamento das equipes, principalmente a substituição de radialistas por microcomputadores. O autor conclui que a expectativa de que a eliminação de postos de trabalho em áreas técnicas permitiria maiores investimentos nas equipes de produção não se cumpriu e ressalta que para, além disso, os profissionais experientes estão sendo substituídos por recém-formados que possuem mais domínio das novas ferramentas, atentando ainda para o risco do rádio voltar a ser simplesmente uma caixa de música.

É importante salientar que os artigos e livros encontrados que abordam a história e a permanência do rádio como veículo de comunicação, em sua maioria, focalizam as transformações, adaptações e inovações como sendo atinentes ao próprio veículo de comunicação. Embora subentendido que as trabalhadoras e os trabalhadores tenham sido responsáveis pelas mudanças, em geral, poucas

pesquisas enfatizam o protagonismo dos radialistas e preocupam-se em mostrar as dificuldades pelas quais eles passaram para atingir o objetivo.

1.1.1. As vozes da Federal FM

As narrativas que constituem essa pesquisa são fruto de entrevistas realizadas com os trabalhadores que atuaram em algum momento da história da Rádio Federal FM ou ainda atuam na emissora. Ao todo, foram realizadas sete entrevistas de História Oral e uma entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada foi necessária devido a negativa do entrevistado em realizar a entrevista com a metodologia de História Oral. No entanto, as contribuições das memórias deste entrevistado eram de suma importância para dar encadeamento a diversos fatos citados nesta pesquisa, visto pertencer a um dos períodos mais importantes da história da rádio.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de 2017 e outubro de 2018: três delas com ex-diretores da emissora, sendo quatro com radialistas mulheres (uma delas também ex-diretora) e uma com um radialista aposentado. A entrevista semiestruturada ocorreu com um ex-diretor.

O processo de entrevistas orais requer a observação de vários cuidados relativos aos procedimentos de realização, gravação, transcrição, autorização e restituição das entrevistas. Desta forma, foram utilizados alguns critérios relacionados pelos autores de História Oral trabalhados (Portelli, 2016), (Alberti, 2013), (Meihy & Holanda, 2017).

Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa com os autores que trabalham com o rádio, a partir de um levantamento dos trabalhos publicados. Nesta etapa, buscou-se compreender a história do rádio no Brasil e todas as suas modificações tendo como objetivo a preparação de um roteiro de entrevista que comportasse todos os aspectos relevantes para pesquisa.

A confecção do roteiro da entrevista é uma das etapas mais importantes da metodologia de História Oral e, partindo da pesquisa bibliográfica sobre o rádio e das questões norteadoras do projeto de pesquisa, foram relacionados alguns questionamentos importantes para a presente pesquisa e construído um roteiro básico (APÊNDICE 1) a ser adaptado de acordo com o perfil do entrevistado. Algumas adaptações foram necessárias devido a vários motivos como, por exemplo,

o tempo de trabalho de cada um e a data de ingresso no quadro de servidores. Alguns entrevistados trabalharam no início da Rádio, outros mais tarde, desta forma, eles não presenciaram alguns fatos, ou os mesmos acontecimentos a serem pesquisados e, por isso, não conseguiriam responder a todas as questões. Para Meihy & Holanda (2017, p. 29): “Um bom roteiro é essencial para se pensar no desdobramento do trabalho”. O roteiro também teve como base, questões sugeridas por Gill & Silva (2016), criadas para abordar estudos sobre alguns ofícios em extinção.

Com o questionário básico pronto, buscou-se as primeiras entrevistas que revelaram outros personagens da história da Rádio que também poderiam contribuir com o tema. Durante a aplicação das entrevistas, novos questionamentos foram surgindo e com isso tornou-se necessário ampliar o roteiro padrão. É importante ressaltar que o fato da pesquisadora ser jornalista e colega pode ter contribuído para a relação entrevistado/entrevistadora, facilitando a abertura dos participantes para a aceitação e revelação dos conteúdos da entrevista.

As entrevistas foram realizadas em local escolhido pelos entrevistados, tendo como objetivo deixá-los mais confortáveis para responder aos questionamentos. As narrativas foram gravadas em um gravador digital e em um aparelho celular, sendo posteriormente transcritas de forma a limpar vícios de linguagens e outros aspectos da oralidade que podem poluir o texto. Todas as narrativas foram autorizadas, através de carta de cessão e serão doadas ao Laboratório de História Oral da Universidade, podendo contribuir com futuras pesquisas que se relacionem ao tema, bem como disponibilizar aos leitores as fontes utilizadas. Optou-se pela gravação apenas em áudio, tendo em vista o desconforto que a filmagem costuma causar nos interlocutores.

A primeira entrevista realizada foi com a locutora Maria Alice Estrella e ocorreu em seu apartamento, no dia 26 de agosto de 2017, um sábado à tarde. A conversa se estendeu por toda a tarde, mas a entrevista em si durou 45 minutos. Na narrativa, Estrella revela que o seu interesse por rádio veio do cotidiano de sua família, ainda quando moravam na capital, Porto Alegre:

O rádio era o meio de comunicação por excelência dentro da minha casa e eu participei da sua história. Eu sou testemunha da história do rádio no Rio Grande do Sul, meu estado natal. Eu morava em Porto Alegre, sou porto-alegrense, então eu tive contato com grandes

rádios, rádios extraordinárias, com programas extraordinários, com cultura e foi muito importante talvez para minha formação (ESTRELLA, 2017)⁶.

Nascida em 19 de junho de 1950, ingressou na Universidade em 25 de outubro de 1993 no cargo de assistente administrativo desenvolvendo seu trabalho no Gabinete do Reitor. Em 1995, foi convidada pelo pró-reitor Elifalete Xavier a realizar um teste de locução na emissora, por possuir uma voz boa para o rádio. O teste durou quatro horas e, segundo a entrevistada, foi muito difícil. No dia seguinte já foi chamada para trabalhar e faz parte do quadro da Rádio até os dias de hoje. Atualmente, Maria Alice é a única radialista mulher no quadro efetivo da emissora. Além dela, há uma secretária que cuida da parte administrativa. Na sua narrativa, Estrella dá detalhes sobre a sua entrada na Rádio.

O professor Elifalete Xavier, foi ele que disse: - A tua voz é voz de rádio. Foi ele que fez com que eu fosse na rádio fazer o teste, ele era pró-reitor, foi ele que disse: - A sua voz é voz de rádio, a senhora vai fazer um teste na rádio. - Sim senhor, professor. Estou indo! E fui. Eu declamava, então eu acho que as pessoas começavam a ouvir a minha voz e textos que eu lia em público, sem microfone e algumas vezes com microfone. Então eu acho que ele gravou isso e para ele fez um diferencial, ele marcou isso e disse: - A sua voz é voz para rádio. E deu certo! (ESTRELLA, 2017).

Maria Alice, desde seu ingresso na emissora grava textos noticiosos, vinhetas e participa de alguns projetos especiais da Rádio, como as transmissões da Feira do Livro, coberturas de eventos acadêmicos e programetes⁷. Contudo, a radialista prefere participar da programação gravada, por acreditar que, sem a formação na área, não tem segurança para apresentar um programa ao vivo.

A voz da locutora é reconhecida na cidade como sendo a marca da Federal FM, uma das primeiras vozes femininas de FM de Pelotas.

E a minha voz estava durante o dia inteiro nos táxis, em todos os locais em que a Rádio Federal FM 107.9 tivesse sintonizada, a minha voz estava no bloco de três músicas, isso foi muito importante. Depois de algum tempo eu, por necessidade de pessoal até, como a minha voz criou um estilo de voz de FM, é uma voz muito diferenciada neste sentido, é muito difícil eu fazer uma propaganda

⁶ Todas as narrativas dos entrevistados serão referenciadas em itálico para diferenciá-las das demais citações.

⁷ Programas de 1 a 2 minutos inseridos no meio da programação.

por exemplo, e a nossa Rádio não é uma rádio comercial, então eu passei a ler e a gravar as notícias, primeiro eram as notícias do estado, do município, da comunidade, da Universidade e atualmente nós estamos realmente com foco nas notícias relativas à Universidade Federal de Pelotas. Então são 24 notícias durante o dia em que nós vamos participando à comunidade o que está acontecendo dentro da instituição (ESTRELLA, 2017).

Segundo a entrevistada, sua voz foi inclusive requisitada na capital por algumas rádios que reconheceram o seu potencial.

- Essa é a voz! Disseram quando eu entrei no estúdio e disseram: - Essa voz deveria estar na Eldorado. E eu disse: - Então aceita-se convites. E eles disseram: - A sua voz é voz de FM por excelência, uma voz excelente. E eu ouvia de outras rádios visitantes esse tipo de comentário, que era um diferencial. E do público também, sempre tinha reconhecimento: - Uau, a voz da Federal! (ESTRELLA, 2017).

A entrevista de Estrella mostrou uma paixão pelo rádio desde nova, quando ainda morava em Porto Alegre, paixão que aumentou com o convite para atuar na então Rádio Cosmos. Desta forma, a narrativa de Estrella em relação a emissora, é uma das mais apaixonadas, tanto por seu amor pelo veículo no qual trabalha, como pela própria personalidade de poetisa da entrevistada.

Além de locutora, a entrevistada também é poetisa e lançou um livro recentemente, em parceria com outro entrevistado que será apresentado na sequência, o jornalista e radialista Luiz Carlos Vaz. Maria Alice também possui uma coluna semanal no principal periódico da cidade, o Diário Popular.

O radialista Luiz Carlos Vaz foi entrevistado no Mercado Público, um dos lugares mais frequentados por ele. Apesar de ser realizado em um local público, o que não é recomendado por alguns autores, em virtude do barulho, foi priorizado o desejo do entrevistado que tem o Mercado Público como uma extensão da sua casa e a escolha acabou por não prejudicar a gravação e o desenrolar da entrevista, tendo em vista que durante a tarde o local é mais calmo. “Deve-se sempre que possível, deixar o colaborador decidir sobre onde gostaria de gravar a entrevista”, aconselha Meihy & Holanda (2017, p. 56). A entrevista foi realizada no dia 21 de agosto de 2017 e teve duração de 1 hora e 11 minutos. Em sua narrativa, o entrevistado conta sobre como iniciou o seu contato com o veículo de comunicação:

Eu comecei mesmo no rádio, guri, em Bagé, fazendo um programa todos os sábados de tarde na Rádio Difusora, a convite do Ernesto Lima, porque ele me viu atuar durante uma eleição, na eleição de 72, na cobertura, eu ajudando uma coisa e outra assim, pegando números para levar para a rádio. Ele disse assim: - Esse guri vai dar para o galho! E aí eu fazia um programa chamado: Som, Cinema e Comunicação, aos sábados de tarde na Rádio Difusora. Eu falava de cinema, falava de muita coisa. E eu vi como era bom fazer aquele negócio. Aí depois a família estava vindo para Pelotas para procurar outros rumos, porque Bagé não tinha, como não tem até hoje, eu não sei, não estou mais lá, mas não tinha perspectiva nenhuma para ninguém, ou tu eras bancário, ou militar, ou rico. Eu não era rico, não queria ser militar e muito menos bancário. Aí disse: - Eu vou embora para Pelotas. Aí vim disposto a fazer Jornalismo aqui, tentei, me apresentei na Rádio Universidade, me mandaram deixar o telefone para telefonar um dia, eu estou até hoje esperando, acho que não vão me chamar (risos), porque a Rádio Universidade era uma grande novidade naquela época, por ser uma rádio nova, completamente diferente, muito boa de escutar, ultra moderna, muito parecida com a Rádio Continental de Porto Alegre, mas eu não consegui... (VAZ, 2017).

Nascido em 21 de dezembro de 1951, o jornalista ingressou na Universidade em 1973, saiu em 1976 e retornou em 02 de maio de 1980 no cargo de jornalista, desempenhando as funções de redator, fotógrafo, cinegrafista e diretor de vídeo. De 1980 a 1988 trabalhou com tele-educação, audiovisual e vídeos educativos. De 1989 a 1992 foi diretor da Editora da UFPel.

Eu entrei na UFPel em 1973, a UFPel não tinha quatro anos, tinha três anos e meio, mas depois eu sai em 1976 e voltei em 1980 como jornalista – eu trabalhei como redator, fotógrafo, cinegrafista, diretor de vídeo e depois de 1980 a 1988 – eu trabalhei com tele-educação, gravação, audiovisual, vídeos educativos e tal, depois de 1989 a 1992 – eu fui diretor da Editora. Em 1993, o editor da Editora que me substituiu, o professor Antônio Henrique Nogueira, que era engenheiro e era editor da Editora, eu queria ir para outro lugar, porque o lugar que eu trabalhava que era o Centro Integrado de Tele-Educação do Sul, não existia mais. Era um convênio entre a FURG, UFPel, Escola Técnica, Universidade Católica e Urcamp e não existia mais, então eu não tinha para onde voltar (VAZ, 2017).

Como em 1993, ao sair da Editora, o Centro Integrado de Tele-educação tinha sido extinto, Vaz foi trabalhar na Pró-Reitoria de Extensão, que comportava a estrutura da Rádio na época. Foi neste período que Vaz passou a participar da emissora, como lembra o entrevistado:

Então eu voltei para a Pró-Reitoria de Extensão e o Antônio Henrique Nogueira, como eu tinha estado aquele período na Editora, ele me convidou para fazer um programa de rádio. Foi o Antônio Henrique que foi o responsável pela minha entrada na Rádio e eu fazia então na Federal FM o programa Autores e Livros, todos os sábados, um programa de grande audiência, recebia muitas cartinhas, era um programa muito bom que eu gostava de fazer. E a gente fazia basicamente sobre os livros que tinham na Editora, na Livraria, para vender os livros da Editora e a gente dava uma romanceada com datas interessantes e era um programa muito bom. Como era um programa gravado, não era um programa ao vivo, eu produzia o programa bem produzido, com todo o cuidado e o pessoal sempre telefonava, tinha bastante retorno, sugerindo livros, dizendo que tinham gostado daquele livro que tinham indicado... (VAZ, 2017).

Vaz desenvolvia suas atividades na emissora e na Assessoria de Imprensa. Na Rádio, por muitos anos apresentou um programa de entrevistas junto com a também radialista aposentada da Universidade, Vera Lopes, que também foi entrevistada e será apresentada na sequência.

A entrevista de Vaz, apesar de ter um pouco mais de uma hora de duração, foi realizada após uma hora de diálogo, momento no qual o entrevistado contextualizou vários acontecimentos da Rádio. Este diálogo foi importante para que a pesquisadora conseguisse entender um pouco da conjuntura política da emissora, desde a sua concepção até o momento atual. Este aspecto, apesar de não ser relevante para o tema da pesquisa, é interessante para entender o contexto da Rádio para além da parte técnica. Aos 67 anos, Vaz, como é conhecido, está aposentado desde 2013 e, atualmente, dedica-se ao seu *hobby*: fotografia.

A terceira entrevista foi realizada no dia 30 de agosto com o ex-diretor da Rádio, o locutor e apresentador Roberto Engelbrecht, em sua casa, após a recuperação do entrevistado que esteve afastado por conta de uma cirurgia. Engelbrecht, como é conhecido, contou com muitos detalhes o passado da emissora, desde sua concepção, momento do qual participou. A entrevista durou duas horas.

O radialista teve sua primeira experiência radiofônica em sua cidade natal, fazendo um noticiário: “Ah, e eu tinha feito rádio antes em Canela, eu trabalhei fazendo noticiário na Rádio Clube de Canela, antes de entrar para o Banco, eu tinha uns 16, 17 anos” (Engelbrecht, 2017).

Aos 18 anos, o entrevistado chegou a Pelotas, transferido do banco no qual atuava, com o objetivo de cursar a Faculdade de Medicina que, segundo ele, era o

sonho de seus pais. Contudo, por ter uma voz marcante, logo foi convidado a trabalhar em duas emissoras, a Rádio Universidade, emissora ligada a Universidade Católica de Pelotas, e a Rádio Tupanci que pertence ao radialista Jorge Malhão, na época, seu colega de aula no curso de Farmácia e Bioquímica, faculdade que Engelbrecht passou a frequentar enquanto concorria a uma vaga no curso de Medicina. Na narrativa, o entrevistado destaca um pouco da sua atuação como comunicador:

Tinha uma gravadora em Pelotas, Imaginasom, do Peterson e do Apodi de Almeida, ligada ao Dalson Publicidade. O Peterson me convidou para trabalhar com ele, acho que foi em 1982 quando eu fiz a primeira campanha do PT. A locução do PT foi minha. Na época em que eu gravava para uma rádio de Uruguaiana, em fita-rolô, a seleção musical, eu gravava, colocava no ônibus, Rádio Pampeana de Uruguaiana, e fora os comerciais, aí era uma época muito boa, eu vendia muito (ENGELBRECHT, 2017).

O entrevistado, nascido em 12 de setembro de 1957, além de estar na lista dos primeiros trabalhadores da Rádio Federal FM, ao atuar desde 02 de junho de 1980, também foi diretor da emissora entre os anos 1993 e 2013. Ele atua como “locutor apresentador anunciador” que, segundo César (2005), seria a “voz padrão da emissora”, aquela voz que dá vida aos principais elementos sonoros da rádio, como vinhetas, spots institucionais, promoções, frequência entre outros, além de apresentar conteúdos informativos, programas e comentários sobre as músicas.

Ingressei em 2 de junho de 1980, fui agente de comunicação da rádio. Teve um período de troca de nome para técnico em comunicação, em 1982 eu me formei e em 1983 eu entrei num processo de reconhecimento e aí eu fui enquadrado como jornalista (ENGELBRECHT, 2017).

Logo que assumiu o cargo na Rádio Universidade, Engelbrecht desistiu do curso na Universidade Católica de Pelotas. Na sequência, a equipe da Rádio Universidade foi convidada para conceber a Rádio Cosmos e, desta forma, ele iniciou o seu trabalho na Universidade Federal de Pelotas, a convite do primeiro diretor da emissora, José Maria Marques da Cunha, que já era seu chefe na Rádio Universidade. Ao mesmo tempo, começou seus estudos no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas, o que possibilitou, mais tarde, a sua entrada para o quadro permanente da UFPel.

Engelbrecht ajudou a colocar a emissora no ar em caráter experimental, depois já com os equipamentos definitivos, auxiliou na inauguração oficial e em 1993 assumiu a direção da Rádio, ficando no cargo por 20 anos consecutivos, até 2013. Por ter sido diretor por 20 anos, o entrevistado conhece toda a história da Rádio e foi peça fundamental para a sobrevivência da emissora.

O entrevistado fala com riqueza de detalhes sobre a parte técnica do rádio. Mostrando as diferenças entre os equipamentos e processos de trabalho do início do rádio, como, por exemplo, a fita-rolô, suporte onde era gravada e montada manualmente toda a programação da emissora, sendo que, atualmente, apenas com alguns cliques no computador, uma extensa programação é preparada em questão de minutos.

A radialista Vera Lopes foi entrevistada no dia 3 de outubro de 2017 em sua casa. A entrevista que durou três horas e 20 minutos revela, além de uma profissional apaixonada pelo seu trabalho, uma mulher forte e lutadora. Apesar do tempo de entrevista ter sido longo, a radialista estava muito empolgada com as recordações e pediu para seguir com a narrativa. Vera Lopes conta a história do rádio desde a sua consolidação no Brasil, também lembra as fases da emissora, das administrações da Universidade e os enfoques de cada uma, dos diretores, dos programas, das políticas e dos eventos que a Rádio participou. Sobre o contato com o rádio, Lopes fala que sempre gostou de jornalismo desde pequena, tinha alguns ídolos, mas na parte de jornalismo escrito, porque sempre gostou de ler:

E aí logo em seguida eu comecei a despertar para o rádio, eu acho que eu me acordei já tinha rádio dentro de casa, a rádio é uma magia, uma loucura, eu me lembro muito de programas, na minha casa o pessoal ouvindo novela de rádio, mãe, tias, empregada, aquele ambiente familiar, ouvindo novela, aí vinha o pai ouvindo os comícios do Brizola, me lembro muito dos comícios da legalidade, mas antes do começo da legalidade tinham outros. O Brizola, logo que ele começou a ser governador, falava de noite, então assim, tinham programas políticos, tinham programas de música, a música entrou na minha vida através do rádio (LOPES, 2017).

Sobre suas experiências anteriores ao rádio, Lopes destaca que trabalhou uma época em agências de publicidade em Pelotas como redatora. Depois teve uma temporada no Rio de Janeiro:

Eu passei uma temporada no Rio, logo que eu cheguei lá eu comecei trabalhando como estagiária dentro do Jornal do Brasil que o Schlee tinha um amigo lá que era chefe de reportagem e aí logo que eu cheguei lá, o Jornal do Brasil era um jornal muito importante, já estávamos em plena Ditadura. Trabalhava na geral e eu estou te falando de uma época que só tinha máquina de escrever de tração animal (risos) (LOPES, 2017).

Lopes discorre sobre a sua experiência no Jornal do Brasil e as mudanças que ocorreram no cotidiano. Ainda relembra de uma pauta especial que cobriu, a Passeata do Cem Mil, uma manifestação popular contra a ditadura civil-militar no Brasil organizada pelo Movimento Estudantil em 26 de junho de 1968:

Mas o Jornal do Brasil fazia o sistema, mandava três, quatro pessoas, fazer o mesmo evento de pontos diferentes, eu ficava na rua tal, o outro mais adiante, o outro... aí isso tudo caía na mão do copidesque, depois que cada um chegava escrevia a sua parte e o copidesque, que era um bom redator, geralmente, tinha a obrigação de pegar aquelas cinco, seis laudas e transformar em uma lauda. Então era isso, aprendi bastante, foi bom, bem interessante, a gente vai juntando os cacacos, é completamente diferente, nem pensar, nada do que é hoje que o pessoal reclama que é tudo jornal da internet, que é tudo por telefone, ou por isso ou por aquilo, mas enfim, era tudo in loco. E foi muito bom, que na época que eu cheguei no Rio, que foi bem na época da passeata dos Cem Mil, eu estava no Jornal do Brasil e a passeata passava ali na Rio Branco, perto do Jornal eu me lembro, as sacadas cheias de gente e a passeata ocupava uns 6, 7 quarteirões, eu acho que até mais, então tinha uma quantidade de gente, estagiários, todo mundo ali no meio da passeata, e nunca se viu uma coisa assim, tão monumental, uma coisa daquele tamanho, aquilo ali foi maravilhoso, a passeata dos cem mil, que nunca ninguém contou, mas a gente supõe que tenha cem mil (risos). Foi uma época muito agitada, foi em 1968 e deu muita confusão, tanto é que quando chegou em dezembro foi editada a AI-5 que já era Ditadura, mas tinha algumas liberdades, o pessoal reclamava, chegava aqui, tomava de assalto uma coisa e outra (LOPES, 2017).

Nascida em 4 de agosto de 1943, Vera é jornalista e está aposentada do cargo de diretora de produção da Rádio desde 2014. A entrevistada ingressou na Universidade em janeiro de 1983, contratada como recibada⁸, já em setembro daquele ano, entrou para o quadro efetivo⁹ da Instituição. Por muitos anos a radialista fez parte de um programa de entrevistas juntamente com o já citado

⁸ Contrato no qual o pagamento é realizado através de recibos.

⁹ Nesta época, não existiam concursos públicos, o ingresso no quadro de servidores da Instituição era realizado através de convite e/ou indicação. A partir de 1988, com a ideia de isonomia da Constituição, os concursos passaram a ser realizados.

jornalista Luiz Carlos Vaz, o Federal Entrevista. Atualmente, Lopes apresenta um programa na RádioCom, uma emissora comunitária de Pelotas.

Aí entrei, há muito tempo que eles me queriam lá para começar a trabalhar na Rádio, mas havia muitos impedimentos, tinha que fazer concurso, aquela coisa toda. Era a época nem de concurso, era uma época de liquidação da Universidade. Eram tempos muito escusos assim. Era um período pré-Collor que já havia umas políticas claras de enxugamento da máquina administrativa e então não abria concurso. Pior de entrar através de concurso, era não abrir concurso. [...] que no início lá em 1983, eu fui pra Rádio, contratada de uma forma que se chamava na época de recibada, eu não tinha um contrato efetivo com a Universidade, porque eu não podia ser contratada, não tinha vaga, não abria concurso (LOPES, 2017).

Lopes foi contratada com o objetivo de cumprir um convênio com o extinto Sistema Nacional de Rádios Educativas (SINRED), que recebia programas especiais de todas as emissoras educativas associadas.

O Sistema Nacional de Rádio Educativo (SINRED) é instituído oficial e formalmente em 9 de agosto de 1983, pela portaria 344 do Ministério da Educação e Cultura, buscando reunir as rádios e as televisões educativas em um único sistema. Várias emissoras de rádio aderem ao sistema. E passam a receber, via satélite, não só as coproduções, mas também as programações da Rádio MEC, que funciona como uma espécie de coordenação do segmento radiofônico do Sistema. “Perfis Brasileiros” e “Esses Moços” são duas das séries coproduzidas que mais alcançam sucesso, seguindo a linha das duas pioneiras, as “Meu Brasil brasileiro” e “Coisas da Província” (ZUCULOTO, 2011, p. 6, grifo da autora).

Além da produção dos programas, Vera Lopes passou a realizar as entrevistas para a Rádio em eventos e atividades diversas. A radialista relembra sobre o convênio firmado entre a Universidade Federal de Pelotas e o SINRED.

E numa dessas, como a Rádio é nova, ela se compôs em 1977, ela começou a funcionar mesmo só em 1982, 1981... ela começou precariamente e aí como fazia parte de uma rede nacional, essa rede nacional era composta de emissoras dentro das universidades federais e era uma rede que tinha como matriz geradora a Rádio MEC no Rio, que ela ainda existe hoje, ela ainda existe no Rio de Janeiro. [...] e eu fui para cumprir uma tarefa, que como a nossa Rádio nessa época, o diretor era o José Cunha, ele assumiu um compromisso, com a Rede Nacional de Rádios Educativas que era o sistema nacional de rádio educativas, chamado SINRED, esse sistema tinha a Rádio MEC como matriz, como regente, e as rádios das universidades, de algumas universidades, nem todas, tinham

rádios que automaticamente eram alinhados com o SINRED (LOPES, 2017).

Em 2013, com a troca de administração da Universidade, Vera foi convidada a dirigir a emissora, trabalho que desempenhou até se aposentar no mesmo ano. Um detalhe que chamou atenção em sua fala foi a presença marcante das lutas travadas por ser mulher. Foi através de sua narrativa que surgiu a necessidade de um levantamento sobre o trabalho feminino dentro do ambiente da Rádio Federal FM que resultou em um artigo sobre as vozes femininas da Rádio Federal FM. O tema será abordado no último capítulo da dissertação por ser de suma importância para o cotidiano da Rádio, ambiente preponderantemente masculino.

Outra entrevista de História Oral foi realizada com o primeiro diretor da emissora, José Maria Marques da Cunha, no dia 11 de outubro, em sua *radio web*, intitulada Rádio BraPel. O local pode ser descrito como um Museu do Rádio, tendo em vista que possui uma grande coleção de aparelhos radiofônicos, além de peças de transmissores, válvulas entre outros equipamentos que constituem uma emissora tradicional. Cunha conta como iniciou no rádio:

Eu comecei fazendo um programa na UPES, eu fui vice-presidente da UPES, na época era União Pelotense dos Estudantes Secundários, tinha um programa de rádio e aí toda a semana se fazia notícias estudantis do segundo grau e tal. E eu comecei a atuar ali e depois um amigo meu que é médico, foi trabalhar na Rádio Cultura, no esporte, e me convidou para trabalhar como repórter, neste meio tempo eu era bancário, trabalhava no Banco Francês, e trabalhava na Rádio. E aí um belo dia o Bispo me telefonou e me perguntou se eu podia trabalhar com ele e tal. E aí ele me disse que ia instalar a Rádio, tinha o canal da Rádio, tinha até o transmissor e aí perguntou se eu não queria ir para lá. Eu fui entrevistado na época, tinha quatro candidatos e eu fui o último a ser entrevistado pelo Frei Matiolo, foi diretor da TV Difusora, ele era capuchinho e foi o primeiro engenheiro que colocou televisão colorida no Brasil. Um camarada fantástico, que já faleceu. E quando eu estava saindo ele colocou a mão no meu ombro e disse, olha José, eu vou lhe indicar para o Dom Antônio, mas o acerto é com ele. Quando foi a tarde o Dom Antônio já me telefonou e perguntou se eu poderia me desligar do banco em seguida, e eu disse: - Ah, mas tem que dar prazo aqui no banco, aí ele se tocou para Porto Alegre, falou com a direção geral e me dispensaram no outro dia, sem acertar valor, nem nada, e eu fui para Universidade (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

O jornalista nascido em 30 de abril de 1939, conta, em 35 minutos de entrevista, como ocorreu o planejamento da Rádio, desde o convite do reitor Delfim

Mendes da Silveira para montar a emissora. Além disso, Cunha fala sobre a permanência do rádio como veículo de comunicação traçando um comparativo entre as dificuldades iniciais do rádio e as facilidades da atualidade. A *rádio web* de Cunha, por exemplo, funciona 24 horas por dia, a partir de um computador conectado à internet, sem a necessidade de um operador de som presente no estúdio, o que demonstra a evolução do veículo de comunicação. A Rádio BraPel, como é conhecida, produz conteúdo voltado aos esportes, principalmente sobre os três times da cidade, Esporte Clube Pelotas, Grêmio Atlético Farroupilha e Grêmio Esportivo Brasil. A programação pode ser acompanhada em qualquer lugar do mundo, pelos aplicativos de *smartphone* e *tablet* e pela internet.

Cunha, apesar de participar da concepção da Rádio Cosmos desde 1976, quando participou das tratativas para a conquista da outorga da emissora, passou a integrar o quadro efetivo somente no dia 1º de setembro de 1980 e atuou como diretor até 1984.

Aí começamos com a movimentação da documentação, um dia me chamaram para levar a carteira profissional, eu não estava nem pensando em ser contratado pela Universidade, eu queria contribuir, mas ocorre que para tu viajar pela Universidade tinha que ser funcionário senão não podia, e tinha que ir a Brasília e vem e vai... Aí o professor Delfim me contratou como assessor especial da Reitoria (MARQUES DA CUNHA, 2017).

O radialista tem muita experiência com a instalação de rádios. Cunha ajudou a implementar outras cinco rádios no estado, contando com a Rádio da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG).

Então a minha história no rádio foi essa, aí depois fui lá para instalar a Cosmos, ao mesmo tempo fui instalar a Rádio Planalto de Passo Fundo, que era AM, e por último o professor Pedoni, que vinha há anos tentando um canal para a FURG e não conseguia. Só que eles entravam de forma errada, aí eu fui a Brasília e conseguimos o canal e conseguimos instalar a Rádio da FURG, que era a Rádio Universidade FM de Rio Grande. E essa foi a minha colaboração. Aí não satisfeito com tudo isso, me aposentei e vim brincar de rádio aqui na BraPel (MARQUES DA CUNHA, 2017).

No dia 25 outubro de 2019, uma quinta-feira à tarde, ocorreu a entrevista com a jornalista Zari Machado Gonçalves na casa de sua mãe. A entrevista durou 1 hora e 37 minutos. Nascida em 3 de outubro de 1956, Zari ingressou na

Universidade em 1977, como técnica administrativa do Instituto de Biologia, desempenhando a função de secretária, depois de algum tempo passou a trabalhar na Faculdade de Odontologia. Em 1982, formou-se em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas e em 1983 passou a integrar a equipe da Rádio, ainda como assistente administrativa, mas desempenhando funções de radialista como redatora, locutora e entrevistadora. Zari permaneceu na função até a sua aposentadoria. Em sua fala, conta como é a sua relação com o rádio:

[...] eu levanto e já coloco o rádio, eu tenho rádio em casa, agora de tarde eu chego lá e coloco na Gaúcha e fico sabendo tudo, as entrevistas, o pessoal dizendo, olha o tempo, olha lá tá chovendo, aqui não tá, aconteceu um acidente lá, olha entrou direto lá de Brasília, então é uma rádio que eu gosto, que é de propaganda, mas eu gosto porque está ligada a tudo. Entrevista todo mundo e tu sabe tudo o que está acontecendo e depois tu pensas e tu tiras o teu parecer, mas a gente fica sabendo das notícias (MACHADO, 2018).

Em suas lembranças, destaca as coberturas dos Festivais que, segundo ela, só era possível pela dedicação e busca por apoios culturais em forma de permuta, tendo em vista que a Rádio não é comercial e não havia recursos para as viagens e gastos da equipe.

Já a entrevista de Teresa Cunha, foi realizada no dia 9 de novembro de 2018, na Câmara de Vereadores, local em que a jornalista trabalhava como assessora parlamentar do vereador Marcus Cunha, filho de José Marques da Cunha. A entrevista teve uma hora de duração e revela vários aspectos da atuação profissional da narradora, tanto na Rádio Federal FM como nos outros veículos de comunicação em que trabalhou.

Nascida em 13 de fevereiro de 1956, Teresa Cunha ingressou na Universidade por concurso em 1990 e começou trabalhar na Rádio como jornalista, permanecendo lá por um ano e meio, quando foi convidada a chefiar a Assessoria de Comunicação da UFPel, permanecendo um ano no cargo. Após enfrentar problemas políticos dentro da Instituição, a servidora acabou saindo, através do Plano de Demissão Voluntária, já que pensava estar sendo subaproveitada em sua função.

Eu ingressei por concurso em 1990, concurso público e fui direto para Rádio, eu também sou radialista, fui direto para a Rádio e um ano depois vagou... as duas vagas que tinham era para jornalista e

eu fiquei com a segunda vaga, mas me mandaram para Rádio, como jornalista, mas misturava tudo, radialismo e jornalismo, depois uma jornalista que era da Assessoria de Comunicação foi embora porque o marido foi chamado para trabalhar no Paraná e ela acompanhou ele e se desligou e eu fiquei com a vaga dela na Assessoria e na época o reitor, que era o Amílcar Gigante, me convidou para chefiar a Assessoria de Comunicação e então durante um ano eu chefiar a Assessoria (TERESA CUNHA, 2018).

Sobre o seu início como radialista, ela conta que iniciou trabalhando na Tupanci com o jornalista Deogar Soares. Apesar de inicialmente ser proibida pelo seu pai de trabalhar em rádio, anos mais tarde, ela passou a desempenhar as funções de radialista, passando por diversos veículos de comunicação.

E aí comecei de radialista de novo com ele, então eu trabalhei lá com ele um ano, aí depois eu fui para Tuiuti, depois eu fui para o Correio do Povo, depois eu fui para Tuiuti de Santa Catarina, aí fui para Brasília, depois eu tive meu filho em Brasília, voltei para Pelotas, aí o Deogar me levou lá para a RU, depois para a Alfa, então eu já fiz de tudo, TV e rádio, tudo e fazia crônicas com o Deogar lá na Alfa, que ele tinha um programa de crônicas, que a gente fazia crônicas sobre a cidade, mas eu também fazia um noticiário com ele, os dois, nós liamos notícias de manhã cedo e eu adoro rádio (TERESA CUNHA, 2018).

A entrevista semiestruturada foi realizada com o professor aposentado do então Instituto de Letras e Artes, João Manuel dos Santos Cunha, nascido em 18 de junho de 1945. João Manuel ingressou na Universidade em 1979 e em 2015 se aposentou. O professor assumiu a direção da Rádio entre os anos de 1989 e 1993.

A convite também do professor Schlee e do reitor Dr. Amílcar Gigante (na primeira gestão democrática, eleita pelo voto direto da comunidade universitária), assumi a direção da Rádio Cosmos, com a missão e o objetivo de transformá-la num verdadeiro meio de produção e veiculação cultural, característica que toda mídia vinculada a instituições acadêmicas deveria ter e que a Cosmos jamais alcançara. Ainda que sob forte reação político-ideológica e corporativa, tanto em nível local como nacional, nossa gestão buscou seguir essa linha, de 1989 a 1993. A falta de recursos federais e as dificuldades técnicas tanto de manutenção como de qualificação do pequeno grupo de servidores lotados na Rádio, dificultaram muito a qualidade das emissões (inclusive deficiência técnica e da área de manutenção). Em meio a essas adversidades, não foi possível, entretanto, alcançar o nível que pretendíamos, pelo menos do ponto de vista técnico, na qualificação das transmissões (JOÃO MANUEL CUNHA, 2017).

João Manuel, apesar de ter marcado a entrevista de História Oral, acabou desistindo por motivos pessoais relativos a acontecimentos durante a sua gestão, aceitando participar da pesquisa através de um questionário, que foi respondido via e-mail. O questionário, apesar de respondido de forma resumida revela traços importantes para a pesquisa como a atuação e valorização das radialistas que trabalharam durante a época que estava à frente da Rádio. Neste período mencionado por ele, a Rádio possuía três radialistas mulheres atuando na programação.

1.2. Fontes documentais e impressas

Além da História Oral, a pesquisa utilizou fontes documentais observadas a partir de pesquisa nos acervos da Coordenação de Comunicação Social e Reitoria, bem como a análise de jornais. Por ser um material esparso, optou-se por anexá-lo ao corpo do texto com o objetivo de facilitar a sua consulta.

A pesquisa documental nos acervos da Instituição resultou em poucas fontes, tendo em vista que a Instituição não teve a preocupação de preservar os documentos da emissora. De acordo com Vera Lopes, quando assumiu a direção, logo em seguida que a Rádio mudou de endereço, procurou alguns documentos e não os encontrou, concluindo que foram perdidos durante a mudança. Desta forma, as fontes tiveram um caráter complementar, confirmando algumas datas e momentos importantes da emissora como, por exemplo, a ata do Conselho Universitário que decidiu a troca do seu nome. De acordo com Bacellar (2015, p. 42) é comum no Brasil que as Instituições acabem não preservando os seus documentos. Para ele:

[...] as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras. Muito poucos são os casos de iniciativas de organização de tais acervos empreendidas por seus produtores ou detentores, com o objetivo final de franqueá-lo à consulta. Mais usuais são os casos de doação ou venda para arquivos públicos ou centros de documentação, onde podem ser abertos à pesquisa.

Para Cellard (2008, p. 295) “as capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes, ou deformar acontecimentos”. Além disso,

em muitos casos, os documentos se constituem como quase que exclusivamente os vestígios de uma determinada época.

Para o autor, os documentos eliminam parte da influência do pesquisador na análise, contudo é limitado no sentido de ser incompleto e não possibilitar precisões adicionais. Quanto à metodologia, os pesquisadores devem ter cuidado ao realizar uma pesquisa documental:

Em primeiro lugar ele deve localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade. O autor do documento conseguiu reportar fielmente os fatos? Ou ele exprime mais as percepções de uma fração particular da população? (CELLARD, 2008, p. 296)

É essencial o estudo sobre o contexto no qual o documento foi criado, sobre as pessoas envolvidas no fato documentado, o autor ou autores e seus interesses, os locais e as circunstâncias que permeiam o documento, por exemplo. Todas as informações permitem avaliar a credibilidade, a interpretação dos fatos e os desvios relativos à construção do texto.

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte das preocupações de ordem crítica tomada pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise. [...] Uma análise confiável tenta cercar a questão recorrendo a elementos provenientes, tanto quanto possível, de fontes, pessoas e grupos representando muitos interesses diferentes, de modo a obter um ponto de vista tão global e diversificado quanto pode ser (CELLARD, 2008, p. 305).

É importante também salientar a relevância da imprensa como registro da história do tempo presente. Desta forma, a pesquisa utilizou os jornais também como fonte complementar às narrativas, de modo a preencher lacunas dos fatos relatados, como algumas datas emblemáticas e dados técnicos sobre o início da emissora.

De Luca (2015) discorre sobre uma hierarquia de qualidade dos documentos estabelecida na década de 1970, na qual os jornais eram tidos como inadequados para a pesquisa histórica, por conterem fragmentos distorcidos sobre o evento ou fato. Para a autora, nas décadas finais do século XX, com a terceira geração dos

Analles, este cenário foi modificado. Contudo, o uso da imprensa enquanto fonte, precisa de um cuidado metodológico, tendo em vista que o seu conteúdo muitas vezes é tendencioso, motivado por ideologias e interesses dos jornais e seus parceiros. Desta forma, é importante atentar para as características do periódico, o grupo responsável, os colaboradores, o público, as fontes de receita, entre outras.

[...] devemos lembrar que na Imprensa a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros, mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dadas ao azar, mas ao contrário denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio “filtro” (ZICMAN, 1985, p. 90, grifo da autora).

Para este estudo, dois jornais foram pesquisados: o Diário Popular e o Diário da Manhã. De acordo com Loner (1998), o Diário Popular foi fundado em 27 de agosto de 1890 para ser um jornal independente de qualquer partido político. Contudo, em seguida foi vendido ao Partido Republicano Rio-Grandense em Pelotas, tornando-se seu veículo oficial durante toda a República Velha. A equipe inicial do periódico, por questões partidárias acaba abandonando o Diário Popular em 1896 e fundando A Opinião Pública.

De acordo com Bandeira (2018), em 1980, ano que a rádio iniciou as suas atividades, o diretor do jornal era Clayr Lobo Rochefort e o diretor financeiro era Edmar Fetter, que já havia ocupado os cargos de prefeito da cidade e vice-governador do estado e foi por muito tempo um dos principais acionistas e membro da diretoria. Para a autora, em um primeiro momento as notícias eram pautadas pelo vínculo partidário, mais tarde pelo institucional com a aproximação com a Associação Comercial de Pelotas.

Já Loner (2010, p. 107) destaca que o periódico, após 1972, “passou a ser dirigido por uma diretoria executiva, composta por três membros na qual, nos últimos anos, sempre se destacou um representante da família Fetter”. Atualmente, o Diário Popular é o principal periódico da cidade.

O periódico Diário da Manhã surge mais recentemente, ou seja, em 24 de junho de 1979, por iniciativa de Hélio Freitag, que consolidou a empresa com um caráter familiar, com uma circulação diária e uma linha editorial local e regional. O periódico não possui uma equipe de redação muito grande, com isso publica, em

sua maioria, os *releases* encaminhados pelas assessorias de imprensa das instituições.

A pesquisa nos dois periódicos revelou uma grande disparidade de interesse no tema da Rádio Federal FM. No período pesquisado, que contempla a concessão, o início das transmissões em caráter experimental e a inauguração oficial, foram encontradas dez notícias no Diário Popular e apenas uma no Diário da Manhã, demonstrando claramente as diferenças nas linhas editoriais. O discurso do Diário Popular exalta a criação da Rádio Cosmos, dando a ela uma grande importância e pontuando o seu pioneirismo. Ao contrário, o Diário da Manhã publica uma única nota, pequena, com as informações de forma objetiva sobre a inauguração da emissora.

1.3. O mundo do trabalho e os ofícios em transformação

Em constante movimento, o mundo do trabalho está sempre em busca de novas formas de lidar com as necessidades da sociedade, sejam elas de consumo, de qualidade ou de quantidade de produtos e serviços prestados. Com isso, surgem a cada dia novos formatos de produção, de produtos e inovações tecnológicas.

Em sua maioria, as modificações acabam melhorando a qualidade de vida dos consumidores e trabalhadores, ampliando as formas de interação com o mundo, trazendo praticidade ao dia-a-dia das pessoas entre inúmeras outras contribuições. Contudo, tantos avanços tornam a vida dos trabalhadores e trabalhadoras mais difícil, no sentido de precisarem adaptar constantemente seus processos de trabalho aos desafios que esta nova realidade impõe. Para entender e analisar todas estas mudanças dentro da Rádio Federal FM, surge a necessidade de situá-la dentro da historiografia e buscar métodos que possibilitem a análise dos processos de trabalho dos radialistas. Desta forma, foi necessário pesquisar sobre a História Social do Trabalho, a História do Cotidiano e os ofícios em transformação.

A partir do surgimento do movimento intitulado Escola dos Annales, a História Social delimitou-se na historiografia, nascendo com problemáticas e metodologias próprias com o objetivo de abordar a história de grupos sociais que antes estavam à margem da história tradicional.

Formulavam-se, como problema central, os modos de constituição dos atores históricos coletivos, ‘as classes, os grupos sociais, as categorias sócio profissionais’, e de suas relações que conformavam historicamente as estruturas sociais. As relações entre estrutura (com ênfase na análise das posições e hierarquias sociais), conjuntura e comportamento social definiriam, assim, o campo específico a ser recortado (CASTRO, 1997, p. 48, grifo da autora).

Neste sentido, a autora afirma que nos anos de 1960 a História Social recolocava a ação humana como questão para a história, trazendo a abordagem do tempo da experiência e do vivido para as pesquisas, aproximando-se da antropologia e privilegiando cada vez mais as abordagens socioeconômicas. Por sua vez, Thompson (1997, p. 10) enfatiza em seus trabalhos a análise de fatos históricos “sempre encarnada em pessoas e contextos reais”.

À medida que alguns atores principais da história – políticos, pensadores, empresários, generais – retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte, que supúnhamos ser composto de simples figurantes, força sua entrada em cena (THOMPSON, 2001, p. 234).

Castro (1997) lembra que a tradição marxista britânica de história social do trabalho, juntamente com a obra de Thompson, inseriu os conceitos de experiência e cultura, tornando-os indispensáveis nas pesquisas sobre a ação social. Thompson desenvolveu as suas pesquisas baseado em diversas fontes como jornais, panfletos e livros de ata, dando visibilidade à História Social e influenciando pesquisas sobre grupos, conflitos e desigualdades sociais, dentre outros.

O desenvolvimento da problemática tendeu rapidamente a ultrapassar o interesse inicial no ativismo operário, para concentrar-se na compreensão da experiência das pessoas comuns, no passado, e de suas reações a esta própria experiência (CASTRO, 1997, p. 51).

A “história vista de baixo” permite explorar as experiências de homens e mulheres que tiveram suas ações e atividades históricas ignoradas ou mencionadas sem detalhamentos, como excluídos e discriminados, dando visibilidade historiográfica às pessoas comuns, ou ainda, às experiências históricas silenciadas.

A história social mantém, entretanto, seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a

experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivas – sociais – na explicação histórica (CASTRO, 1997, p. 54).

O trabalho é responsável pela sobrevivência humana e é através dele que a maioria das pessoas produz os meios para o seu sustento. Contar e analisar a história dos trabalhadores é de suma importância para entender as mudanças nos processos de produção e as tensões vivenciadas pelos trabalhadores.

Como já citado, para conduzir as suas pesquisas em História Social do Trabalho, Thompson (1997) utiliza-se do conceito de “a história vista de baixo” que nada mais é que dar protagonismo aos que não têm voz nos documentos oficiais, aqueles que sofrem diretamente com as consequências das transformações dos processos de trabalho, as pessoas comuns.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludista, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ [...]. Seus ofícios e tradições poderiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo poderia ser retrógrada. Seus ideais comunitários poderiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais poderiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais (THOMPSON, 1997, p. 13, grifo do autor).

Desta forma, em seu estudo, o autor reconstrói experiências cotidianas dos operários e analisa como elas contribuíram para a construção e a formação da consciência de classe. Segundo Hobsbawm (2013), para os marxistas e socialistas este interesse pela “história vista de baixo” se deu a partir do crescimento dos movimentos operários.

Está claro que a história social, a partir de 1950, foi poderosamente moldada e estimulada não só pela estrutura profissional das outras ciências sociais (por exemplo, as exigências acadêmicas específicas para estudantes universitários) e pelos seus métodos e técnicas, mas também por suas questões (HOBSBAWM, 2013, p. 112).

Para Hobsbawm (2013, p. 114) com a necessidade, entre outras, de estudar a transformação das sociedades, incluindo a modernização e a industrialização, “experimentamos igual necessidade das técnicas para observação e análise em profundidade de indivíduos específicos, pequenos grupos e situações que também

foram destravadas fora da história”. Isso se deve, segundo o autor, ao fato de que, anteriormente, a maior parte da história era escrita para exaltar os governantes.

Ao rememorar a história da gente comum, não estamos meramente tentando conferir-lhe um significado político retrospectivo que nem sempre teve; estamos tentando, mais genericamente, explorar uma dimensão desconhecida do passado (HOBBSAWM, 2013, p. 284).

Para inserir a voz das pessoas comuns na historiografia, uma reavaliação das metodologias utilizadas se fez necessária. Neste sentido, a História Oral consegue ser utilizada como fonte para os grupos que ficam a margem de outros tipos de documentos, como os impressos, por exemplo. Este tipo de fonte geralmente prioriza a participação de grandes homens na história. No caso da Rádio Federal FM, por exemplo, os documentos e jornais, destacam apenas os atos oficiais dos reitores e diretores. O trabalho cotidiano dos radialistas e até mesmo a contribuição deles é deixado de lado.

A prática e o debate metodológico em relação ao uso da técnica de história oral neste campo têm sido intensos nos últimos vinte anos, mapeando seus avanços e limitações. Um intenso intercâmbio com a antropologia permitiu transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas (CASTRO, 1997, p. 51).

Para Hobsbawm (2013), os historiadores dos movimentos populares, ou da “história vista de baixo”, dedicam-se ao estudo de como as sociedades funcionam e como se dá as mudanças pelas quais elas passam. Os processos de trabalho sofreram inúmeras alterações no decorrer da história. A própria concepção de trabalho já passou por muitas transformações. Entre os aspectos que influenciaram essas modificações estão as guerras, revoluções e avanços tecnológicos.

Com a Revolução Industrial, a partir de 1760, avanços científicos e tecnológicos mudaram o cotidiano dos trabalhadores. As inovações técnicas levaram a mecanização às fábricas que, por sua vez, diminuíram o emprego de mão de obra. Para Oliveira (2004, p. 86) a relação do indivíduo com o seu trabalho mudou, anteriormente ele conhecia todo o processo para a concepção de um produto. Ele afirma que o operário “perdeu o saber do produto todo ao ir trabalhar nas indústrias, já que não poderia concorrer com elas, tornaram-se, assim, subordinados às mesmas e expropriados do seu saber”.

Esta época marca uma reviravolta nos processos de trabalho. Oliveira (2004) salienta que as transformações da Revolução Industrial não ocorreram de forma homogênea na Inglaterra e Europa. Contudo, pontua algumas das principais modificações que aconteceram.

Mecanização da produção, surgimento das principais máquinas, energia do carvão e do ferro, revolução na agricultura – adubação, novos tipos de plantações em oposição ao sistema rotativo de cultivo, utilizado desde a Idade Média, em que se interrompiam a cultura em uma parte da terra durante algum tempo para a recuperação do solo, formação da força de trabalho, são algumas das principais características impostas pelas transformações técnicas e econômicas no final do século XVIII na Inglaterra, as quais foram denominadas de Revolução Industrial (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

Para Thompson (1997), os fatores que mais afetaram os trabalhadores no decorrer da história foram as transformações ocorridas nas relações de trabalho e nos processos de produção.

Com a consolidação do capitalismo se exacerbam as injustiças, através da centralização de capital nas mãos de um pequeno número de pessoas; carência de direitos trabalhistas; crescimento desordenado das cidades; surgimento de periferias; formação de favelas e bairros populares sem a infraestrutura necessária. Surgem também conflitos entre capital e trabalho, uma vez que a luta de classes toma corpo com o objetivo de valorização dos trabalhadores, na busca por uma equidade econômica e o fim da opressão.

Em 1911, surge o Taylorismo, um novo método de trabalho desenvolvido por Frederick Taylor, que consistia na divisão do trabalho, organizando os trabalhadores de forma a deixar cada um responsável por uma tarefa dentro da fábrica. Taylor, apesar de não ter criado um conceito novo, tendo em vista que o processo de divisão já estava se consolidando, sintetizou uma nova forma de controlar o trabalho. Para Braverman (1987, p. 86), Taylor “asseverou como uma necessidade absoluta para a gerência adequada, a imposição ao trabalhador da maneira rigorosa pelo qual o trabalho deve ser executado”.

Henry Ford, em 1914, acabou utilizando o taylorismo em sua fábrica. Contudo, ele foi além e criou a linha de montagem, operando a fábrica de forma a dar mais agilidade à produção ao mesmo tempo em que barateou o preço do

produto final com a produção em alta escala. Este novo modo de produção ficou conhecido como Fordismo.

O que havia de especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era sua visão, seu reconhecimento explícito de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução de força de trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista (HARVEY, 1992, p. 121).

As inovações do Fordismo acabaram por criar um modo de produção que revolucionou todos os setores da economia. No entanto, este novo modelo acabou por desqualificar e intensificar o trabalho. Em 1970, o Fordismo entra em crise com a diversificação de produtos e a flexibilidade do trabalho. O Taylorismo e o Fordismo limitaram e simplificaram o processo de trabalho, tornando o trabalhador dependente da máquina.

Para Harvey (1992, p. 119), essas alterações das necessidades da sociedade foram responsáveis por “tornar a hipótese de uma passagem do fordismo para o que poderia ser chamado de regime de acumulação flexível, uma reveladora maneira de caracterizar a história recente”. Esta nova concepção foi criada por Eiji Toyoda e tem como característica principal a flexibilização da produção conforme a demanda, ao contrário do que ocorria no modelo fordista. Para o autor este período:

[...] se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1992, p. 140).

Ao discorrer sobre os novos hábitos de trabalho e as modificações na disciplina do tempo, Thompson (1998, p. 269) defende que “a transição para a sociedade industrial madura acarretou uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho – novas disciplinas, novos estímulos e uma nova natureza humana em que esses estímulos atuassem efetivamente”.

O que precisa ser dito não é que um modo de vida seja melhor do que o outro, mas que esse é um ponto de conflito de enorme

alcance; que o registro histórico não acusa simplesmente uma mudança tecnológica neutra e inevitável, mas também a exploração e a resistência à exploração; e que os valores resistem a ser perdidos bem como a ser ganhos (THOMPSON, 1998, p. 301).

O mundo do trabalho no final do século XX e início do século XXI é marcado pelo avanço de reformas neoliberais. No Brasil, apesar da Constituição de 1988 prever um Estado Democrático de Direito e um desenvolvimento econômico e social com a redemocratização, o País passou por um processo de transformação, marcado pela racionalização e flexibilização do trabalho. Como reflexo das políticas adotadas, se acentua o desemprego, a informalidade, a precarização do trabalho e a terceirização, agravando as desigualdades e dificultando ainda mais a vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

Em cada uma destas mudanças no mundo do trabalho, os trabalhadores e trabalhadoras precisaram se adaptar, se atualizar e muitas vezes se reinventar com o objetivo de acompanhar estas transformações.

A presente pesquisa se relaciona à história do cotidiano, tendo em vista a leitura de Agnes Heller (2016), que contribui com a análise de aspectos da vida social que nem sempre são analisados pela historiografia. Para Heller (2016, p. 38), “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”. Além disso, outros autores são analisados trazendo para o debate sobre os riscos da nova sociedade, a extinção e transformação dos ofícios, dentre outros assuntos relacionados.

Atualmente, a extinção de alguns ofícios revela uma sociedade que passa por diversas modificações. A rapidez com que novas tecnologias foram inseridas no mundo do trabalho tanto na indústria, como no comércio e no setor de serviços no último século, resultou na necessidade de um esforço muito grande por parte dos trabalhadores para se adaptar às novas exigências dos processos de produção, uma grande revolução nas relações de trabalho que resultou no aparecimento de novas ocupações, com ofícios sendo extintos e outros criados ou transformados. Para Giddens (2006), todos estes aspectos demonstram muito mais que uma inserção de aparelhagens no cotidiano das pessoas.

Vivemos num mundo de transformações, que afectam quase tudo o que fazemos. Para o melhor ou para o pior, estamos a ser empurrados para uma ordem global que ainda não compreendemos

na sua totalidade, mas cujos efeitos já se fazem sentir em nós (GIDDENS, 2006, p. 19).

A vida cotidiana se constitui nas experiências em torno das vivências das pessoas. Neste contexto, as experiências profissionais acabam influenciando no dia-a-dia. Como já mencionado anteriormente, para Heller (2016), a vida cotidiana está no centro do acontecer histórico e é através do cotidiano que o homem faz a história. Heller defende que a vida cotidiana condiz com a vida de todos os homens e é parte essencial da vida de qualquer pessoa.

Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão de trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente (HELLER, 2016, p. 35, grifo da autora).

A autora também defende que a vida cotidiana equivale a vida do homem por inteiro, com todas as suas particularidades, e que se coloca na vida de forma atuante, sendo ativo e receptivo, mobilizando todas as suas potencialidades de forma imediata com o objetivo de responder aos acontecimentos cotidianos.

[...] o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias (HELLER, 2016, p. 35, grifo da autora).

Muitas pessoas vivem o cotidiano de forma a não necessitar de mudanças. Ao defender que a vida cotidiana é hierárquica e heterogênea, a autora também alerta que ela está propensa a alienação. Para Heller (2016, p. 36), a vida cotidiana é heterogênea, constituindo-se em fragmentos orgânicos como "a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação". A autora também destaca a hierarquização da vida cotidiana, que prioriza determinados acontecimentos, lidando com eles com intensidade distintas.

Assim, por exemplo, nos tempos pré-históricos, o trabalho ocupou um lugar dominante nessa hierarquia; e, para determinadas classes

trabalhadoras (para os servos, por exemplo), essa mesma hierarquia se manteve durante ainda muito tempo: toda a vida cotidiana, à qual se subordinavam todas as demais formas de atividades (HELLER, 2016, p. 36).

Apesar de construir a própria história, o homem está exposto às diversas ocorrências, eventualidades e oportunidades do cotidiano que podem alterar as suas expectativas iniciais. Para Heller (2016, p. 13), “[...] os homens aspiram a certos fins, mas estes estão determinados pelas circunstâncias, as quais, de resto, modificam tais esforços e aspirações, produzindo desse modo resultados que divergem dos fins inicialmente colocados”. Para ela, um homem não representa a essência da humanidade, sendo que sua particularidade expressa a sua natureza isolada e individual. Sendo assim, o indivíduo é um ser particular e genérico.

O seu caráter genérico também está constituído nas atividades genéricas como o trabalho. Segundo Heller (2016, p. 40), “assim, por exemplo, o trabalho tem frequentemente motivações particulares, mas a atividade do trabalho – quando se trata de trabalho efetivo (isto é, socialmente necessário) – é sempre atividade do gênero humano”. A autora também defende que o homem enquanto indivíduo, é um ser genérico, tendo em vista que:

[...] é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano, mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração [...] cuja parte consciente é o homem na qual se forma sua ‘consciência de nós (HELLER, 2016, p. 51).

Contudo, ela salienta que isso não invalida a particularidade do indivíduo tendo em vista que o sujeito possui necessidades humanas, como fome, frio, ideais, motivações, valores entre outras necessidades e características individuais.

Tão somente durante as fases produtivas, essa particularidade é suspensa; e, quando isso ocorre, tais indivíduos se convertem, através da mediação de suas individualidades, em representantes do gênero humano, aparecendo como protagonistas do processo histórico global (HELLER, 2016, p. 51).

Heller (2016, p. 133) também discorre sobre os papéis sociais do indivíduo. Para ela, “quando ao terminar uma tarefa, alguém se empenha em resolver outro

problema, não se limita a trocar de papel, mas começa a mudar a si mesmo na medida em que a nova tarefa reclama outras qualidades”.

Em seu estudo sobre as profissões do passado e do futuro, Aued (1997, p. 10) destaca alguns aspectos que tornam uma profissão que antes era indispensável, em desnecessária em um outro momento. “Entre a extinção de uma profissão e a emergência de outra, percebemos o (im) + pacto das inovações tecnológicas que moldam e redefinem o social”. A autora defende que a profissão está em transição e em crise.

Os profissionais de ofícios que por sua própria natureza, em momentos históricos muito remotos, nadavam no remanso de águas serenas, hoje, ao contrário, nadam em águas tempestuosas. Muito mais do que ontem, o personagem social visto na ótica profissional, manifesta-se em obsolescência ou em vias de extinção. O desemprego põe a nu essa forma que extingue ofícios, profissões e seres humanos (AUED, 1997, p. 11).

Tomasi & Silva (2007, p. 6) entendem ofício como sendo “o encontro de habilidades técnicas, intelectuais e manuais associadas a uma experiência”. Segundo os autores, o ofício seria a posse do saber fazer, uma habilidade, uma formação, uma qualificação. Neste sentido, pode-se estabelecer um viés com o processo de trabalho do radialista que antes desenvolvia um trabalho manual que exigia uma habilidade técnica e que, aos poucos passou a ser automatizado e informatizado, facilitando a sua execução através de ferramentas como o gravador portátil e o computador. Contudo, o trabalhador precisou de um esforço para conseguir se adaptar às novas ferramentas de trabalho.

Deve-se observar, inclusive, que a maior parte dos ofícios não tem mais o trabalho artesanal ou independente como referência, mas o trabalho assalariado, o que significa dizer que, a autonomia, de um lado, e a subordinação a empresa, do outro, devem se conformar a uma nova realidade do trabalho (TOMASI & SILVA, 2007, p. 10).

Mesmo dentro de uma empresa, essa afirmação dos autores se confirma, tendo em vista a informatização dos processos de trabalho. Em seu estudo, Rattner (2010, p. 120) relembra o filme Tempos Modernos, no qual são demonstrados os reflexos do fracionamento das operações de trabalho e dos primeiros passos da automação. Para o autor, “as novas fábricas incorporaram novos produtos e processos que resultaram em aceleração e intensificação das operações de trabalho

e em maior exploração dos trabalhadores”. Em consonância, Aued (1997) discorre sobre a transição que ocorreu durante esta modificação e os seus reflexos para os trabalhadores.

Nem tudo é informática; nem toda informática dispensa o conhecimento. A arte de continuar sendo um profissional, até que historicamente se tornasse dispensável, exigiu muita competência. A passagem de uma sociedade à outra comporta um período de transição. Ela por sua vez pode gerar angústia, sofrimento de toda a ordem, pois não é mais possível viver na velha forma porque uma nova fórmula, histórica, ainda não surgiu (AUED, 1997, p. 20).

Observa-se que a tecnologia acaba por resolver muitos problemas, facilitar o trabalho, criar novos empregos, porém acaba extinguindo ou transformando outros. Os avanços tecnológicos acabam modificando o mundo do trabalho de forma rápida e dinâmica, o que demanda um esforço do trabalhador na mesma velocidade. Para Kovács (2001) os avanços tecnológicos requerem uma aprendizagem contínua individual e coletiva.

A utilização das novas tecnologias permite obter ganhos, em termos de eficiência de custos, de capacidade, de qualidade e de inovação. No entanto, a realização dessas potencialidades depende do desenvolvimento de formas organizacionais, competências e comportamentos capazes de utilizar as novas oportunidades, mas ao mesmo tempo requererem uma nova lógica organizacional (KOVÁCS, 2001, p. 46).

Em consonância, Ferreira (2001, p. 87) acredita que: “novos postos de trabalho são criados em nível de programação, concepção, manutenção e fiscalização das novas tecnologias, ao mesmo tempo que outros vão sendo extintos”. Para a autora, o saber-fazer do trabalhador é extinto ou reestruturado exigindo uma maior ou menor qualificação para sobrevivência em sua área de atuação. Mesmo as profissões mais conservadoras acabam sendo modificadas, datilógrafos, parteiras, relojoeiros eram profissões essenciais antigamente e hoje tornaram-se praticamente obsoletas ou foram transformadas. Contudo:

Se considerarmos que indirectamente a extinção de postos de trabalho personifica a impossibilidade de manter e reproduzir uma série de qualificações do factor de produção trabalho, então, no cômputo geral, a tendência histórica actual para a desqualificação é maior do que a tendência inversa (FERREIRA, 2001, p. 89).

A autora pondera que as novas tecnologias como a informática, produzem informações excessivas e destaca: “não podemos esquecer que na organização do trabalho existe um processo de adaptação e de reacção em face das contingências que decorrem das mudanças no ambiente externo” (FERREIRA, 2001, p. 92). Em um mundo que passa por mudanças tão rapidamente, os trabalhadores que não se atualizam acabam ficando para trás. Aued (1997) aponta alguns reflexos deste processo.

O processo de transformação social, transcendente ao trabalho, no século XX, resulta em diversos obstáculos e dificuldades para os trabalhadores. Tais metamorfoses repercutem, sobremaneira, na atividade profissional, que imprime um processo de extinção de postos de trabalho e de profissões, todavia nem sempre no mesmo retorno e intensidade com que são extintos (AUED, 1997, p. 12).

Outra discussão se faz necessária sobre como o trabalhador perde a autonomia no seu cotidiano, para tornar-se dependente das novas tecnologias. Para Aued (1997, p. 22), “destroem-se os laços que atam os trabalhadores, no sentido em que este se torna seu apêndice”. Para a autora, essa transição é dolorosa para o trabalhador, mesmo que seja breve, tendo em vista que ele em um momento representa algo e logo já não tem mais essa representação.

Por mais breve que seja a tempestade que ele viva, decorrente desta transição em querer ser e não conseguir mais ser, uma dolorosa transição se instaura. Não há dificuldade maior de análise do que uma realidade indefinida, de fisionomias indecisas (AUED, 1997, p. 27).

Levando o debate para as questões midiáticas, Briggs & Burke (2016, p. 15) defendem que ao aparecer novos veículos de comunicação, os antigos não se extinguem, mas coexistem e interagem. Segundo os autores, “a mídia precisa ser vista como um sistema, um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque”. Para eles, “cada produto básico deixa a sua marca, e a mudança para novos produtos invariavelmente traz períodos de crise”. De acordo com Magnoni (2013, p. 3), “cada nova tecnologia que é inserida no cotidiano organizacional e profissional irá alterar o modo de trabalho nos veículos”. Para o autor, há também um aumento na qualidade

do conteúdo, transformações no formato e ampliação nas possibilidades de interação com o público.

Podemos trazer esses pensamentos dos autores para o objeto de estudo que por muito tempo esteve à frente da mídia, sendo um veículo de comunicação único, que levava aos lares muita informação através do som. Porém, a sua condição foi ameaçada pelo advento da televisão, um veículo inovador que, além do som, levava imagens às residências. Para Briggs & Burke (2016, p. 52): “O velho e o novo – por exemplo, o cinema e a televisão coexistem e competem entre si até que finalmente se estabeleça alguma divisão de trabalho ou função”.

Nesta época, o rádio precisou se reconfigurar como veículo de comunicação, enquanto a televisão tomava seu lugar e, muitas vezes, copiava o seu modo de fazer a programação. Contudo, após um período de adaptação, os dois veículos encontraram sua linha de atuação e passaram a coexistir, cada um com suas características e público-alvo definidos.

1.3.1. O ofício de radialista

O rádio se constituiu como o primeiro veículo de comunicação imediato e possui várias características que atraem o público, como o som, a interação, a objetividade entre outros aspectos. O veículo, quanto a irradiação, pode ser escutado a partir de ondas médias, tropicais ou curtas quando em amplitude modulada (AM) ou em frequência modulada (FM). Os suportes utilizados para escutá-la atualmente são diversos. As emissoras podem ser escutadas na TV por assinatura que disponibiliza inúmeros canais de rádio aos seus assinantes, por satélite através da antena parabólica, pela internet, pelo celular, além dos tradicionais aparelhos de rádio transistorizados, rádio do automóvel, aparelhos de som entre outros. Para Ferraretto (2014, p. 19) o fato de o rádio ter se adaptado a todas as tecnologias que surgiram o torna “um meio que extrapola sua base tecnológica inicial”.

Cabe aqui diferenciar o AM do FM. O AM foi a tecnologia utilizada na transmissão de rádio até a década de 1970, quando cedeu espaço para o FM, uma novidade na época.

AM é a abreviação de amplitude modulation (modulação de amplitude), que significa que o comprimento da onda de rádio varia

conforme o som transportado – ou seja, a voz ou a música modificam o formato da onda. [...] A tecnologia AM suporta três faixas distintas de rádio: ondas longas, raramente usadas, mas com grande alcance; ondas médias, utilizadas pela maioria das emissoras comerciais; e ondas curtas, que ricocheteiam na ionosfera e podem ser usadas para gerar um som de baixa qualidade, mas capaz de atingir grande distância do transmissor (PARRY, 2012, p. 238).

O rádio em frequência modulada (FM) vai surgir na década de 1960, a qualidade de som, tanto na transmissão como na recepção, acaba levando ao rádio uma programação musical mais forte. A interação também acaba sendo a marca das emissoras FM, que passam a liberar os microfones para conversas ao vivo com os ouvintes.

FM significa modulação de frequência; aqui, a frequência das ondas (o intervalo de tempo entre a chegada do pico de cada onda) é variada para transportar o sinal – o que cria um som mais nítido e claro e requer muito menos potência, mas não tem um alcance tão grande. [...] Como FM é mais precisa e percorre distâncias menores que AM, possibilita a proliferação de emissoras, que podem coexistir sem interferências (PARRY, 2012, p. 239).

De acordo com Ferraretto (2014), outras tantas características diferenciam uma rádio de outra, como o sinal analógico e digital, a definição legal da emissora, sendo ela comercial, comunitária, educativa, estatal ou pública, o conteúdo e até mesmo o seus suportes: rádio web, rádio online, web rádio e o podcasting.

Assim como as características de cada emissora são diversas, a profissão no rádio também possui várias funções. Ferraretto (2014, p. 41) vai separá-la em três categorias trabalhistas: “os jornalistas, os radialistas e os funcionários administrativos. Entre as duas primeiras existe uma grande confusão graças a algumas brechas na legislação”.

O Decreto 972, de 17 de outubro de 1969, que regulamenta a profissão de jornalista define que as atividades dos jornalistas são a redação de notícias, comentários e crônicas, a realização de entrevistas ou reportagens, a coleta de informações e a sua preparação para divulgação. Já o Decreto 83.284 de 13 de março de 1979, prevê as funções de redator, noticiarista, repórter, repórter de setor, rádio repórter e arquivista-pesquisador.

Os radialistas possuem a sua atuação definida através da Lei nº 6615 de 16 de dezembro de 1978 e do Decreto 84.134 de 30 de outubro de 1979. As funções

previstas são de coordenador de produção, coordenador de programação, discotecário, discotecário-programador, produtor-executivo, locutor, supervisor técnico, técnico de manutenção de rádio, operador, sonoplasta, técnico de externas e operador de transmissor de rádio (FERRARETTO, 2001).

Uma das grandes contribuições de Ortriwano (1985), que trata da história do rádio no Brasil, é a classificação das funções dos seus trabalhadores e trabalhadoras. Ela cita vinte funções apenas no departamento de jornalismo. São elas: setorista, rádio escuta, redator, editor, editor de horário, editor de reportagem, editor do jornal, editor-chefe, chefe de departamento, chefe de reportagem, assistente de chefia de reportagem, pauteiro, repórter, correspondentes, enviado especial, locutor, comentarista, apresentador, analista e pesquisador.

Para fins de estudo, esta pesquisa vai denominar como radialista, os profissionais que trabalham no rádio, sejam eles jornalistas ou radialistas em qualquer das funções destacadas, excluindo apenas os servidores administrativos.

Além da classificação trabalhista, torna-se necessário analisar as mudanças ocorridas no ofício dos profissionais de rádio. Para César (2005), o ambiente radiofônico mudou e hoje os radialistas têm mais tempo para interagir com o ouvinte e planejar o conteúdo a ser transmitido. Contudo:

O comunicador precisa se reciclar mais do que há alguns anos, justamente para poder interagir mais com as novas tecnologias, com os novos conceitos. Não se contrata mais ninguém com tabus quanto à informática, ou seja, é preciso conhecer bem o microcomputador, os sistemas operacionais, *softwares* de edição e de gerenciamento de áudio, enfim, estar antenado com os novos equipamentos que invadiram os estúdios (CÉSAR, 2005, p. 48).

O autor (2005) também discorre sobre a redução de mão de obra, afirmando que a chegada das novas tecnologias deixou muitos profissionais desempregados. Para ele, este é o lado injusto do progresso.

[...] o papel das máquinas sempre foi aprimorar serviços e reduzir custos. A mão de obra de mercado iria contribuir com sua parcela no processo de reengenharia das empresas de radiodifusão. Mas isso não ocorreu só no rádio: observe que todos os segmentos que receberam nova tecnologia para aprimorar seus serviços sofreram esse efeito, seja na agricultura, na indústria automobilística, seja até mesmo nas empresas de prestação de serviços – a nova tecnologia desempregou pessoas (CÉSAR, 2005, p. 49).

César (2005) também atenta para a importância da qualificação constante para os profissionais de rádio. Para ele, os trabalhadores e trabalhadoras devem estar permanentemente treinados e preparados para desempenhar as suas funções. O profissional precisa ter consciência que, se ocorreram diversas mudanças no cotidiano dos radialistas no decorrer da história do rádio, outras mudanças estão por vir.

2. O RÁDIO COMO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

2.1. Como tudo começou

Para esta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica referente à história do rádio no Brasil, principalmente, após o período de início das atividades da Rádio Federal FM, tendo como objetivo a verificação das mudanças da rádio no Brasil, na perspectiva das transformações do ofício de radialista e locutor. Vários autores trabalham com a história do rádio e das mídias como um todo. A pesquisa contará com os estudos de Ortriwano (1985), Lopes (1988), Haussen (2004), Zuculoto (1998, 2008), Cordeiro (2004), Ferraretto (2001), Prata (2008), Jung (2013) e Barbosa (2013).

Existem várias polêmicas sobre o início do rádio, sobretudo no Brasil com as invenções do cientista gaúcho Padre Roberto Landell de Moura, mas para a maioria dos autores este equipamento surgiu em 1896, com a criação do primeiro aparelho de rádio do mundo pelo físico e inventor Guglielmo Marconi (FERRARETTO, 2001). Apesar de não ter as suas descobertas reconhecidas no mundo, no Brasil, Padre Landell de Moura tem as suas invenções reconhecidas na história do rádio por vários autores.

Os experimentos de desenvolvimento da radiotelegrafia iniciam praticamente na mesma época tanto na Europa quanto no Brasil (FERRARETTO, 2001). Marconi começou seus testes de transmissão de som e voz sem fio à distância em 1895. No ano seguinte, o inventor conseguiu a patente do rádio. Já Landell desenvolveu suas primeiras experiências entre 1893 e 1894, porém apenas em 1900 recebeu a patente do seu invento.

Há pelo menos dois casos de pioneirismo de cientistas brasileiros no desenvolvimento de trabalhos de pesquisa que resultaram em inventos de grande importância para a humanidade. São eles, Alberto Santos-Dumont e Padre Roberto Landell de Moura. Santos-Dumont foi o primeiro a flutuar num balão dirigível e voar publicamente em um avião. No entanto, coube aos irmãos norte-

americanos Wilbur e Orville Wright a primazia de patentear o invento e a glória de inscreverem seus nomes na História como os pais da aviação (SANTOS, 2003, p. 167).

Contudo, possivelmente pela carência de recursos, falta de apoio e outras limitações, apesar de ter realizado a primeira transmissão, Padre Landell de Moura não recebeu as honrarias e o reconhecimento histórico. Nascido em 21 de janeiro de 1861, em Porto Alegre, o Padre teve a oportunidade de demonstrar as suas ideias e invenções sobre a transmissão de imagem e som ao imperador Dom Pedro II, em 1886, no Rio de Janeiro. Por volta de 1879, Landell iniciou os estudos em Roma, na Universidade Gregoriana, no curso de Física e Química. Lá conseguiu dedicar-se a sua vocação, bem como à ciência, aproveitando o desenvolvimento tecnológico e científico europeu para expandir o seu conhecimento (SANTOS, 2003). Em 1887, retorna ao Rio Grande do Sul de onde acompanha através da imprensa, de publicações e de correspondências os trabalhos de Rudolph Hertz a cerca das ondas magnéticas.

Em 1892, transferido para São Paulo, passou a adquirir materiais para os seus inventos. Já em 1893, com o aumento de interesse dos paulistanos em seus estudos, o padre passa a demonstrar publicamente as suas invenções. Entre as experiências apresentadas ao público:

A mais célebre delas, levada a efeito com a intenção de interessar às autoridades e conseguir financiadores para o aperfeiçoamento e exploração industrial de seu invento, deu-se do alto da Avenida Paulista ao Alto de Sant'Ana, numa distância aproximada de oito quilômetros, em linha reta. Foram apresentados três aparelhos inéditos ao público. Um transmissor de ondas, um telégrafo sem fios e um telefone sem fios. Essa transmissão do padre Roberto Landell de Moura deu-se mais de um ano antes da primeira e elementar experiência realizada por Guglielmo Marconi, em Pontecchio, perto de Bolonha, na primavera de 1895 (SANTOS, 2003, p. 170).

Dois dias após as suas demonstrações, alguns fiéis invadiram o seu laboratório e destruíram, além das invenções, os aparelhos e ferramentas que Padre Landell de Moura utilizava no desenvolvimento delas.

Ainda em 1900, apesar de toda sorte de vexames e dificuldades financeiras consegue uma Patente brasileira, de número 3.279, expressamente concedida para um aparelho apropriado à transmissão da palavra à distância, com ou sem fios, através do

espaço, da terra e da água. Uma nova experiência realizada no Alto de Sant'Ana, cidade de São Paulo, em julho de 1900 foi assistida, entre outras pessoas, por um representante do Governo Britânico (SANTOS, 2003, p. 171).

No Brasil, vários autores apontam a injustiça contra o inventor gaúcho, afirmando que Landell de Moura é o verdadeiro “pai do rádio”. Não obstante, a história da comunicação contada por autores estrangeiros e amplamente utilizada em trabalhos acadêmicos, cita Marconi como “o gênio que desenvolveu a tecnologia de transmissão da voz humana sem a utilização de fio, invento que resultaria, mais tarde, na criação do rádio” (SANTOS, 2003, p. 173).

Contudo, segundo Santos (2003, p. 181), nada impede que “hoje essa discussão seja retomada com o objetivo de se processar uma revisão da história da comunicação a fim de que o nome de Landell de Moura também passe a ser citado, pelo menos, como um dos precursores da radiodifusão”.

A exemplo de Landell de Moura no Brasil, Marconi também teve suas pesquisas tratadas com pouco caso pelas autoridades italianas, depois da experiência de radiotelegrafia realizada em La Spezia, em 1897. A diferença, é que pode transferir-se para a Inglaterra imediatamente, recebendo incentivo para prosseguir seu trabalho. [...] Marconi também encontrou resistências iniciais das autoridades de seu país em relação aos seus inventos. A diferença é que conseguiu pelo menos o apoio da Marinha Real para realizar o experimento de La Spezia, em 1897, o que Landell de Moura não obteve no Brasil, embora tenha tentado junto à Marinha brasileira. Não obstante ter conseguido demonstrar suas experiências no campo da radiotelegrafia, Marconi teve que buscar na Inglaterra o apoio institucional e reconhecimento iniciais. Isso, causou-lhe problemas políticos em sua pátria, inclusive, desgosto da parte de seus familiares, pois muitos passaram a considerá-lo até como um traidor (SANTOS, 2003, p. 178).

Além disso, outra polêmica envolve a invenção do rádio. Segundo Ferraretto (2014), uma série de invenções em diversos países foram registradas e a união delas que possibilitou a criação do rádio como veículo de comunicação.

Embora o senso comum atribua a invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi, pode-se afirmar que a radiodifusão sonora constituiu-se no resultado do trabalho de vários pesquisadores em diversos países ao longo do tempo, representando o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens à distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor, origem dos serviços de correio e dos primitivos sistemas de

comunicação por sinais (tochas luminosas, bandeiras, fumaça, tambores) [...] (FERRARETTO, 2014, p. 50).

Para citar algumas invenções, em 1753, Benjamim Franklin defende o uso da eletricidade para a transmissão de mensagens à distância. Joseph Henry e Michael Faraday, no final do século 19, comprovam as experiências de Hans Christian Oersted para quem a eletricidade e o magnetismo estão relacionados. Estas experiências vão dar vida ao telégrafo, desenvolvido por Samuel Morse entre 1832 e 1837 e o telefone, desenvolvido por Graham Bell em 1876. Já em 1887, Henrich Rudolf Hertz confirma as ondas previstas no estudo de James Clerk Maxwell em 1863, dando origem às ondas hertzianas. No estudo, Maxwell deduz que a eletricidade e o magnetismo combinados produzem uma vibração ondulatória que se propaga na velocidade da luz (FERRARETTO, 2014).

Desta forma, Ferraretto (2014, p. 83) defende que a invenção do rádio é erroneamente atribuída a Marconi que, na verdade, era um empreendedor que utilizando e melhorando várias patentes criou equipamentos que transmitiam simples mensagens à distância. Para o autor, “graças a estas demonstrações, Marconi obteve a patente sobre o telégrafo sem fio. No ano seguinte, transmitiria sinais a uma distância de 14,5 quilômetros. Em 1901, conseguiria enviar o primeiro sinal radiotelegráfico transoceânico”. A invenção destas tecnologias não significa o surgimento do rádio:

Em 1916, o russo radicado nos Estados Unidos David Sarnoff antevê na Marconi Company as possibilidades de utilização da tecnologia existente para a conformação de um novo produto. Ele sugere então a ideia à diretoria da empresa em um memorando no qual o rádio como veículo de comunicação de massa é minuciosamente descrito (FERRARETTO, 2014, p. 88).

Segundo o autor, quatro anos depois, ele apresentava pela segunda vez a ideia para a mesma companhia, transformada em Radio Corporation of America (RCA), que não aceitaria a ideia novamente. Contudo, a Westinghouse Electric and Manufacturing Company torna as ideias de Sarnoff realidade, criando a primeira emissora de rádio do mundo, a KDKA.

Destaca-se o papel precursor das transmissões de Frank Conrad a partir da sua casa em Wilksburg. [...] O então presidente da Westinghouse, Harry P. Davis, ao se dar conta da popularidade das

transmissões experimentais de Conrad refletidas na venda de aparelhos receptores, convence a empresa a criar a KDKA, verdadeiramente a primeira emissora de rádio. É importante observar que, dois anos antes, terminava a Primeira Guerra Mundial, para cujo esforço bélico as indústrias haviam colaborado. Após o conflito, empresas como a Westinghouse possuíam capacidade superior à demanda dos tempos de paz, tendo de redirecionar sua produção para outros mercados (FERRARETTO, 2014, p. 85).

Tomasielo & Júnior (2003) também apontam os investimentos da Westinghouse na radiodifusão, salientando que as primeiras emissoras de rádio surgiram após a Primeira Guerra Mundial, nos Estados Unidos.

Foi a própria Westinghouse que fez nascer, meio por acaso, a radiodifusão. Ela fabricava aparelhos de rádio para as tropas da Primeira Guerra Mundial e com o término do conflito ficou com um grande estoque de aparelhos encalhados. A solução para evitar o prejuízo foi instalar uma grande antena no pátio da fábrica e transmitir música para os habitantes do bairro. Os aparelhos encalhados foram então comercializados (TOMASIELO & JÚNIOR, 2013, p. 124)

Ferraretto (2014, p. 90) destaca que “se Sarnoff inventou o conceito do meio de comunicação rádio, Conrad lançou as bases da emissora comercial. Caberia, nesta linha de raciocínio, a Guglielmo Marconi o pioneirismo em termos de indústria eletroeletrônica”. De fato, muitos inventores e cientistas contribuíram para o desenvolvimento do rádio e Marconi teve a visão empreendedora para consolidá-lo. Na sequência, diversas outras invenções e tecnologias foram surgindo, proporcionando para o ambiente radiofônico, muitas evoluções e adaptações.

2.2. O ambiente radiofônico em movimento

Os serviços radiofônicos no País foram inaugurados oficialmente em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, com a transmissão de um discurso do presidente Epitácio Pessoa por ocasião da abertura da Exposição Internacional, a qual celebrava o centenário da Independência do Brasil. A transmissão ocorreu através de 80 receptores importados especialmente para o evento. Segundo Ortriwano (1985, p. 13) “alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa”.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em plena comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia sete de setembro de 1922. O discurso aconteceu numa exposição, na Praia Vermelha - Rio de Janeiro e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co. (TOMASIELLO & JÚNIOR, 2003, p. 124).

Em 20 de abril de 1923, foi fundada, por Roquette-Pinto e Henry Morize, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora no Brasil com transmissões regulares, com um cunho educativo (JUNG, 2013), sendo esta a data de instalação da radiodifusão no Brasil (ORTRIWANO, 1985). Conforme registros:

O Rádio no Brasil nasceu educativo e cultural pela iniciativa do cientista e educador Edgard Roquette-Pinto, na sala de Física da Escola Politécnica, na cidade do Rio de Janeiro. A Rádio Sociedade inaugurada em 20 de abril de 1923 foi o laboratório vivo da primeira manifestação, em nosso país, da tecnologia sendo usada como meio de levar educação para muitos, rompendo os muros da escola formal (BLOIS, 2003, p. 35).

A partir daí surgem diversas emissoras no país. Em 1932, por exemplo, já existem emissoras na Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo (FERRARETTO, 2001). Em 1936, 13 anos depois, a Rádio Sociedade é doada ao Ministério da Educação, passando a chamar-se Rádio MEC. O fato ocorreu quatro anos depois da introdução da Publicidade.

Roquette-Pinto, fundador e proprietário da emissora, negava-se a veicular publicidade como as demais rádios da época por considerar que tal prática desvirtuaria a Sociedade da sua missão voltada à educação e cultura. Sem condições de sustentação financeira da emissora, resolveu doá-la ao MEC, mediante a condição de que mantivesse o perfil educativo-cultural. E assim se iniciou um dos sistemas da radiodifusão brasileira que, por décadas, se organizou sob a denominação de sistema de rádio educativo e hoje se autoproclama rádio público. Após a doação, Roquette-Pinto ainda continuou dirigindo a emissora por mais quase sete anos. A duas vezes pioneira Rádio Sociedade passou, então, a se chamar Rádio do Ministério da Educação e mais tarde, Rádio MEC. Permanece com esta denominação até hoje, embora já não esteja mais vinculada ao Ministério, sendo, atualmente, ligada à Superintendência de Rádio da EBC – Empresa Brasil de Comunicação (ZUCULOTO, 2011, p. 3).

A época era de outras tecnologias, a Rádio idealizada por Roquette-Pinto tinha um caráter estritamente educativo e foi a precursora da introdução do jornalismo nas rádios brasileiras. O próprio Roquette-Pinto apresentou um jornal de segunda a sexta-feira, o Jornal da Manhã, que segundo Lopez (2010, p. 402) era marcado pelos “comentários das principais notícias do dia”. O programa era produzido pelo próprio Roquette-Pinto.

Em casa ele lia os jornais, marcava as notícias que considerava mais interessantes. E após, por telefone, entrava no ar para apresentar o informativo, lendo os fatos que havia selecionado e fazendo comentários. Em comparação com as técnicas atuais de captação de informação e redação dos textos das notícias de rádio ou mesmo com as que surgiram logo depois, na segunda fase da história do rádio brasileiro, pode-se realmente avaliar que o Roquette-Pinto utilizava recursos rudimentares improvisados e amadores para a produção do seu "Jornal da Manhã" (ZUCULOTO, 2003, p. 16, grifo da autora).

O Jornal da Manhã não era um simples jornal informativo como se instituiu historicamente os noticiários radiofônicos no Brasil. Roquette-Pinto comentava, detalhava e interpretava os fatos noticiados, contextualizando-os para os seus ouvintes. Para Zuculoto (2003, p. 16), “não era um relato, puro e simples dos acontecimentos; era notícia comentada, esmiuçada, interpretada no seu conteúdo e nos seus reflexos no sistema social do Brasil e do mundo”.

Conclui-se que a notícia da primeira fase da história do rádio brasileiro é realmente bem diferenciada daquela que se vai consolidar posteriormente. Não é sintética, resumida, imediata, relato puro, nem elaborada mediante requisitos que busca em uma linguagem própria, adequada às características específicas do Meio. Baseia-se nas notícias dos jornais impressos, vai além, com interpretações e comentários, não ficando restrita às únicas informações que caracterizam a notícia primária, aquela que realmente se tornará hegemônica no radiojornalismo brasileiro, principalmente nas décadas seguintes (ZUCULOTO, 2003, p. 16).

A radialista Vera Lopes em sua narrativa recorda um pouco sobre essa época sobre os objetivos de Roquette-Pinto quando começou a consolidar a Rádio Sociedade com uma programação educativa e uma divulgação cultural.

E uma rádio educativa, era Roquette-Pinto que pretendia ser uma rádio educativa. Porque Roquette-Pinto quando começou pretendia

que o rádio fosse um divulgador de cultura, iria hegemonizar essa parte da cultura, iria de alguma forma acelerar a informação e o desenvolvimento cultural do País. Com isso a Rádio Sociedade que ele fundou lá em 1922, que mais tarde passou a ser Rádio Roquette-Pinto, foi absorvida, eu não me lembro em qual ano, acho que foi em 1937, eu não sei te dizer bem quando, para fazer a Rádio MEC. Que a rádio, o elemento rádio ela nasceu inclusive dentro da Sociedade Brasileira de Ciência, então eram ilustres pessoas que eram os fundadores, inclusive o Roquette-Pinto era um deles, que era um cara muito eminente lá, e dessa turma fazia parte o General Rondon, enfim, algumas outras pessoas de relevância dentro das artes e da educação naquela época todos eles pertencem a Sociedade Brasileira de Ciência que ainda existe a ASBC, é uma Academia Brasileira de Ciência que existe, e daí saiu o embrião da Rádio MEC, que veio com essa finalidade, de ser uma rádio para transmitir cultura, educação e etcetera e tal (LOPES, 2017).

Nesta fase inicial do rádio, embora já tivesse condições de divulgar rapidamente os fatos, a publicização de notícias ainda não era a sua prioridade. Segundo Zuculoto (2003), nesta época a notícia era cópia das notícias e reportagens da mídia impressa.

Mesmo assim, se quisesse, o rádio pioneiro já poderia ter lançado mão de pelo menos uma de suas características - o imediatismo - para divulgar mais rapidamente notícias dos acontecimentos diários. Apesar de funcionar precariamente, já reunia condições tecnológicas de ao menos dispensar a leitura dos jornais (ZUCULOTO, 2003, p. 15).

Na década de 1930 o rádio tornou-se o principal meio de comunicação no País, chegando a Era de Ouro na década de 1940, com suas radionovelas, programas de humor e os famosos e glamorosos programas de auditório.

Na década de 30, o rádio brasileiro já é comercial, com linguagem e conteúdo de programação mais populares, baseados em muita música, informações de variedades, teatro, já se encaminhando para a sua fase áurea, a chamada "época de ouro". Mas os programas jornalísticos, mesmo já existindo em maior quantidade, continua limitando-se a transmissão de notícias retiradas principalmente de jornais impressos. E pelo menos até o início da década de 40, o veículo não contou com o jornalismo construído com linguagem e técnica de produção próprias ou ao menos inovadoras, baseadas justamente no que o faz específico (ZUCULOTO, 2003, p. 18, grifo da autora).

Já na década de 1940 até meados da década de 1950, o rádio atinge o seu ápice, o entretenimento vira o seu grande atrativo. Produções luxuosas passam a fazer parte da programação das rádios e da rotina dos ouvintes. A programação das emissoras passa a estar no imaginário dos ouvintes, ditando seu comportamento, criando moda e sustentando ideias.

Em seus 80 anos de existência, o rádio brasileiro lançou modas, revolucionou práticas cotidianas, venceu barreiras geográficas, inventou e consolidou gêneros de programas que se mantiveram como sucesso de audiência durante décadas. O rádio brasileiro vivenciou nas décadas de 1940 e 1950 um crescimento interno e uma repercussão junto ao público ouvinte de tal magnitude que fez com que o período entrasse para a história como os “anos dourados do rádio brasileiro” (CALABRE, 2003, p. 49, grifo da autora).

Segundo Calabre (2002) as emissoras mantinham uma enorme estrutura artística e administrativa. Na época, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro era a líder de audiência. Em sua programação, as emissoras contavam com programas de humor, informação, música, dramatização e esportes. Contudo, a prioridade era a manutenção da audiência e não a preservação da história. Desta forma, restaram poucos registros sobre a Época de Ouro do rádio.

Até então, antes do surgimento do Repórter Esso, em 1941, não havia uma característica de tratamento da notícia no rádio. Com exceção do programa de Roquette-Pinto, em geral as notícias eram apenas uma reprodução da mídia escrita, como já citado. Para Zuculoto (2003, p. 19), o ouvinte também estava interessado em uma informação superficial que os mantivesse com um mínimo de conhecimento, e foi assim que o radiojornalismo passou a ter uma identidade. Para a autora, uma característica do radiojornalismo que permanece após o término da guerra é a de: “informar rapidamente os fatos, com imediatismo, e para isso, sem aprofundá-los em detalhes”. Já com a perspectiva de meio de comunicação informativo, passa a ser utilizado como veículo estratégico na Segunda Guerra Mundial que ocorreu de 1939 a 1945. Pelo seu imediatismo, desempenhava a função de publicizar rapidamente as notícias do “front”, o que a mídia impressa não conseguia fazer.

Encarado, então, como meio informativo, o rádio dá um grande impulso ao radiojornalismo, e a sua notícia começa a buscar existência própria, tanto na linguagem (texto) quanto na técnica de produção. O Brasil passa a ouvir as notícias da guerra pelo “Repórter

Esso”, que estreia no país em 1941, e através de vários outros jornais radiofônicos que ganham fama junto ou no rastro do noticiário que tinha como “slogan” ser a “Testemunha Ocular da História”. As agências de notícias - a UPI (United Press International) era a responsável pelas informações e durante um bom tempo também pela própria redação do Esso - igualmente ganham importância no rádio nesta época, abastecendo incessantemente o veículo, por meio de telegramas. O radiojornalismo que começa a se consolidar nesta fase tem, como principal, quase exclusiva, fonte de informações, as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no Brasil, especialmente o do rádio, e isto tanto no formato quanto no conteúdo. É que estas agências se constituíam em verdadeiros instrumentos de afirmação dos países centrais - as potências como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra - sobre as nações menos desenvolvidas e dependentes política, econômica e culturalmente (ZUCULOTO, 2003, p. 20, grifo da autora).

Os noticiosos da época acabaram marcando o gênero de jornalismo de rádio, definindo uma linguagem própria, regras de redação e um estilo específico para o meio. Contudo, este movimento iniciou nas grandes emissoras, as menores e do interior seguiram fazendo o jornalismo copiado de outros meios, por não ter recurso para investimento.

Ao contrário do período anterior, no qual as notícias do rádio eram lidas diretamente do jornalismo impresso, os noticiários que começam a surgir em profusão nesta fase já são mais característicos da especificidade do veículo. Já passam também a contar com fontes próprias de captação da informação, embora estas ainda sejam restritas. Incluem, principalmente, os telegramas enviados pelas agências de notícias internacionais e os seus ainda poucos repórteres. Este impulso do rádio brasileiro no sentido de se consolidar como meio também jornalístico, começando a explorar suas especificidades, ocorre principalmente nas grandes emissoras das capitais e cidades maiores. No interior do país, as pequenas rádios, que já representam a imensa maioria das quase três centenas de emissoras existentes no país em meados da década de 40, neste período ainda não abandonaram a cópia dos jornais impressos. Seu maior avanço é copiar as emissoras maiores - e literalmente também - através da rádio escuta (ZUCULOTO, 2003, p. 21).

A notícia de rádio seria o que se convencionou como “lead” no jornalismo impresso, que seria o primeiro parágrafo da notícia, responsável por responder perguntas básicas como: o quê, quem, como, onde, quando e por que, configurando uma notícia curta, informando o principal sobre o fato. Essa característica se somou a outras consolidando um estilo para o rádio.

Ou seja, a notícia de rádio adota uma fórmula que mescla uma edição por assuntos - uma adaptação do modo dos jornais impressos - com uma linguagem objetiva, concisa – ao estilo telegráfico e originado dos telegramas das agências. E aos poucos, essa linguagem vai-se tornando leve e coloquial, numa adequação à característica do veículo de transmitir apenas através do oral. Quanto às formas de captação da informação, vê-se, nesta fase, que a notícia já não tem mais como única fonte os jornais impressos. Devido a uma imbricação de diferentes fatores e aspectos, avança no sentido de diversificar suas fontes de informação, aqui ainda centradas nas agências (ZUCULOTO, 2003, p. 31).

De acordo com Ferraretto (2014), o rádio começa a se reestruturar no período mais duro da ditadura civil-militar, com o início das transmissões regulares e comerciais em FM. Neste período da década de 1970, o governo militar começa a utilizar o rádio e a TV em programas de ensino à distância, com o objetivo de preparar os indivíduos para o trabalho, sem uma crítica sobre a realidade do País. Surge o Projeto Minerva com uma programação de cinco horas semanais de transmissão obrigatória em todas as rádios.

No dia 4 de outubro de 1970, o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura começa a operar o Projeto Minerva. [...] Com resultados discutíveis ao longo de seus quase 20 anos, o Projeto Minerva saiu do ar no dia 16 de outubro de 1989 (FERRARETTO, 2014, p. 162).

Na mesma linha, surge, em 1975, a Radiobrás, vinculada a Doutrina de Segurança Nacional, que nasce com o objetivo de centralizar todas as emissoras de rádio e televisão públicas do País. Um dos programas produzidos por ela foi A Voz do Brasil, de exibição obrigatória em todas as emissoras.

Na Universidade Federal de Pelotas, a ideia de ter uma rádio educativa foi fomentada após a sua criação, em 1969. Porém, foi no período da criação da Radiobrás que a instituição recebeu a concessão para atuar com uma emissora, em 1977. O jornalista Vaz, fala um pouco sobre este contexto histórico em que o governo militar se utilizava dos meios de comunicação para propagar a sua ideologia.

Eu tenho impressão que naquela época, o Ministério das Comunicações estava querendo fornecer umas rádios dentro daquela filosofia dos aparelhos ideológicos de estado, o governo

tinha interesse que tivessem rádios que pudessem reproduzir o pensamento dele, então ele começou a colocar frequências a disposição das universidades na tentativa de sustentar a ditadura por mais tempo, através dos meios de comunicação, uma coisa assim... Nós chegamos tarde nisto aí, tem várias universidades que já estavam com rádio há mais tempo (VAZ, 2017).

Contudo, o jornalista acredita que a Rádio foi fundada e acabou se acomodando, fazendo uma programação prioritariamente musical sem desempenhar o papel que o governo queria que ela tivesse.

Eu acho que a Rádio não se apropriou desse lado de fazer o lado da Universidade fosse para que lado fosse, entende? Ela não serviu como um aparelho para sustentar o pensamento da reitoria, o pensamento do Ministério da Educação, ela também não fez isso, ela não cumpriu este papel, se é que este papel ela chegou a ter, mas ela ficou ali, se acomodou, não quis dar um grande passo (VAZ, 2017).

Foi desta forma que Universidade recebeu a sua concessão na terceira fase dos cinco períodos históricos das rádios vinculadas ao setor público proposto pela pesquisadora Zuculoto (2008, p. 10). Iniciou suas transmissões experimentais em agosto de 1980, e teve sua inauguração oficial no dia 08 de janeiro de 1981 já na quarta fase:

Terceira fase – Fase de Ouro do Rádio Educativo – pode ser classificada como a “época de ouro” da história da radiofonia do campo público, com o apogeu do Rádio Educativo. Período de consolidação da radiofonia mais voltada para o ensino instrucional. Também da educação não-formal, com formação de cadeias retransmissores, tendo a Rádio MEC-Rio como a cabeça de rede principal e a Cultura AM de São Paulo, agora já não-comercial, como referência em franca consolidação. É a fase do SINRED - Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, que reúne emissoras educativas em coproduções e transmissões de programas em cadeia nacional. Inclui as décadas de 70 e 80; 4ª fase – A explosão das FM’s universitárias – com o grande crescimento do número das FM’s também no campo público, pela disseminação de concessões a universidades, é a fase da organização conjunta, em especial das emissoras universitárias. O então chamado sistema educativo busca organizar-se através de redes formais e informais. A Rádio MEC tenta reeditar o SINRED. Mas uma das grandes movimentações deste período é o trabalho integrado de coberturas das SBPC’s - Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - pela Rede Universitária de Rádios. Embora tivesse, entre as coordenadoras, a Rádio MEC-Rio e contasse com a integração de outras estatais, a Rede para coberturas das SBPC’s fez história

comandada principalmente pelas universitárias, daí o seu título. A fase se estende por todos os anos 90 e também é caracterizada pelo fato de as próprias emissoras passarem a se autodenominar rádios públicas.

Já Blois (2003, p. 36) propõe uma classificação diferente. Analisando a classificação da autora, a Rádio Federal FM teria sido outorgada à Universidade na quarta fase e inaugurada na quinta fase.

Quarta Fase, entre 1967-1979, quando o rádio educativo, não fugindo ao que se passava na área da comunicação, fruto do momento político por que passava o país, foi marcado por ações centralizadoras de utilização do rádio para fins educativos pelo Estado. A criação de centros produtores regionais e a introdução de uma postura científica norteando todas as fases do processo (diagnóstico/planejamento/produção/veiculação/recepção) de ofertas educativas via rádio, fizeram o diferencial deste período, que nos colocava em igualdade com outros países mais avançados quanto à tele-educação via rádio. Quinta Fase, iniciada em 79, assinalou a conjugação de meios massivos à Educação e se consolidou com a inauguração de FM educativas, com a interação das emissoras em um sistema, com novos espaços se abrindo para a atuação do rádio. O fim do SINRED/ Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa encerrou esta fase de tão grandes ganhos para o Rádio Educativo (BLOIS, 2003, p. 36).

Apesar de diferentes com relação as datas, nota-se que as classificações acabam remetendo a uma mesma caracterização para os períodos. Durante a sua narrativa, Vera Lopes (2017) também lembra dessa época em que as universidades recebiam outorgas de rádio.

[...] a partir então de 1976, 1977, começaram as universidades a ganhar as FM's, que é o caso aqui da nossa de Pelotas, a de Rio Grande que veio um pouquinho depois e depois teve outras rádios, aí eu não me lembro bem, Santa Catarina parece que não tem, mas Paraná tu vais encontrar e praticamente em todo o nordeste brasileiro todo mundo ganhou, tinha uma rádio FM educativa vinculada a universidade (LOPES, 2017).

Em sua fala, também discorre sobre como era a criação de conteúdo e a programação das rádios universitárias, chamando a atenção para a preocupação com a divulgação do conhecimento gerado dentro da universidade através do ensino, pesquisa e extensão, o que na área de jornalismo é denominado jornalismo científico.

Muitas dessas rádios fizeram trabalhos extremamente significativos de divulgação do que se fazia dentro da universidade, para fora e divulgar principalmente aquilo que estava se fazendo, o que a gente conseguia traduzir, porque o jornalismo científico é uma das coisas que a gente se surpreende com a própria dificuldade, porque tu sabes como é difícil traduzir os trabalhos. Mas tudo isso é um universo absolutamente fascinante é um grande campo de atuação para as rádios (LOPES, 2017).

Blois (2003, p. 39) aponta em sua pesquisa alguns números relativos à presença das rádios FM's educativas no Brasil. Para a autora, a utilização do rádio com uma perspectiva educativa no Brasil deixa a desejar, refletindo diretamente no número de emissoras comerciais e educativas em operação que, segundo a pesquisa, é desproporcional.

Em 1995, 66 emissoras educativas operavam no Brasil, em FM, Ondas Médias, Ondas Curtas e Ondas Tropicais. Do conjunto das 44 FM's Educativas em operação, destacavam-se as que mantinham algum vínculo com instituições de ensino superior (IES) e que, por isso, são chamadas de Rádios Universitárias. Quanto à esfera administrativa da Instituição de Ensino Superior, havia Rádios vinculadas a universidades públicas federais, estaduais, municipais e de natureza privada. Enquanto a maioria das OM pertenciam a Universidades Públicas e Federais, não existindo emissoras no âmbito das Públicas Municipais, as FM estavam igualmente localizadas em Universidades Federais e Estaduais, tendo uma única representante na esfera pública municipal e três pertenciam a universidades particulares (BLOIS, 2003, p. 39).

Em Pelotas, a Sociedade Rádio Pelotense, primeira rádio do interior do Rio Grande do Sul, foi fundada em 1925 por um grupo de amigos. A Rádio Pelotense, atualmente, é a mais antiga rádio em funcionamento no Brasil (FERRARETTO, 2002). Além de dar um panorama cultural, econômico e político da época, o autor descreve como surgiu a emissora:

Em 1925, no próspero comércio de Pelotas, a elite trocava ideias em frequentes e comuns rodas de bate-papo. [...] Em uma delas, no Palácio de Cristal, o proprietário Carlos Sica, seu tio Tobias Sica e o primo João Abrantes, além dos amigos Antônio Nogueira Filho, Baldomero Trápaga y Zorrilha e Alexandre Gastaud, empolgados com a captação das emissoras, em especial, da Argentina, têm a ideia de criar uma entidade reunindo os adeptos da radiodifusão. Era o embrião da Sociedade Rádio Pelotense, primeira emissora do

interior do Rio Grande do Sul e a mais antiga em atividade (FERRARETTO, 2002, p. 58).

Na cidade, existem várias rádios, as principais, além da pioneira Rádio Pelotense, são a Rádio Alfa FM, atualmente Mais Nova FM, fundada em 1979, a Rádio Universidade AM, vinculada a Universidade Católica de Pelotas e instituída em 1967, a Rádio Atlântida FM, antiga Rádio Gaúcha, formada em 1981, a Rádio Cultura AM, criada em 1933 e a Rádio Tupanci, inaugurada em 1979.

2.3. As tecnologias do rádio em movimento

Confrontados com tantas alterações, tornou-se necessário para os radialistas desafiarem-se, adaptando sua rotina de trabalho, sendo às vezes necessário o estabelecimento de novas práticas, tendo como objetivo a sobrevivência a novos tempos e novas tecnologias.

A obra também deve se concentrar na mudança, em lugar da continuidade, embora se lembre aos leitores de quando em quando que, ao se introduzirem novas mídias, as mais antigas não são abandonadas, mas ambas coexistem e interagem. Com o surgimento das publicações, os manuscritos continuaram sendo importantes, como aconteceu com os livros e o rádio na idade da televisão (BRIGGS e BURKE, 2016, p. 15).

Cada nova tecnologia inserida no cotidiano do rádio acaba transformando todos os processos de trabalho, além de aumentar a qualidade do conteúdo e, muitas vezes, alterar o formato e ampliar as formas de interação com o público.

Novas tecnologias, abordagens conceituais e demandas do público surgidas e ou consolidadas na primeira década do século XXI fizeram que o rádio se modificasse em alguns aspectos, embora suas características básicas tenham sido mantidas. O cenário de atuação profissional, no entanto, de fato se alterou. Técnicas e tecnologias empregadas evoluíram (FERRARETTO, 2014, p. 13).

Segundo Calabre (2002), até a década de 1950, ano em que a televisão começou a chegar aos lares brasileiros, o rádio cumpriu o papel social de promover uma integração da sociedade para além dos limites físicos, rompendo a barreira da comunicação, mesmo com os altos índices de analfabetismo do País, por se tratar

de um veículo sonoro. A partir deste período, o rádio tornou-se mais acessível à população. Blois destaca alguns números relativos ao FM:

Na pesquisa realizada foi possível concluir que o Rádio em FM tem apresentado evolução crescente no Brasil. Se, em 1973, 23 municípios já tinham no ar emissoras FM, este número subiu, em 1984, para 377 municípios e para 586, em 1988. A década de 90 se iniciou com 1.249 municípios dispondo de FM. A proposta do Ministério das Comunicações / MC era ampliar, consideravelmente, as possibilidades de uso das FM's até o ano 2002, prevendo a criação de mais 4.200 canais, 3000 canais a serem distribuídos aos municípios que ainda não possuíam emissoras FM e destinando os demais 1.200 canais para municípios já atendidos (BLOIS, 2003, p. 46).

Entre outras modificações relevantes na história do rádio podemos citar, o advento do celular, as unidades móveis, a consolidação da internet e o advento da televisão que, segundo MAGNONI (2013), acabou levantando várias previsões pessimistas sobre o futuro desse meio de comunicação de massa.

Segundo DeFleur & Ball-Rokeach (1993) o rádio, em seu início, buscou por uma forma adequada de sustentação financeira. Vários esquemas foram propostos, como de um fundo financiado pelos ouvintes e, até mesmo, de filantropia, baseada no que acontece em bibliotecas e hospitais. No meio dessas discussões, a publicidade acabou ganhando espaço como fonte de financiamento para as produções radiofônicas.

Com efeito já em 1922 a estação Weaf vendera tempo no rádio para mensagens de uma Companhia Imobiliária de LongIsland que estava vendendo terrenos. Aí, companhias importantes começaram a patrocinar programas. [...] Ao terminar a década de 1920, os maiores problemas do rádio como veículo de comunicação de massa estavam resolvidos. Quase todos podiam adquirir um receptor confiável e a preço razoável, pagando em prestações. Os homens do rádio recebiam lucros generosos ao vender seu tempo para anunciantes; patrocinadores vendiam eficazmente seus produtos pelo ar para um mercado de massa; e talentos com grande fascínio popular captaram a atenção do público à noite (DEFLEUR & BALL-ROKEACH, 1993, p. 123).

Em termos de modificações relevantes na história do rádio no Brasil podemos citar a inserção da publicidade, a partir do Decreto nº 21.111, de primeiro de março de 1932, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, tornando o rádio um veículo comercial de fato. O caráter educativo e cultural permanece, porém com uma

característica comercial. As empresas passaram a oferecer seus produtos e serviços, fazendo do rádio uma vitrine.

A partir do início do decênio de 30, o rádio sofre transformação radical. Em 1931, quando surge o primeiro documento sobre radiodifusão, o rádio brasileiro já estava comprometido com os “reclames” – o anúncio daquele tempo – para garantir sua sobrevivência. A publicidade foi permitida por meio do decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o Decreto nº 20.047, nove anos após a implantação do rádio no país (ORTRIWANO, 1985, p. 15, grifo da autora).

Cabe aqui também destacar o desenvolvimento do transistor, em 1947, o qual trouxe um novo papel para a radiodifusão, sobretudo na relação entre o ouvinte e a mídia, revolucionando a produção e a recepção da transmissão por meio do rádio. Segundo Ferraretto (2001), essa nova tecnologia permitiu a alteração da fonte de alimentação de aparelhos de rádio, substituindo-a por pilhas e livrando-a de fios e tomadas, tornando-os portáteis e facilitando sua presença na rotina dos ouvintes. Em consonância, Prata (2008) descreve os benefícios que essa tecnologia propiciou para os radialistas, os quais passaram a contar com a possibilidade de deslocamento, essencial para o surgimento das reportagens de campo, tornando a invenção do transistor uma das inovações mais significativas do rádio naquela época.

No mês de novembro de 1954, custando US\$ 49,95 [...] e pesando apenas 375 gramas, chega às lojas de Nova Iorque e Los Angeles o primeiro receptor transistorizado, o Regency TR-1. Em um ano, 100 mil aparelhos são comercializados nos Estados Unidos. Neste período, os rádios transistorizados começam a chegar também ao Brasil, popularizando-se ao longo dos anos 60. [...] Deslocado de um lugar de destaque na sala de estar, agora ocupado pelo televisor, o receptor radiofônico passa com a transistorização, em definitivo, a acompanhar os ouvintes (FERRARETTO, 2001, p. 138).

O rádio deixou as salas, onde era o centro de entretenimento familiar, para acompanhar o ouvinte individualmente. Por ser uma audiência individual, também a linguagem precisou ser modificada. De acordo com Parry (2012, p. 240), “exatamente quando parecia que a televisão tornaria o rádio obsoleto, nos anos de 1960, o portátil e barato transistor deu-lhe um novo sopro de vida. O rádio agora estaria no carro, no banheiro, no jardim, na praia e no escritório”.

Como já referenciada, uma das maiores crises vivenciadas pelo rádio foi o surgimento da televisão, um novo meio de comunicação que, além de contratar os profissionais e imitar os quadros das principais emissoras, também captou grande parte dos recursos em publicidade que antes eram destinados a eles. Os artistas de radionovela, os cantores que se apresentavam nos programas de auditório, os humoristas e os jornalistas acabaram migrando para atuar nos programas de televisão. Sem os recursos de publicidade e sem os profissionais, os programas precisaram ser encerrados e uma nova programação foi pensada, mais ágil e informativa.

De acordo com Defleur & Ball-Rokeach (1993, p.126), “o público mostrou-se, contudo, completamente volúvel, e assim que as famílias puderam adquirir um televisor, alegremente abandonavam o rádio a favor da válvula de imagem”. Desta forma, segundo Ortriwano (1985), o rádio precisou buscar uma linguagem mais econômica, diminuir seus investimentos em produção e equipamentos e as emissoras passaram a rodar mais músicas e dedicar-se às necessidades regionais e grupos específicos de ouvintes.

Enfrentando a perspectiva do esquecimento, o rádio foi obrigado a descobrir necessidades da audiência a satisfazer que não estavam sendo bem atendidas pela televisão. Saiu-se bem, descobrindo tais necessidades e o rádio remodelou-se segundo novas linhas. [...] Presentemente, o rádio se afigura ter encontrado uma fórmula viável. Ele atende à sua audiência em ocasiões quando a televisão é inadequada. As pessoas ouvem-no ao acordar pela manhã, enquanto trabalham, dirigem veículos, correm na rua ou no campo, estão jogando, ou coisas semelhantes (DEFLEUR & BALL-ROKEACH, 1993, p. 127).

Outras tecnologias também contribuíram para a agilidade e evolução do rádio, mas também para a sua permanência como meio de comunicação de massa, como a popularização do celular, na década de 1990, o qual possibilitou uma liberdade maior para o radialista, especialmente nas coberturas *in loco*, intensificando-as. Os celulares, atualmente são fundamentais para o trabalho dos radialistas, nas transmissões ao vivo, possibilitando a mobilidade. Além disso, os smartphones podem capturar vídeos, áudios fotos e enviar textos rapidamente às redações, dando mais agilidade na construção das notícias.

A interação com os ouvintes também se dá de forma mais instantânea através do celular e de seus aplicativos com a ajuda da internet. Ferraretto (2010, p.

50) pondera sobre a mobilidade que o celular deu ao meio de comunicação, bem como a possibilidade de ser mais um suporte para o ouvinte escutar a programação das emissoras. “A integração de receptores de rádio a gravadores/reprodutores de MP3 e telefones celulares, estes últimos com acesso à internet, indica o aparato tecnológico a dar mobilidade, facilitando esta nova forma de recepção”.

Antes do telefone celular, outra tecnologia aliada ao rádio, foram os gravadores, que facilitaram as edições de conteúdo e captação de áudio. A utilização dos gravadores magnéticos no rádio brasileiro ocorreu no final da década de 1940 e se consolidou na década de 1950. Os primeiros gravadores eram pesados e grandes, mas depois da disseminação do transistor, ficaram portáteis.

Na década de 50, os gravadores de fita de rolo eram grandes, pesados e movidos à bateria. Para manuseá-los, era necessária a presença de um técnico. As limitações técnicas do aparelho dificultavam a mobilidade e a agilidade do repórter no campo do acontecimento. O gravador cassette portátil alterou esse quadro. O repórter podia colher o depoimento da fonte não apenas para repassar a informação em outras palavras, mas para gravar a entrevista e retransmiti-la aos ouvintes com mais agilidade (DEL BIANCO, 2009, p. 239).

Surgiram, também, as Unidades Móveis que facilitaram a mobilidade. Antes disso, as primeiras tentativas de reportagens de rua, utilizaram equipamentos pesados e de difícil transporte. Da mesma forma, estes recursos possibilitaram um grande aumento da interação dos ouvintes na programação das emissoras, o que antes era realizado a partir do envio de cartas. A programação do rádio passou a ter um viés muito mais voltado aos acontecimentos locais.

A década de 1990 se constitui como outro momento importante para o veículo de comunicação e força o rádio a se reinventar. Surge o computador, a internet e o MP3, tornando o universo do rádio multimídia. A partir daí, a edição da programação não depende mais de vários profissionais, muitas funções acabam sendo extintas, e a atividade passa a ser desempenhada com o acionamento de um botão, ou ainda, com um simples clique. Contudo, o profissional precisou de qualificação, para desempenhar várias outras funções que antes eram divididas com outros colegas.

A entrada dos computadores nos estúdios aposentou definitivamente os antigos periféricos analógicos, como cartucheiras, pick-ups (toca-

discos) e gravadores de rolo. Foi fantástico, pois operar um estúdio até o meio da década de 1990 era desgastante. O locutor tinha de colocar discos no ponto, operar cartuchos, cassetes e fitas rolo simultaneamente à locução. Isso tudo gerava erros durante a transmissão, o que provocava perda da qualidade estética da emissora no ar. Existem aqueles que ainda recordam, com muitas saudades, esse tempo, quando os locutores tinham mais autonomia durante o horário, ou seja, colocavam a mão na massa durante o programa. Observo nos dias de hoje a facilidade com que se leva um programa ao ar, por meio de um estúdio mais compacto, simples e racionalizado. [...] Isso enxugou custos e ampliou a qualidade do atendimento que o rádio pode oferecer ao mercado (CÉSAR, 2005, p. 49).

Há de pontuar também a introdução de sistemas multimídia no Brasil, em meados da década de 1990, os quais alteraram a natureza do rádio, questionando a validade da definição desse veículo e a sua comunicação. A Internet apresenta-se, no momento, como um suporte complementar para as emissões em FM. Para o rádio, a Internet pode ser uma concorrência, um desafio ou uma aliada, destacando-se como uma nova ferramenta, visto a variedade que o mundo *online* oferece.

O território do rádio desde sempre imprimiu conquistas sociais que o asseguraram como um meio forte, capaz de não se abalar diante das inovações de ordem tecnológica com o surgimento de novos suportes midiáticos ou aprimoramento dos aparatos técnicos nos meios então vigentes. Prova disso foi o surgimento da televisão no Brasil em 1950, dos aparelhos domésticos de VHS, configurados posteriormente em leitores de DVD, os leitores de MP3 e, por extensão, a digitalização dos aparelhos de áudio. Não obstante tudo isso, o rádio ainda assegura o seu lugar de audiência no rol das preferências do público (GOMES, 2008, p. 4).

Ao pensarmos na relação destes dois meios, deve-se considerar os aspectos que os caracterizam e que influenciam a forma como o rádio potencia a estrutura da sua comunicação (CORDEIRO, 2004). Tal pensamento converge para Neuberger (2012), para quem o rádio está sempre buscando novas saídas para as dificuldades que vão surgindo ao longo dos seus quase 90 anos de existência no Brasil. “Quando se pensa que não há mais sobrevida para o veículo, ele ressurgue das próprias tecnologias, que poderiam sufocá-lo enquanto veículo de comunicação”.

Nos anos 1990, recursos tecnológicos distintos pontuaram a evolução do rádio. Entre eles o uso dos telefones celulares, as

formas de gravação digital (CD e MD) e, mais próximo do fim da década, o uso de computadores para edição de áudio e um novo ambiente multimídia como plataforma de transmissão para emissoras, que até então estavam fixadas apenas no dial convencional. Este novo ambiente é a Internet. Um conjunto de equipamentos conectados de forma a transmitir informações entre eles e compartilhar recursos, utilizando uma interface denominada hipermídia, que conduz o usuário a percursos múltiplos em informações, que vão se cruzando e intercruzando, possibilitando novas interações (JUNIOR, 2003, p. 151).

A internet gerou muitas modificações nas rotinas dos radialistas, ela pode ser utilizada como fonte, por exemplo, o que antes ocorria por meio de livros e periódicos. A maioria das emissoras tinha uma biblioteca que servia para as pesquisas. Além disso, é possível encontrar material sonoro nas redes para ser utilizado nas reportagens. A comunicação com os ouvintes admite várias formas na internet, seja ela por programas, sites e, até mesmo, via redes sociais. A produção multimídia exige ainda que o profissional esteja preparado para gerar conteúdo para diversos meios de comunicação.

Para Ferraretto (2014, p. 17), “no início da década de 2000, tornou-se ultrapassada a ideia de radiodifusão como conceito dominante em rádio e em televisão”. Atualmente, o rádio está passando por uma grande transformação através da internet e suas novas plataformas que possibilitaram a adesão a novos suportes de recepção. Hoje podemos ouvir emissoras de todo o mundo no celular, na TV, no computador entre outras tecnologias que permitem a conexão.

O Rádio no Brasil constituiu-se na primeira manifestação tecnológica de uma realidade virtual e hoje caminha em espaços desterritorializados (o rádio na internet), evoluindo sempre, firmando posição sem saber, realmente, que “cara” irá ter (BLOIS, 2003, p. 44, grifo da autora).

As novas tecnologias e a informatização substituem antigos processos de trabalho, muitas vezes manuais, deslocando-os para as máquinas. Confrontado com tantas alterações, tornou-se necessário para os radialistas desafiarem-se adaptando sua rotina de trabalho, sendo às vezes necessário estabelecer novas práticas, a fim de sobreviver a novos tempos e novas tecnologias.

3. A RÁDIO FEDERAL FM E SUAS NARRATIVAS

3.1. De Cosmos à Federal FM – As mudanças não foram só no nome

Este capítulo apresentará os resultados da pesquisa tendo como base a Rádio Federal FM, as modificações pelas quais o meio de comunicação passou e como o ofício de radialista foi impactado por essas mudanças, fazendo com que o rádio se mantenha como veículo de comunicação até hoje. A análise se dará, principalmente, a partir das narrativas dos radialistas da Rádio Federal FM, análise de fontes documentais e impressas.

Além de um breve recorte sobre a história da emissora em seu *website*, registros de seu patrimônio humano e produção técnica dos mesmos ainda são pouco explorados e difundidos, especialmente no que tange ao papel do ofício de seus radialistas e seus amoldamentos profissionais em busca de espaço sobrevivente em um mundo multimídia, que forçaram diversas vezes o rádio a rever sua programação para manter seus públicos.

O FM já foi um avanço em relação ao AM, o AM já é um equipamento mais poderoso, mas enfim essas diferenças técnicas que tu poderás te informar melhor, porque eu posso até te dizer alguma coisa que não seja bem verdadeira, mas em princípio o AM é um equipamento bem mais pesado que exige muito mais e ele está inclusive acabando agora, ele tem aí uma mudança de estratégia nas ondas que vai sepultar o AM e as rádios vão ser todas trocadas para FM, para Frequência Modulada. (LOPES, 2017).

A Rádio Federal FM, frequência 107,9 FM, funciona a partir da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e foi a primeira emissora de caráter educativo a funcionar em canal de FM no Rio Grande do Sul (FONSECA, 2007). Na época já existiam rádios educativas no estado, porém em Amplitude Modulada como mostra Zuculoto (2015):

A primeira foi a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma AM inaugurada oficialmente em 1957, em Porto Alegre,

capital gaúcha. Outra AM universitária deste período é a da Universidade Federal de Santa Maria, no município do mesmo nome, igualmente no Rio Grande do Sul (ZUCULOTO, 2015, p. 71).

Em sua narrativa, Vera Lopes também relembra das duas primeiras rádios educativas do estado, a Rádio da Universidade e a Rádio Universidade AM, respectivamente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Santa Maria.

No caso aqui, por exemplo, no Rio Grande do Sul nós tínhamos as rádios Educativas, a rádio da UFRGS que é uma das mais tradicionais e das mais antigas também, e que é uma AM, a rádio de Santa Maria, da Universidade Federal de Santa Maria que era AM, e depois começaram a vir as FM's, porque aí já havia essa modernidade, que tornou o equipamento do rádio bem mais acessível tanto no preço quanto na tecnologia (LOPES, 2017).

De acordo com Ferraretto (2007), em 1972, a Rádio Itaí FM, iniciou suas transmissões em Porto Alegre. Já em Pelotas, a primeira FM foi a Rádio Alfa, inaugurada em 1979. Em sua narrativa, o jornalista Roberto Engelbrecht destaca que em Pelotas o rádio, em Frequência Modulada, chegou tardiamente. O motivo do atraso é que, à época, os equipamentos com possibilidade de sintonizar as emissoras FM eram muito caros, embora os carros fabricados já tivessem os aparelhos com FM.

Só para veres o atraso da coisa, aqui para nós, em 1974, o pai comprou um FM para ouvir a Itaí, depois entrou a Gaúcha e a Guaíba, em 1974 se ouvia lá, já tinha FM e aqui foi entrar em 1980. [...], mas só para ter uma ideia, lá em Porto Alegre, em 1974, os caras já tinham rádio que estavam transmitindo na grande Porto Alegre ali e para nós aqui, só em 1980 foi a primeira (ENGELBRECHT, 2017).

Em Pelotas, Engelbrecht recorda, em sua narrativa, como ocorreu a chegada do rádio FM e fala sobre as primeiras transmissões que foram realizadas por pessoas curiosas que se reuniam em grupos para explorar a nova tecnologia.

A primeira FM que entrou no ar foi a Alfa, mas tinha o tal do FM Discotec que era um trailer, ficava na Dom Joaquim com Parque Tênis, naquela pracinha ali, e os caras tinham um transmissorzinho, que transmitiam as músicas que tocavam no toca-fitas deles ali e juntava de gente, porque do carro dava para ouvir e os caras

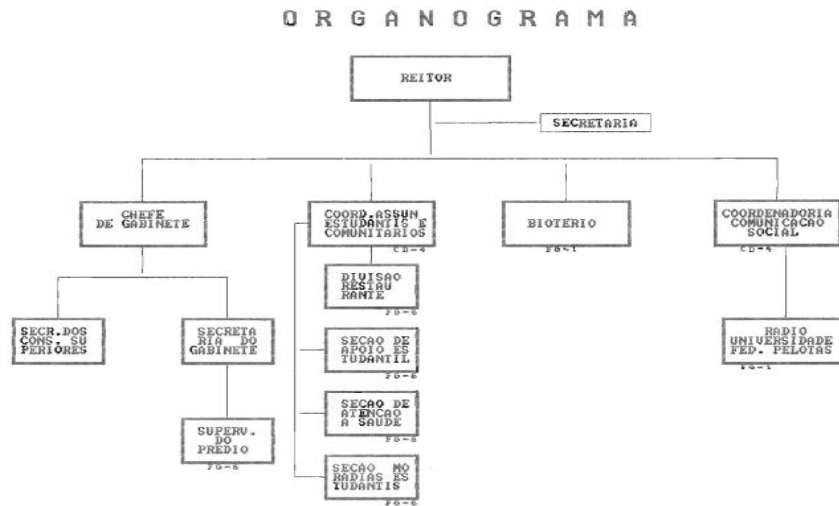
colocavam o som e ficavam transmitindo para aquele bolinho ali (ENGELBRECHT, 2017).

A Rádio Alfa FM foi inaugurada em 1º de outubro de 1979, ligada à Universidade Católica de Pelotas, atualmente chama-se Mais Nova. Logo em seguida, em 8 de janeiro de 1981, a Rádio Federal FM, na época Rádio Cosmos, é inaugurada, sendo que já estava em funcionamento em caráter experimental desde 1980.

Pela equipe gestora das duas fases passaram nomes como os dos professores José Maria Marques da Cunha (1977-1984), Sebastião Ribeiro Neto (1984-1989) e João Manuel dos Santos Cunha (1989-1993), o jornalista Roberto Gustavo Engelbrecht (1993-2013), a jornalista Vera Lopes (janeiro de 2013 – julho de 2013), os professores Leandro Maia (Julho de 2013 – abril de 2014) e Ricardo Fiegenbaum (abril de 2014 – julho de 2016), a pesquisadora deste trabalho, Silvana Moreira (julho de 2016 – setembro de 2016) e atualmente é dirigida pelo publicitário Rafael Cavalheiro.

Em seu início, a Rádio Federal FM era vinculada a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, entretanto, em 1993, quando recebeu a atual nomenclatura, passou a lotação para a Coordenação de Comunicação Social da Universidade, por decisão do Conselho Universitário. José Marques da Cunha relembra sobre a indicação do nome Rádio Cosmos que foi dada pelo reitor Delfim Mendes da Silveira. “Ele escolheu o nome da Rádio, com o nome de Rádio Cosmos, e depois trocaram para Federal FM”. O novo organograma da Universidade, já com a nova nomenclatura mostra a estrutura pertencendo à Reitoria, dentro da Coordenadoria de Comunicação Social.

FIGURA 1 – ORGANOGRAMA DA UFPELA EM 06 DE MAIO DE 1993



Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/consun/resolucoes/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2019

A mudança gerou uma grande rejeição por parte da comunidade acadêmica. Segundo Vaz (2017) a ideia era se igualar à Rádio Universidade ligada a Universidade Católica de Pelotas. “E então criou esse nome Federal FM, que na época criou um mal-estar muito grande, porque Federal lembrava Polícia Federal, lembrava Rádio Patrulha, Polícia Rodoviária Federal, uma coisa assim...”. Muitas confusões entre as duas emissoras já vinham ocorrendo, como revela a narrativa de Engelbrecht:

A Rádio na época, a Cosmos, recebia correspondência para a Rádio Universidade Católica, se o próprio Correio fazia confusão com a Rádio da Católica e a Rádio da Federal, porque eles não... e vamos ter as duas com praticamente o mesmo nome. Rádio Universidade Federal de Pelotas, não... (ENGELBRECHT, 2017).

Em 6 de maio de 1993, por decisão do Conselho Universitário da UFPel, a Rádio Cosmos passou a se chamar Rádio Federal FM, através da Resolução 1/1993. Esta data está incorreta no website da emissora que aponta a decisão do Conselho como sendo do dia 18 de julho de 1992.

FIGURA 2 - ATA 1/1993 DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

46. Relativamente à Coordenadoria de Comunicação Social, o
 47. Professor César esclareceu que a administração entendia
 48. ser a Rádio Cosmos parte integrante dessa Coordenadoria
 49. não podendo, como tal, ter "status" hierárquico superior
 50. a essa área. Por essa razão, estava sendo proposto a
 51. alteração do "status" da Coordenadoria de Comunicação
 52. Social, inclusive, com a criação de uma Secretaria e de
 53. uma Seção de Redação. Ainda, em relação a Rádio Cosmos, o
 54. Senhor Presidente esclareceu que a administração estava
 55. propondo a alteração de sua denominação que passaria a
 56. levar o nome da própria UFPel, a exemplo do que ocorria
 57. com as emissoras pertencentes às outras Universidades. Em
 58. sendo aprovada essa proposição, a UFPel passaria a
 59. estabelecer contatos com o Ministério das Comunicações
 60. objetivando a alteração. Quanto a Pró-Reitoria de
 61. Planejamento, foi esclarecido que a mesma seria

Fonte: Arquivo do Conselho Universitário da UFPel

Engelbrecht (2017) relembra como ocorreu a mudança da parte técnica, como por exemplo, as vinhetas, que segundo ele ocorreu de forma gradual.

E a mudança, não foi que nem nós, que eu queria mudar da noite para o dia, se é para mudar então vamos mudar, mudar tudo, de Cosmos para Federal, que foi uma ordem do Conselho Universitário. Não vai mudando gradual. Isso não existe. Muda da noite para o dia, a Gaúcha mudou no outro dia era Atlântida, iniciou numa segunda-feira, todo mundo ouvindo a Gaúcha e não agora é Atlântida e morreu, ao tal ponto que apagou da cabeça das pessoas a gaúcha. O que que fizeram na Federal? Claro que ela tocou muito mais tempo. Mas, ah, muda gradual, aí muda isso, muda o nome do programa, muda as vinhetas, não, mas não muda agora, espera. Como que não cara? Tem que mudar tudo. E o ideal era preparar tudo antes e mudar.

Inicialmente, a emissora atingia as cidades de Pelotas, Capão do Leão, Canguçu, Morro Redondo, São Lourenço do Sul, Piratini, Turuçu, Pedro Osório, Rio Grande, Arroio do Padre, Pinheiro Machado, Candiota, Arroio Grande, Hulha Negra, Jaguarão, Bagé, São José do Norte, Mostardas, Tavares, Santa Vitória do Palmar e Santana da Boa Vista. Engelbrecht (2017) recorda que em uma viagem para Porto Alegre conseguiu sintonizar a rádio na capital: "Atingia Porto Alegre, eu na ponte de Guaíba eu ouvi ela, no carro", afirma o radialista.

De potência ela chegou a alcançar, entrava em Bagé, teve pessoas ligando de Dom Pedrito, aqui, Caçapava, isso aqui tudo pegava tranquilo, Porto Alegre, Camaquã, Tapes... para baixo, Santa Vitória entrava, Chuí eu não lembro. Era um bom alcance (ENGELBRECHT, 2017).

Sem manutenção adequada, mais recentemente o transmissor perdeu potência e passou a alcançar apenas algumas cidades próximas à Pelotas. A Rádio Federal FM também pode ser sintonizada via internet, no endereço do seu *website* e em outros aplicativos de rádio. A radialista Zari Machado rememora que em alguns momentos o transformador estragava por conta da sobrecarga. Segundo a radialista o rádio ficava fora do ar várias vezes e algumas delas, dependendo do problema, por um longo período.

Caía um temporal e a Rádio saía fora do ar. Bah quando estourava aquela, como chamavam, o tipo de uma célula (válvula), a gente já ficava triste, porque poderia ser uma semana ou um mês fora do ar. Aí o pessoal malhava: - Ah, a Rádio vive fora do ar. Agora tem transmissor novo tem tudo, agora mudou, tem tecnologias novas, e tudo informatizado (MACHADO, 2018).

Maria Alice Estrella (2017) lembra de um período de aproximadamente seis meses em que a Rádio ficou fora do ar, por um problema no transmissor. A radialista conta que a emissora retornou ainda com problemas e os radialistas eram cobrados na rua, o que também sinalizava a sua audiência: “cobravam muito isso na rua e foi aí que eu me dei conta de como nós éramos ouvidos. Foi pelas cobranças: Poxa, a Rádio que eu mais ouvia, a Rádio Federal é dez, cadê a Federal? Cadê a Federal? Isso era constante, era diário este comentário na rua”.

Os problemas persistiram por muitos anos. Mais recentemente, entre setembro de 2018 e abril de 2019, a Rádio esteve fora do ar, operando com parte da programação apenas pela internet. Em abril, a Universidade conseguiu passar o transmissor para a nova torre e reiniciar as transmissões. A nova torre foi adquirida pela UFPel em 2016, porém, com a crise nas universidades, não conseguiu finalizar as obras de infraestrutura necessárias para a instalação do transmissor. O novo endereço do Parque de transmissões é a Rua Alberto Rosa, no antigo prédio da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB).

3.2. Da concessão ao início das transmissões

A liberação da transmissão pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) do Ministério das Comunicações ocorreu com a Portaria 953, em 14 de setembro de 1977 (ANEXO 1). O instrumento legal outorgou permissão à Universidade Federal de Pelotas para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em frequência modulada, com fins exclusivamente educativos, sob a denominação de Rádio Cosmos. Sobre a burocracia que a Universidade precisou realizar para conseguir a concessão, o primeiro diretor da emissora conta como ocorreu:

Eu estava em um coquetel no quartel general, conversando com Dom Antônio, que era o reitor da Universidade Católica e eu estava como diretor da Rádio Universidade, da RU, desde 1967, desde a instalação e isso era 1976. Quando o doutor Delfim, que foi o primeiro reitor da Universidade Federal, foi o fundador da Universidade Federal disse ao Dom Antônio que precisava que eu colaborasse com a Federal, mas que precisava da ajuda do Dom Antônio que ele me cedesse parte do meu trabalho para que eu pudesse ajudar a Federal a ver se conquistasse um canal educativo de FM que não seria nem concorrente da RU, porque não teria comercial. Que ele já tinha mandado duas pessoas ao Rio de Janeiro para a obtenção do canal e não tinha resposta nenhuma. Aí Dom Antônio disse a ele que eu poderia colaborar e combinamos de fazer uma visita lá no campus e o dia que eu fui ao campus tinha chovido um horror, aquela estrada era um barral e eu cheguei lá, fui almoçar com ele lá e aí ele me contou que queria antes de sair, deixar uma rádio para a Universidade com a concessão. Eu falei: O senhor me dá uns 15 dias, que eu vou tentar. Aí eu peguei o telefone, liguei para o Rio, pedi para falar com a pessoa encarregada da distribuição dos canais educativos e conversando com ele e tal. É aquela história que eu digo também, quando a gente tem um pouquinho de boa vontade as coisas facilitam e eu falando com ele disse que era do Rio Grande do Sul, que era de Pelotas que era da Universidade Federal... Aí diz ele para mim: - Ah, gaúcho, eu sou de Jaguarão, diz ele para mim, engenheiro Assis Brasil. Aí eu contei a história para ele e ele me disse: - Olha professor eu vou lhe mandar um telex amanhã. Então no dia seguinte ele me mandou um telex dizendo que tinha um canal e que deveria seguir os seguintes tramites, aqueles normais, então peguei o telex entreguei para o doutor Delfim e ele chamou o secretário Renato Araújo e disse: - O que o professor Cunha te pedir a partir de agora tu providencia, mas não precisa comentar com ninguém, vamos fazer esse trabalho aí sem alardear (JOSE MARQUES DA CUNHA, 2017).

A partir de então, foi feito o requerimento, a documentação foi juntada e enviada para o Ministério das Comunicações em Brasília. José Marques da Cunha

(2017) relata que “depois de um mês, mais ou menos, veio a resposta do Ministério que precisava fazer um projeto técnico, precisava dizer quais os equipamentos iam ser utilizados para que o Ministério fizesse um estudo se iria ser aprovado ou não”. Cunha também recorda sobre como foi realizado o projeto técnico da Rádio, que deveria já prever as definições de equipamentos que a emissora iria adquirir.

Aí quando chegou na época de projeto técnico, nós contratamos o engenheiro Claudio Lorine que eu já o conhecia da Católica, da Alfa e de Rio Grande, que foi o que fez o projeto técnico, porque ele é um engenheiro muito conhecido, muito competente, então nesses casos, quando tu vai concorrer com alguma coisa, tu tens que fazer uma coisa certa, então tinha que ter um engenheiro competente, e ele era um engenheiro competente. Aí o Claudio Lorine fez todo o projeto, entramos, e aí começou a se pensar na compra dos equipamentos, então se comprou um transmissor importado, o transmissor veio e a localização da Rádio foi uma briga para conseguir (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

O primeiro diretor da Rádio conta como se deu a concessão da primeira FM, que também foi a última FM outorgada diretamente a uma Universidade. A partir deste período, os canais eram outorgados a uma Fundação de Apoio das Universidades.

A rádio Cosmos, hoje Federal FM, foi a última emissora educativa concedida no regime de ser licenciada à própria instituição. Por que que eu te digo isso? Porque logo em seguida eu fui colaborar com Rio Grande, a FURG, também quem fez a documentação da FURG fui eu, inclusive também fiz os estatutos da FURERG, que é uma fundação que a FURG alimenta. A Rádio Federal FM é da Universidade Federal de Pelotas, a da FURG é da Fundação da Universidade, da FURERG, que é uma fundação criada para movimentar a Rádio (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Na notícia veiculada no jornal Diário Popular do dia 22 de setembro de 1977, aparecem as informações sobre a concessão obtida pela Universidade. Segundo o veículo, a UFPel recebeu a primeira concessão de um canal de rádio educativo em frequência modulada no Rio Grande do Sul.

FIGURA 3 - UFPEL TERÁ A RÁDIO COSMOS, EM FM. A CONCESSÃO JÁ FOI OBTIDA



Fonte: Diário Popular do dia 22 de setembro de 1977 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Outra informação relevante e que não aparece na história institucional da Rádio Federal FM, divulgada em seu *website*, é que o ato ministerial atendeu “a um acalentado sonho do reitor Delfim Mendes da Silveira e constituiu um prêmio aos esforços que desenvolveu para conseguir a concessão recebida quase ao fim de sua gestão”. Em consonância com a notícia do periódico, o fundador e primeiro diretor da Rádio, José Marques da Cunha (2017) fala sobre o desejo do reitor em constituir uma emissora para a Universidade. “[...], mas o mérito foi a criação do doutor Delfim de conseguir um canal que fazia muitos anos que a Universidade tentava, tivemos a sorte talvez de entrar na hora certa e conseguir o canal e do doutor Ibsen que quis continuar o trabalho e instalou a rádio”.

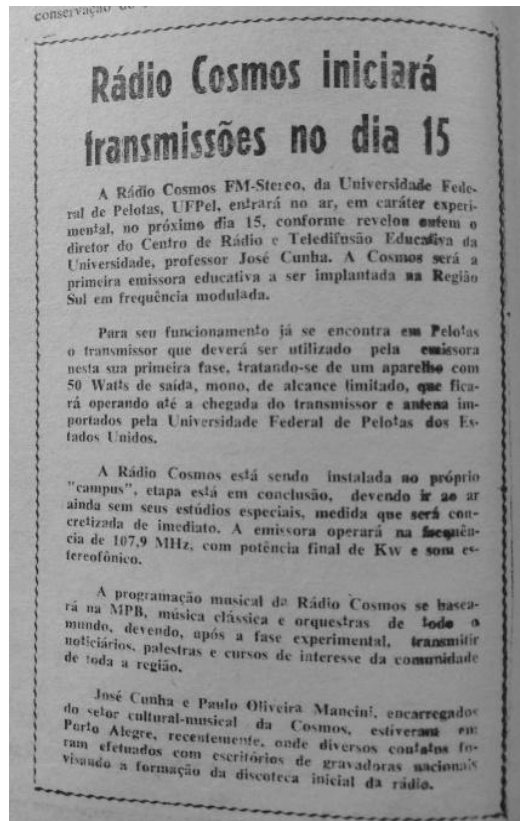
Eu tratava diretamente com ele e quando foi no final da gestão dele, saiu o canal, então foi publicado e tudo. Só que ele não teve condições de instalar a rádio, mas ele conseguiu o canal que eu acho que foi o mais difícil. Justamente o que ele queria era que a própria Universidade pudesse fazer cursos à distância e pudesse auxiliar a comunidade mais carente (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Sendo assim, a responsabilidade de montar a infraestrutura da emissora ficou para o reitor Ibsen Wetzel Stephan, que esteve à frente da Reitoria entre os anos de 1977 a 1981. Neste período, José Marques da Cunha montou a primeira equipe da Rádio.

Aí o professor Laudo Nunes que era o pró-reitor administrativo me incumbiu também de organizar a equipe da Rádio, foi aí que eu

convidei então o Roberto Engel, o Cleber Luiz, o Virgílio era o técnico da Rádio, que já era o técnico da RU, e a Vera também foi contratada (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

FIGURA 4 – RADIO COSMOS INICIARÁ TRANSMISSÕES NO DIA 15



Fonte: Diário Popular do dia 05 de junho de 1980 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

A notícia informa que a Rádio Cosmos iniciaria as transmissões no dia 15 de junho de 1980, em caráter experimental, sendo a primeira emissora educativa da região Sul em frequência modulada. Nota-se um possível desconhecimento do periódico sobre a frequência modulada (FM) e amplitude modulada (AM), tendo em vista que a Cosmos foi a primeira rádio educativa em frequência modulada do estado e não da zona sul. José Marques da Cunha destaca como era a programação, a equipe e as dificuldades da emissora em seu caráter experimental.

A experimental era uma equipe pequena, aí funcionava poucas horas, começava, vamos supor, as 10h da manhã e ia até as 19h, a Hora do Brasil, aí quando a programação tinha que, porque aí tu mandavas uma programação também para o Ministério, tinha que seguir uma grade. E então essa grade a gente compunha a medida da necessidade, no caso. Aí quando estava na experimental, tinha uma grade pequenininha, e quando tu vais inaugurar o transmissor,

aí tu já tinhas um grupo maior, uma programação maior, mesmo assim, na Cosmos, sempre com dificuldade para contratar gente. Mas era muito difícil, fogão nós comprávamos, nos reuníamos, geladeira a gente se cotizava e comprava, porque não tinha, a Universidade não dava, não tinha no orçamento, e a gente precisava, e como te disse, colocava lonas, porque não tinha telhado, era uma laje só, então chovia dentro (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Já nas informações que constam no *website* da Rádio Federal FM, a então Rádio Cosmos iniciou suas transmissões experimentais em agosto de 1980. Engelbrecht relata uma série de dificuldades neste período de implantação da emissora, o que justifica a diferença de datas verificada no Diário Popular e no *website* da instituição. De acordo com o radialista, o parque de transmissões inicial, por ter um alcance pequeno, precisou ser removido do campus Capão do Leão sendo instalado em Pelotas:

[...] foi instalado no campus com um transmissor de 50 watts FM, cedido pela Escola Técnica na época, e do campus não chegava na cidade, então nós precisávamos colocar ela na cidade em outro lugar de melhor alcance, usando o mesmo transmissor, porque o transmissor Harris que está até hoje no ar, não tinha chegado em Pelotas ainda (ENGELBRECHT, 2017).

Engelbrecht (2017) destaca que a Rádio foi instalada no campus Capão do Leão com um transmissor de 50 watts FM, cedido pela Escola Técnica. Como o transmissor era de baixa potência, a programação da emissora não chegava na cidade. Em sua fala, Engelbrecht acaba concluindo que a primeira rádio a transmitir em FM em Pelotas foi a Rádio Tupanci.

A colocação no campus foi em cima do prédio, daquele prédio 38, 39, uma coisa assim, na entrada do campus, e não chegava, a potência dela era muito fraquinha, o transmissor esse que tinha, que ele foi colocado e não chegava, a potência dele, e era um troço enorme também, e super antigo, o que me chamava atenção é que aquilo foi um projeto de um professor da Escola Técnica, no pós-guerra. Que era um transmissor, agora que estou lembrando um detalhe, não era, ele foi um projeto da Escola Técnica, ele foi montado pela Escola Técnica, só que ele estava em uso pela Tupanci. A Tupanci é que usava esse transmissor no estúdio para mandar o áudio para a antena, e para colocar no ar. Quer dizer, a Tupanci estava operando em Pelotas em FM, muito antes de surgir o rádio FM em Pelotas, antes de qualquer outro. Porque eles simplesmente transmitiam do centro até a antena (ENGELBRECHT, 2017).

A notícia do Diário Popular também detalha a situação técnica da emissora em seu início. De acordo com o periódico, a Rádio Cosmos iniciou as transmissões com um equipamento de baixa potência, 50 watts, que cobria apenas parte da cidade de Pelotas. Esta condição ocorreu até a chegada do Sistema Irradiante Gates ao Brasil, que, segundo a notícia, se daria em outubro de 1980. José Marques da Cunha (2017) explica que o caráter experimental precisou acontecer pois a Universidade tinha um tempo para colocar a Rádio no ar, caso contrário perderia a concessão: “Essa do experimental era de 50 watts e a gente usou para não perder o canal, porque tinha prazo, tinha que instalar até tal data, se não instalar tu perdias. Tu instalas e comunica, aí eles vêm e fazem a vistoria”.

A Portaria nº 4334, de 17 de setembro de 2015¹⁰, do Ministério das Comunicações, que dispõe sobre o serviço de radiodifusão comunitária, permite que uma Rádio Comunitária tenha uma potência efetivada irradiada de no máximo 25 watts, que permite a transmissão do sinal para um raio de mil metros apenas. Já o transmissor definitivo da Rádio tinha uma potência de dez mil watts.

O jornalista lembra que a antena precisou ser instalada no alto do prédio da Faculdade de Odontologia para que o sinal pudesse ser sintonizado em Pelotas, porém este ainda era fraco. Em sua fala, é possível notar as dificuldades que a equipe passou para conseguir colocar a emissora no ar. Engelbrecht compara o baixo alcance do transmissor utilizado na fase inicial da Rádio com as transmissões atuais das rádios comunitárias que funcionam, atualmente, com metade daquela potência.

Para ter uma ideia de potência, porque isso aí potência, dizer que era 50 watts, eles diziam que era, mas estar transmitindo em 50, as rádios comunitárias hoje têm potência de 25, então não teria como chegar aqui na cidade nem com o dobro de potência. Então houve essa tentativa em agosto não deu certo, aí se trouxe para o edifício da Odontologia, sétimo andar, a Rádio toda para dentro de uma sala do lado dos elevadores, sobe onde está o motor do elevador da Odontologia, desce outra escada do lado e entra para dentro da sala que era uma sala que acabamos dividindo tudo, a parte técnica, a parte de discoteca, a parte de jornalismo, tudo era num bloco só. Se colocou a Rádio ali, mesmo assim, o sinal era fraco, porque não casava com a antena que tinham projetado aqui em Pelotas para fazer (ENGELBRECHT, 2017).

¹⁰ <http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/915-portaria-4334>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

Desta forma, um engenheiro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul acabou ajudando a emissora e desenvolvendo uma antena compatível com o transmissora de 50w. Engelbrecht precisou ir a Porto Alegre buscar a antena.

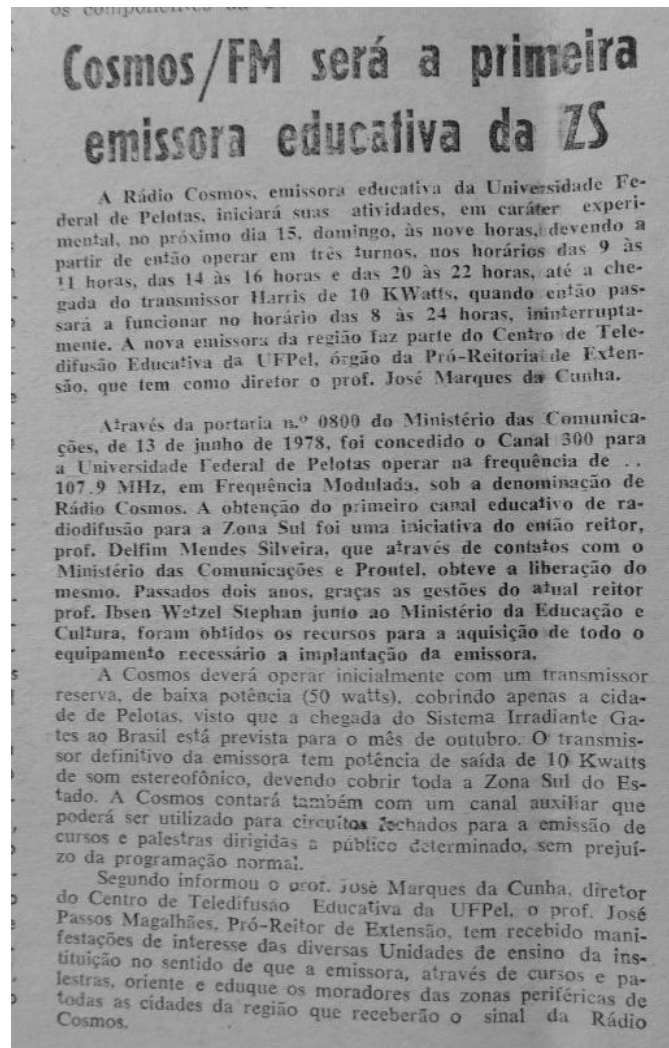
O engenheiro da PUC bolou uma antena diferente, só que tinha de apanhar essa antena em Porto Alegre e trazer para cá. Eu me lembro que eu tinha ido a Canela, tinha ido em casa e o Cunha (diretor da Rádio) pediu para passar em Porto Alegre para pegar a antena. Eu tinha um fusca, a antena era um pouco maior que o fusca, e tinha que trazer em cima do carro e eu trouxe (ENGELBRECHT, 2017).

O radialista conta que com a nova antena, a Rádio foi enfim instalada no alto da Faculdade de Odontologia e as transmissões experimentais iniciaram mais tarde que o previsto. Engelbrecht lembra que “o acesso é difícil, tem uma janelinha na frente do elevador, tem que subir numa escadinha, ir se agarrando, para ir até em cima do prédio da Odonto, que é uma laje”. Segundo ele, há uma placa neste local indicando a instalação da emissora que utilizou o espaço até dezembro de 1980.

O diretor José Marques da Cunha também destaca, em sua narrativa, o funcionamento da Rádio Federal FM, no prédio da Faculdade de Odontologia. Segundo Cunha, a infraestrutura era deficitária, mas era a única forma de colocar a emissora no ar de forma experimental e garantir a concessão do canal que poderia ser cancelada caso a emissora não começasse a transmitir até determinada data.

A Rádio começou a funcionar no último andar da Faculdade de Odontologia, ao lado do elevador, então só se podia ligar o microfone, quando o elevador não tivesse funcionando, imagina só a confusão. E se conseguiu ali operar com um transmissor pequenininho com 50 watts em caráter experimental. Porque tinha que entrar no ar. Então conseguimos entrar no ar com um transmissor pequeno de 50 watts (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

FIGURA 5 - COSMOS/FM SERÁ A PRIMEIRA RÁDIO EDUCATIVA DA ZS



Fonte: Diário Popular do dia 08 de junho de 1980 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

A notícia veiculada no Diário Popular apresenta novas informações sobre os primórdios da Rádio Federal FM. De acordo com o periódico, a Rádio Cosmos iniciaria as transmissões em três horários: das 9h às 11h, das 14h às 16h e das 20 às 22h. Em consonância, Engelbrecht (2017) recorda que “o caráter experimental dela foi 2h de manhã, 2h de tarde e 2h de noite. Nós nos dividíamos os sete, dois de manhã, dois de tarde e dois de noite, e o discotecário preparava a programação para tocar durante o período”.

Após a chegada do transmissor Harris de 10Kw, passaria a atuar das 8h às 24h sem intervalos. A notícia traz um equívoco na Portaria que outorgou a concessão do canal à Universidade Federal de Pelotas, que na verdade é a 953 de

14 de setembro de 1977 (Anexo 1). O periódico evidencia novamente o protagonismo do reitor Delfim Mendes Silveira na iniciativa de conseguir a outorga da Rádio junto ao Ministério das Comunicações e a Prontel – Programa Nacional de Tele-educação, mas dá o crédito ao reitor Ibsen Wetzel Stephan por ter conseguido, após 2 anos, os recursos junto ao Ministério da Educação para aquisição dos equipamentos necessários para o início das transmissões.

O periódico também detalha a situação técnica da emissora em seu início. Como já citado, a Rádio Cosmos iniciou as transmissões com um transmissor de baixa potência que cobria apenas a cidade de Pelotas. Esta condição ocorreu até a chegada do Sistema Irradiante Gates ao Brasil, que, segundo a notícia chegaria em outubro de 1980. Outro destaque é um canal auxiliar que possibilitaria a transmissão de cursos e palestras em canal fechado sem prejuízo da programação. Segundo José Marques da Cunha (2017) o transmissor tinha condições de gerar cursos paralelamente, mas a Rádio não tinha condições de gerar. “O transmissor teria condições de, vou dar um exemplo, fazer um normal com música seleta, e um de cursos, mas a gente não tinha gente, nem recursos”. Engelbrecht também confirma a impossibilidade técnica e falta de recursos da Rádio para colocar este canal no ar com cursos para a população carente, como era o sonho do reitor Delfim Mendes da Silveira.

No transmissor, esse que está aí até hoje, havia a possibilidade de utilizar um canal, paralelo para transmissão de curso, mais de um até, mas isso nunca foi feito, o custo era muito elevado, tinha que utilizar o mesmo transmissor. Tem um cristal que é cortado, que ele dá naquela frequência certinha, a potência é uma coisa, a frequência é outra, com aquela potência do transmissor poderia se colocar em outra frequência, um outro transmissora, mas aí teria que colocar mais uma antena, tinha todo um investimento, e isso aí nunca foi feito (ENGELBRECHT, 2017).

FIGURA 6 - RÁDIO COSMOS/FM INICIA AMANHÃ SUAS TRANSMISSÕES



Fonte: Diário Popular do dia 14 de junho de 1980 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Uma nova informação aparece na notícia do dia 14 de junho de 1980. Enfatizando que a Rádio Federal FM integrava o Centro de Tele difusão Educativa da Universidade Federal de Pelotas, o periódico faz a divisão do início das transmissões da Rádio Cosmos em duas fases. Na primeira fase, a transmissão é feita em mono e a programação se constitui de música popular brasileira, orquestras e música clássica de todo o mundo. Já na segunda fase, com a chegada do Sistema Irradiante Gates, a Rádio passaria a atuar em estéreo e com uma programação mais rica, composta por noticiários, palestras e cursos. O novo sistema a chegar cobria toda a Zona Sul do Estado.

FIGURA 7 – RÁDIO COSMOS/FM É A 1ª EDUCATIVA DO RS



Fonte: Diário Popular do dia 15 de junho de 1980 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

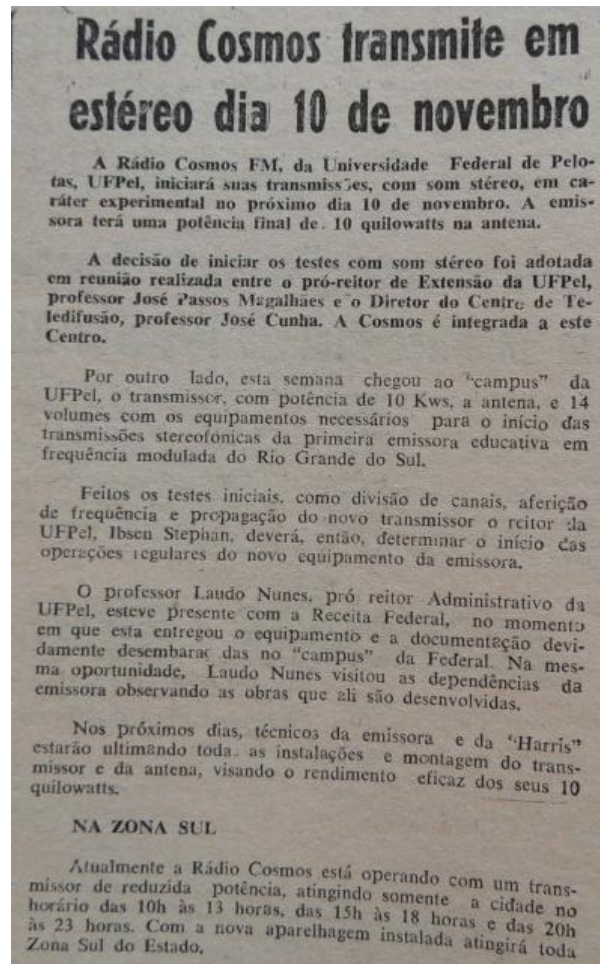
A notícia do Diário Popular repete as informações repassadas nas notícias anteriores. O título, desta vez já repercute o fato da Rádio Federal FM ser a primeira FM educativa do Rio Grande do Sul. De todo o modo, os títulos refletem uma disputa de poder, sobretudo em uma região como Pelotas que vive de um passado rico, com suas charqueadas, evidenciar o protagonismo é uma forma de ampliar o potencial político da cidade frente à Capital.

A notícia destaca novamente a informação sobre o canal paralelo. O periódico informa que, segundo informações do diretor José Maria Marques da Cunha, a Cosmos FM “poderá, ainda, orientar e educar através de cursos e palestras, os moradores das zonas periféricas de todas as cidades da região que receberem o sinal da emissora”.

A iniciativa do reitor Delfim Mendes da Silveira ao projetar a Rádio no ano de 1978 é destaque da notícia, bem como a busca de recursos junto ao Ministério da

Educação, que foi realizada pelo então reitor Ibsen Stephan, para a aquisição dos equipamentos. Analisando os destaques do periódico sobre este assunto e as narrativas dos entrevistados, percebe-se que havia uma disputa entre as administrações pela fundação da Rádio.

FIGURA 8 – RÁDIO COSMOS TRANSMITE EM ESTÉREO DIA 10 DE NOVEMBRO



Fonte: Diário Popular do dia 25 de outubro de 1980 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

A notícia do Diário Popular repercute o início das transmissões, em 10 de novembro de 1980, em estéreo. Além disso, sinaliza a chegada do transmissor Harris, da nova antena e de 14 volumes contendo o restante dos equipamentos necessários para a transmissão.

3.3. A inauguração

O período de transmissões em caráter experimental proporcionou a adequação e aprendizagem dos equipamentos que a equipe da Rádio iria utilizar, além de, como já citado, ser um período em que a emissora precisou transmitir com equipamentos improvisados tendo por objetivo manter a concessão da Rádio junto ao Ministério das Comunicações, sendo que a Universidade teria um período para instalar a emissora e iniciar as suas transmissões, caso contrário, perderia a concessão. Passada esta fase, em oito de janeiro de 1981, a Rádio Cosmos é inaugurada já com os equipamentos previstos no projeto aprovado naquele Ministério, que como já citado teria uma potência de 10kw.

FIGURA 9 – RÁDIO FM COSMOS SERÁ INAUGURADA HOJE



Fonte: Diário da Manhã do dia 08 de janeiro de 1981 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

Na única nota encontrada sobre o início da Rádio Federal FM no Diário da Manhã, de forma breve, o periódico cita algumas informações sobre a inauguração da então Rádio Cosmos, entre elas, a direção de José Marques da Cunha, o horário de transmissão que, em um primeiro momento ocorreu das 9h às 24h. Em sua narrativa, Engelbrecht rememora que o horário foi mantido desta forma devido o problema de transporte para o campus. Além disso, o periódico destaca a programação composta por músicas clássicas, orquestradas e música popular brasileira sob a responsabilidade do discotecário Paulo Oliveira Mancini.

FIGURA 10 - ZONA SUL GANHA HOJE A PRIMEIRA EMISSORA EDUCATIVA EM FM



Fonte: Diário Popular do dia 8 de janeiro de 1981 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

A notícia do Diário Popular destaca a citação do diretor da Rádio, José Marques da Cunha, que afirma que após a primeira fase a programação seria ampliada e a emissora “então, levará a seus ouvintes cursos, realizados através de convênios”. O diretor cita a busca de convênios com instituições para possibilitar a oferta de cursos pelos canais auxiliares da Rádio.

FIGURA 11 - PELOTAS JÁ TEM RÁDIO EDUCATIVO



Fonte: Diário Popular do dia 09 de janeiro de 1981 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

A chamada da notícia sobre a inauguração da Rádio Cosmos, veiculada na capa do periódico, prevê para março de 1981 uma nova fase da emissora com a inserção na programação de programas culturais, cursos, informativos, mesas-redondas entre outros.

FIGURA 12 - RÁDIO COSMOS-FM INAUGURADA ONTEM NO "CAMPUS" DA UFPEL: É PIONEIRA NO RS

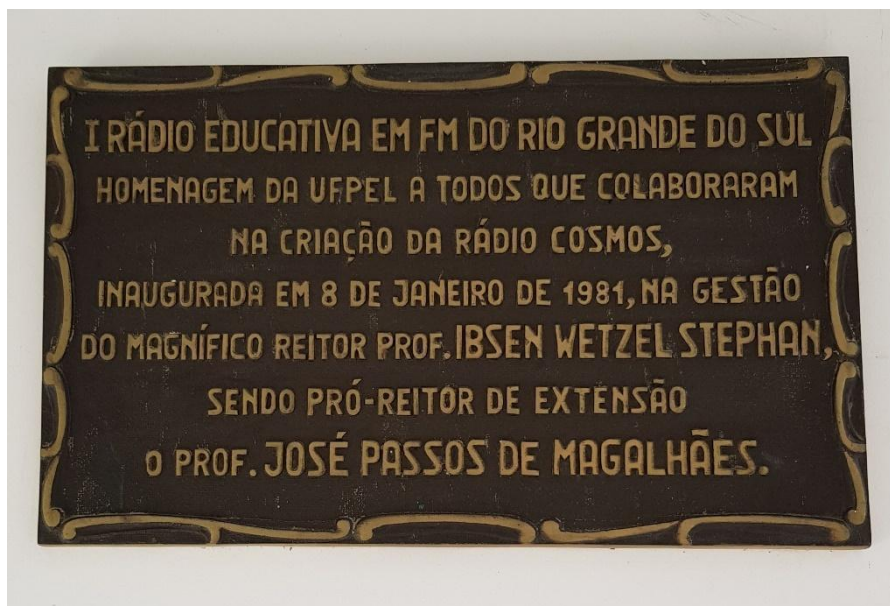


Fonte: Diário Popular do dia 09 de janeiro de 1981 - Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

De acordo com a notícia, a inauguração da Rádio Cosmos teve a presença do reitor Ibsen Wetzel Stephan e do reitor da Universidade Católica de Pelotas, Carlos Alberto de Souza Vianna que acionaram o transmissor. O diretor da emissora, José Marques da Cunha, falou sobre o caráter educativo-cultural da Rádio Cosmos, o pioneirismo e o trabalho a ser realizado de forma integrada à comunidade. O pró-reitor de Extensão, José Passos Magalhães, realizou um breve relato das ações para a conquista da Rádio e salientou o protagonismo do então reitor Ibsen Wetzel Stephan.

O periódico destaca que é o primeiro canal deste tipo concedido para o Rio Grande do Sul. A solenidade de inauguração contou também com o descerramento da placa de inauguração e um coquetel.

Figura 13 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DA RÁDIO COSMOS



Fonte: Arquivo Pessoal

Engelbrecht também relata alguns problemas com a instalação do transmissor definitivo. Segundo ele, a UFPel precisou construir uma casa para o equipamento. Porém, a obra ocorreu em uma área alagadiça do campus Capão do Leão e a construção sofreu várias infiltrações que resultaram em muitas avarias nos equipamentos.

A válvula queimava de seis em seis meses [...]. Qual era o problema no transmissor? [...] quando foi feita a casinha, fizeram um buraco embaixo do transmissor de onde vinham os cabos de energia e som do estúdio e era um buraco de 60 por 60, de um metro de profundidade, num banhado, sempre cheio de água (ENGELBRECHT, 2017).

Segundo o jornalista, os problemas foram resolvidos pelos próprios trabalhadores da Rádio que construíram uma tubulação acima do solo para passar os cabos, com materiais que eles mesmos conseguiram na Universidade.

A equipe que iniciou os trabalhos da Rádio Cosmos era coordenada, desde o período experimental, pelo diretor José Marques da Cunha e foi composta pelo

locutor Cleber Luiz Zurchimitten, falecido em março de 2016, o operador Francisco Luis da Silva Magalhães, também falecido, o operador Giovani Mendes da Silva, o técnico Luiz Virgílio Lopes Padilha, o discotecário Paulo de Oliveira Mancini, falecido em agosto de 2016, o locutor Roberto Gustavo Engelbrecht e o técnico Rudinei Tellier de Freitas.

[...] e a Rádio foi montada com sete pessoas, dois técnicos, dois operadores, dois locutores e um discotecário. Entrei junto com estes outros seis. Nesse primeiro momento nós estávamos formatando o que seria colocado no ar no caráter experimental, porque teria que ficar durante um período assim, inclusive não se tinha disco nenhum, nem o próprio local no campus estava propício para alguma coisa (ENGELBRECHT, 2017).

Um dos principais problemas que surgiram após a inauguração foi a localização no campus Capão do Leão. Engelbrecht lembra que as correspondências destinadas à Rádio chegavam sempre com atraso. Muitas vezes os convites chegavam após o evento ocorrer, o que impedia a participação da emissora e a divulgação do evento. Além disso, a dificuldade do transporte e a distância de Pelotas atrapalhava a participação de convidados nos programas. Engelbrecht destaca também que a localização impedia que ela funcionasse em determinados horários. José Marques da Cunha (2017) recorda de outros problemas de infraestrutura no prédio da Rádio no campus Capão do Leão.

Aí nós fomos para a entrada do campus ali a direita sem telhado, tinha uma laje, mas não tinha telhado, então a Rádio foi inaugurada e nós colocávamos lonas, plásticos em cima dos equipamentos para que a Rádio pudesse funcionar. Dali então fomos lá para o campus, para esse prédio da entrada, quando chegou o transmissor, um Harris importado, um transmissor americano, então a Rádio foi inaugurada, isso foi em 81, e já na gestão do professor Ibsen, que aí o professor Ibsen assumiu e me chamou e me comunicou que ele queria que eu continuasse e tal e que teríamos que inaugurar a Rádio (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Cabe ressaltar que o município de Capão do Leão foi emancipado em 1982 e está localizado a cerca de 20 km de distância de Pelotas. Com isso, na época, a Rádio da Universidade Federal de Pelotas passou a ter a sua sede fora da cidade a qual a sua instituição pertencia. José Marques da Cunha (2017) também faz referência aos problemas gerados pela distância de Pelotas, segundo o ex-diretor “a

rádio funcionava das sete da manhã até a meia noite [...] porque naquela época tinha falta de pessoal e não era informatizada, precisava de um operador para operar a Rádio”. Engelbrecht fala sobre a importância da sede da emissora ser modificada para o centro de Pelotas em 2012.

Um grande passo para a Rádio foi ter vindo para o centro, porque as pessoas, professores, entrevistados, correios, porque nós recebíamos convites para eventos que poderiam ter a cobertura, uma semana depois, e o próprio entrevistado: - Ah não, mas lá no campus vocês vão pagar a gasolina? E com a mudança da Reitoria era essencial que a Rádio viesse para cá, com isso ganhou muito com a exposição dela, porque o fato de estarmos no centro ajuda bastante, melhorar a qualidade do som, eu acho que a programação está num momento... a Rádio hoje eu escuto, eu tenho vontade de ouvir, eu para ouvir, acho que ela está mais atual, que foi um problema de antes nós termos que usar discos dela, isso aí mudou também muito, era difícil gravar e reproduzir [...] (ENGELBRECHT, 2017).

O radialista também recorda as dificuldades com as correspondências enviadas para a Rádio no Capão do Leão, que segundo ele dificultava o trabalho da equipe e, muitas vezes, impedia a participação da emissora em determinados eventos.

Porque tudo, essa parte de Correio então, olha tem um convite para o Festival Sesc de Música... Ah, tem o convite para o lançamento... Terminou ontem... e durou uma semana o festival, nós recebíamos o convite para participar uma semana depois. Tudo era assim. E não era culpa do protocolo, o protocolo recebia e entregava, muito distante mesmo. Várias vezes tive reunião com o pessoal do protocolo: ah pelo amor de Deus, manda para gente logo, porque a gente vai divulgar uma coisa quando já foi e essa internet com certeza, é ferramenta direta. A instantaneidade mudou muito (ENGELBRECHT, 2017).

O jornalista Vaz (2017) lembra sobre a inauguração da Rádio na sede nova, localizado no Lyceu Rio-Grandense, um dos prédios historicamente mais importante da Universidade, localizado em uma região estratégica, ao lado da Prefeitura Municipal de Pelotas. A placa de inauguração do novo endereço está datada de 4 de janeiro de 2013.

FIGURA 14 - PLACA DE INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA RÁDIO FEDERAL FM



Fonte: Arquivo Pessoal

Segundo ele, a inauguração foi realizada às pressas, alguns dias antes da nova administração assumir, uma administração de oposição, “e a Rádio ficou sem o prédio lá de fora e sem o prédio que não tinha sido entrega ainda, não tinha sido vistoriado, então ela ficou funcionando na casinha do transmissor”.

No dia 13 de janeiro aquele prédio já pertencia a outras pessoas, não tinha mais nada da Rádio lá, o que tinha da Rádio estava empilhado aqui na atual sede e só tinha lá o transmissor. A Rádio sempre foi meio tratada como um cusco, ela nunca foi tratada como um cão de guarda, assim, olha é essa aqui a emissora que é a porta voz da UFPEL, essa é a emissora que vai falar mais alto, que vai falar grosso, que vai ter retransmissor e na cidade do interior vai ter antena, vai ter condições, que eu falava isso e me chamavam de: - É tá louco... Mas a Universidade tem que ser sintonizada em todos os lugares onde há um pé da Universidade. Ela tem que ser sintonizada em Pinheiro Machado, em Jaguarão, em Rio Grande... em tudo que é lugar, não pode ser uma emissora que chega ali na quinta e já não pega mais (VAZ, 2017).

Sobre o fato de a Rádio não ser prioridade para Universidade, Vaz (2017) faz várias críticas com relação a isto. O jornalista recorda a falta de manutenção na torre da Rádio localizada no campus Capão do Leão e que, atualmente, está localizada no bairro Porto de Pelotas.

Mas a Rádio sempre, eu tenho essa impressão assim, a Rádio sempre teve improvisada. Eu me lembro que a primeira coisa que o rapaz que era chefe do setor de segurança, o Itibere, lá da Prefeitura do campus. O João Manuel assumiu às 8 horas, às 8h05min ele disse assim: professor a antena vai cair, nós temos que derrubar a antena, desmanchar a antena, e ele disse: vem aqui, mas hoje? Eu estou assumindo a Rádio hoje e o senhor vem me dizer que vai cair a antena e ontem o senhor não disse isso para o antigo diretor. Não porque a gente estava fazendo não sei o que... Queriam até derrubar a antena da Rádio, uma coisa assim, sabe? Se a antena ia cair é porque ela nunca tinha tido a devida manutenção (VAZ, 2017).

Vaz recorda que certa vez, para viabilizar a produção de um programa de entrevistas muito importante dentro da grade de programação da Rádio Federal FM, o então chefe de Comunicação da Universidade, jornalista Clayton Rocha, precisou emprestar a sala de onde realiza o Programa 13h, da Rádio Universidade, para a realização das entrevistas. O Salão 13h, como é chamado, está localizado na Associação Comercial de Pelotas, no centro da cidade.

Nós conseguimos começar a fazer o programa no centro, porque quem era do campus era muito confortável, mas quem não era, era ruim, então o Clayton Rocha nos emprestava o salão do 13h que era ali na Associação Comercial para gente fazer o Federal Entrevista dali. Aí a Universidade comprou três links desses de fazer transmissão com a antena. E o Fabinho pode te dizer isso melhor, ele instalou um equipamento, eles compraram três equipamentos, um instalou lá em cima da Associação Comercial, para fazer a transmissão do Federal Entrevista lá para a antena da Rádio (VAZ, 2017).

O jornalista revela que por muito tempo o Programa Federal Entrevista foi produzido na Associação Comercial, tendo em vista que os entrevistados que trabalhavam no centro acabavam não aceitando o convite para dar a entrevista devido à distância. “Fazia duas vezes dali e uma vez lá de fora, porque quem trabalhava no centro achava muito complicado chegar assim, às 10 da manhã no campus, porque teria que sair 9 e meia do centro e não conseguia trabalhar”.

3.4. A programação e a cobertura de eventos

Antes de começar a discorrer sobre a programação da Rádio Federal FM, é oportuno salientar que a programação de uma rádio educativa se difere em vários

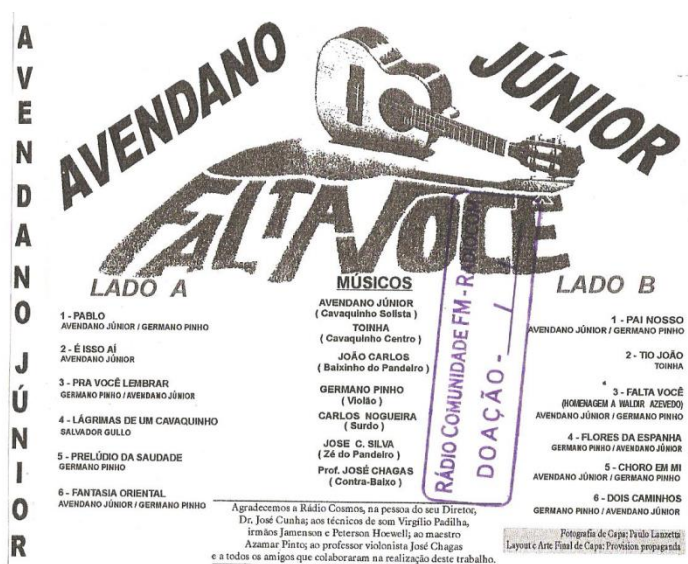
aspectos da programação das emissoras comerciais. Blois (2003) fala sobre essas diferenças:

A programação de uma emissora educativa é a grande marca que a difere de uma rádio comercial. As formas utilizadas para concretizar seus propósitos e chegar aos ouvintes vão desde as mais didáticas - os cursos e séries instrucionais - até realizações menos formais, mas não menos educativas, como o radiojornalismo, séries e spots culturais ou de utilidade pública, seleções musicais, a prestação de serviços à comunidade, propostas descompromissadas de interesses comerciais e modismos fabricados. É a educação aberta e continuada se realizando em linguagem coloquial e com forte apelo afetivo (BLOIS, 2003, p. 45).

Sobre a programação inicial da Rádio, Engelbrecht destaca os programas Chorinhos e Chorões, Clássicos em FM e As Orquestras da Cosmos que apresentavam estes estilos de música, Você faz o Programa que recebia pedidos dos ouvintes, Federal Pesquisa, que divulgava a produção científica da Universidade, Drops Cultural, Dicas de Cinema e o BR 107, que tocava músicas nativistas intercaladas com informações sobre o trânsito na Zona Sul, ao vivo, por telefone, direto da Polícia Rodoviária Federal, durante a manhã. O programa Chorinhos e Chorões teve grande destaque na época e culminou com a gravação, nos estúdios da então Rádio Cosmos, do único disco de Avendano Júnior, em 1983. Conforme a narrativa de Vaz (2017) “um programa que fez muito sucesso era o tal Chorinho e Chorões, que até hoje deve ter centenas de pessoas na cidade querendo entender e não entendem o porquê este programa terminou”. Na capa do LP consta um agradecimento à equipe da emissora. O pelotense cavaquinista Avendano Júnior foi um grande intérprete e compositor de Choro.

Inclusive de noite tinham resumos de Ópera que eram explicadas, eu não me lembro que dia, mas isso às 10 horas da noite. Antes tinha uma música mais ou menos sofisticada das 8h às 10h preparando ali a chegada. Lá no fim da tarde tinha o Chorinho e Chorões, tinha alguma coisa de MPB durante a tarde e ia fazendo aquela mescla, aí também não tinha notícias naquela época, custou muito, mas tinha avisos da Instituição, da Administração, avisos, época de matrícula, atividades que a Pró-Reitoria de Graduação ou de Extensão ia fazer em determinado lugar. Essas coisas assim, e isso se fazia através dos cartuchos aqueles que eu te falei (LOPES, 2017).

FIGURA 15 - CAPA DO LP FALTA VOCÊ DE AVENDANO JÚNIOR



Fonte: <http://pelotascultural.blogspot.com.br>

Vaz conta detalhes sobre outro programa, o Bom Dia UFPel, veiculado no início da manhã com o propósito de informar a comunidade acadêmica sobre o que aconteceria durante o dia na Instituição. O Programa criado na gestão do diretor João Manuel dos Santos Cunha, entre os anos de 1989 e 1993, iniciava com uma entrevista curta com algum servidor dando bom dia e destacando algum serviço oferecido ou trabalho realizado pela Universidade.

Foi criado então o programa Bom Dia Universidade ou Bom Dia UFPel que tinha o propósito de começar o noticiário das 7h15min às 8h para que fosse escutado pelos funcionários nos ônibus enquanto estavam indo para a universidade. Os ônibus então disseram que não iam tocar aquilo ali, que não tinha nada a ver. E esse programa que era feito pela Vera Lopes, tinha uma parte que todo o dia eles entrevistavam uma pessoa na véspera é claro, porque isso era uma coisa que era gravada, onde a pessoa dava Bom Dia para a Universidade. Eu me lembro que eu era diretor da editora e um dia coube a mim dar Bom dia então: - Olha, Bom dia a todos, eu quero recomendar lá na Livraria tem tais e tais livros, seria interessante... Cada funcionário, diretor, qualquer pessoa dava um bom dia, que durava 1 minuto, 1 minuto e pouco para fazer aquela interação (VAZ, 2017).

Como já citado, Vera Lopes (2017), ingressou na Universidade como produtora cultural com a responsabilidade de cumprir um contrato da Rádio com o SINRED, que tinha o objetivo de produzir uma programação regional a ser

distribuída entre as rádios educativas do País. O SINRED foi extinto na década de 1990. “Eu me lembro nós fizemos coisas sobre Piratini e a Revolução Farroupilha, peculiaridades, as comidas, o que comemos, a ideia desse programa... falando a regionalidade aqui, coisas peculiares daqui”. O programa produzido tinha o nome de Meu Brasil Brasileiro e tinha a finalidade de divulgar peculiaridades das diversas cidades e regiões do País e, segundo Vera:

[...] era um projeto com a finalidade de divulgar peculiaridades das cidades e dos diversos recantos do Brasil. Então, aí é que foi a minha participação, precisava de um redator, um produtor, um redator, mas que fosse também um produtor e a minha primeira tarefa dentro da Rádio Federal foi exatamente essa, cumprir esse contrato (LOPES, 2017).

Em sua narrativa, Lopes lembra a programação que ajudou a conceber, principalmente da edição que foi premiada pela Rádio MEC, emissora sede do SINRED. O programa teve como tema a camisa canarinho desenhada pelo jaguarense Aldyr Schlee e contou com a participação do professor da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da UFPel, José Antônio Duarte da Silva, que fez parte da seleção brasileira vestindo a camisa canarinho no pan-americano de 1956, disputado no México¹¹. Segundo Vera:

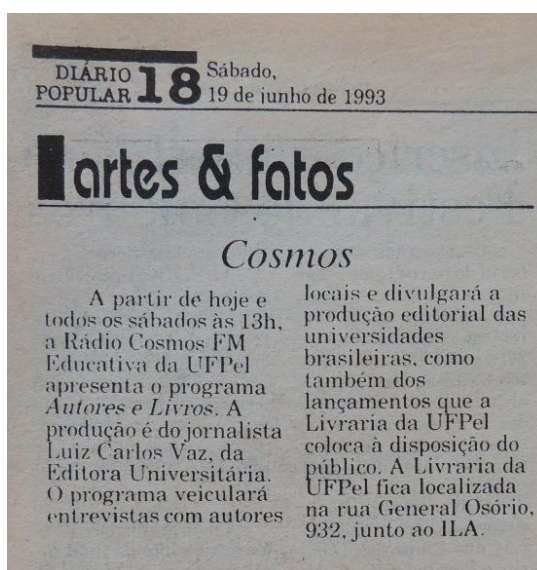
[...] um dos programas que nós fizemos que foi muito bem-sucedido e foi considerado um dos cinco melhores daquele ano foi o da camisa canarinho, porque juntou uma série de coincidências. O fato de ela ter sido desenhada pelo Schlee, que ele já não aguenta mais (risos), mas foi, o fato de que um dos primeiros jogadores que usaram aquela camisa canarinho foi uma equipe aqui do Rio Grande do Sul representando o Brasil em um pan-americano e o capitão da equipe era um professor da Agronomia depois que ele deixou a vida de jogador de futebol, ele já era formado em Agronomia, o José Antônio Duarte da Silva, que o nome dele como jogador de futebol era Duartão, ele era o capitão da equipe, então aquela equipe tinha mais gente, eu não sei, eu sei que eu entrevistei para fazer esse programa passagens com o Schlee, passagens com o Duartão, enfim a gente compôs o programa e foi considerado muito bem sucedido e uma boa locução, isso em 1984 (LOPES, 2017).

¹¹A história do jogador foi encontrada no site <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/duarte-867> - Acesso no dia 15 de outubro de 2017

Vaz ainda recorda sobre o programa Coisas em Si, produzido pelo Departamento de Filosofia, o qual se inspirou para produzir mais tarde o seu programa Autores e Livros. Segundo o jornalista, nesta época, a partir de 1989, muitos departamentos da Universidade passaram a produzir programas dentro da sua área de atuação.

O Breno Hax, que eu reencontrei na Feira do Livro, acho que no ano passado, é no ano passado. Ele fazia o programa que chamava Coisas em Si, que era um programa do Departamento de Filosofia, um programa maravilhoso. Mas era muito bom e foi em cima do Coisas em Si que eu me inspirei para depois de quatro anos, dar um certo toque de Coisas em Si nesse Autores e Livros, que a gente falava dos livros, mas também dos autores. E começaram uma série de programas nesta época que o professor João Manuel foi diretor da Rádio. Tinha programa do Conservatório de Música, da Filosofia, da Agronomia, sei lá... Todo mundo fazia programa, e isso meio que continuou na gestão do Roberto, porque aquele pessoal já tinha aqueles programas, então tinha o pessoal que fazia o programa de música popular, tinha o programa que chamava Santo de Casa, o Santo de Casa eu não me lembro exatamente quando começou, tinha uma porção de coisas assim, que foi quando a Rádio meio que começou a se expor, porque todo mundo quer fazer um programa e não tem onde fazer um programa e havia é claro uma certa limitação, o programa repetia um ou dois dias por semana, mas era muito bom! (VAZ, 2017).

FIGURA 16 - AUTORES E LIVROS



Fonte: Arquivo da Bibliotheca Pública Pelotense

Ao assumir a direção da emissora, o professor aposentado, João Manuel dos Santos Cunha, decidiu por promover a produção universitária através da Rádio e manter programas de músicas clássica e erudita.

Nesse sentido, a experiência foi bastante positiva: professores e alunos de unidades como da Medicina, Odontologia, Filosofia, Letras, Artes, Agronomia, Ciências Domésticas, Nutrição e Conservatório de Música garantiram seu espaço na programação. Alguns até com expressiva repercussão acadêmica e social, como os produzidos por estudantes do Curso de Filosofia (o memorável Coisa em si) e por docentes da Faculdade de Medicina. Da programação anterior, foram mantidos e qualificados programas como os que veiculavam óperas completas, concertos de música erudita, trilhas sonoras para cinema. Todos esses programas passaram a ser oficializados como atividade de extensão, coordenados por docente da respectiva área, sendo que a atividade proporcionava, em alguns casos, o reconhecimento oficial como prática de estágio curricular ou de atividade de extensão (JOÃO MANUEL CUNHA, 2017).

Engelbrecht relembra sobre o programa BR107 que contava com música nativista, música regional e informações do trânsito com participação ao vivo da Polícia Rodoviária Federal. O programa era produzido e apresentado pelo servidor já falecido Wladimir Silveira Martins, que na época era motorista da Rádio. Segundo o radialista, Wladimir pediu para fazer o programa por gostar de nativismo e ser amigo de alguns policiais rodoviários, que toparam a parceria. Desta forma, pediu o espaço se responsabilizando a iniciar mais cedo a programação da Rádio. O motorista, por morar nas imediações do campus Capão do Leão, teria facilidade de transporte ao local.

Teve um período que iniciou as seis da manhã, quando o Wladimir fazia um programa de manhã e como ele morava lá fora, ele pediu para fazer, então ele ligava a Rádio de manhã e já fazia o programa BR 107. Por que BR 107? Porque o programa tocava música nativista, o 107 era da frequência e o BR é porque dava informações de como é que estava o trânsito, com a Polícia Rodoviária Federal eles dando boletins no meio, conversando... Conversavam um monte, tinha um outro lá na Polícia que gostava de participar sempre e era legal, teve uma fase boa (ENGELBRECHT, 2017).

A radialista Teresa Cunha (2018) concebeu o Programa Contador de Histórias. Na época, Cunha recorda que a emissora possuía uma programação voltada principalmente para a música. Com a entrada dela no quadro de servidores

da Rádio, foi estabelecido que seria produzido um programa de notícias e a programação seria diversificada.

Aí eu criei esse O Contador de Histórias, que era um programa literário, eu pegava principalmente autores brasileiros, pegava textos, pegava crônicas, pegava contos, pegava um pouco da biografia daquele autor e era tudo gravado. Aí eu fazia a gravação da biografia do autor resumida. Aí depois tivemos outros colegas que também faziam essa parte mais bonita, tinha Vera Lopes que era responsável mais pelas notícias, que era ótima também a Vera, ela ficava lá nas notícias, fazendo a parte dos noticiários. Depois nós tivemos o Joaquim, ele era escritor e entre nós dois, a gente também fazia muita coisa legal nessa área de literatura, ele me ajudava muito, ele ia atrás de escritores que eu não conhecia, trazia material, então acho que a gente deu naquela época um aspecto diferente que a Rádio não tinha, porque ficava muito ligada só na parte musical, então a gente abriu um outro universo para a Rádio, dentro da proposta da Rádio de ser uma rádio universitária. E isso foi muito importante, porque nós temos um público mais seletivo, naquela época as pessoas não ouviam muito a Rádio, fora do ambiente assim que não tinha muito quem ouvisse, ela era uma Rádio muito nova também (TERESA CUNHA, 2018).

Nascendo com o propósito de ser um veículo educativo e cultural, o rádio também carrega a responsabilidade de informar. Segundo Engelbrecht, a programação da Rádio desde o seu início contou com programas jornalísticos:

Teve durante muitos anos jornalismo do que estava acontecendo na Instituição. Teve um período de jornal, perto do meio dia e repetia esse jornal no final da tarde. Atinente a jornalismo também teve um programa sobre a história da música (ENGELBRECHT, 2017).

Em consonância, Lopes, em sua narrativa, também aponta a importância de trabalhar as informações e conhecimentos produzidos na Universidade, que em sua avaliação oferece fonte para os mais diversos assuntos a serem abordados, tendo em vista o grande número de cursos e docentes especializados nas mais diversas áreas.

Ou seja, a Universidade tem muita pauta. E chega a um ponto, assim um requinte que é para um lado e para o outro, se tu vais dentro da Agronomia, toda aquela turma que é a favor da transgenia, do agrotóxico... tu encontra lá dentro e do outro lado, toda a turma que é a favor da agricultura orgânica, que é a favor da agricultura familiar, então tu encontra realmente a tua disposição, e tu tens mais é que

falar sobre tudo isso, porque realmente é um patrimônio que precisa ser melhor conhecido (LOPES, 2017).

Sobre a cobertura jornalística, tanto Engelbrecht como Lopes destacam o fato da consciência da equipe da Rádio de que não tinham estrutura física e pessoal suficiente para manter uma produção de notícias sobre a cidade e região, desta forma optaram por trabalhar priorizando as notícias da Universidade produzidas pela Assessoria de Comunicação, dando a elas um tratamento especial com adaptação para o rádio.

Porque nós tínhamos blocos de notícias que basicamente repetia aquilo que vinha da Assessoria, a gente adaptava, encurtava, diminuía e buscava por telefone alguma informação de outras universidades porque a gente sempre teve muito claro, eu e o Roberto, que também fazia muito essa parte, que nós não temos cacife para fazer um departamento de notícia da cidade, nós não temos gente, estamos ilhados lá no campus do Capão do Leão, naquela época a única coisa que a gente tinha a disposição era o telefone. Que nem sempre estava à disposição, porque muitas vezes a gente chegava no campus, tinham roubado os fios. Então a gente era praticamente isolado lá, claro com as notícias da UFPel ali, porque a Comunicação Social era lá (LOPES, 2017).

A maioria das narrativas pontua a priorização das atividades da Universidade dentro da programação da Rádio, apesar de ser uma característica óbvia para uma emissora que pertence a uma Instituição de Ensino. Contudo, a discussão sobre essa obrigatoriedade de divulgar as atividades da Universidade sempre esteve presente nos bastidores.

Porque o objetivo nosso, muito claro, sempre foi divulgar a Universidade, e eu te digo isso porque não tínhamos condições de abranger a cidade. A nossa matéria prima era a Universidade, além do mais era a nossa obrigação colocar a Universidade na pauta, fazer uma divulgação permanente do que se faz dentro da Universidade (LOPES, 2017).

Ainda sobre a programação noticiosa da Rádio, nota-se que com toda a falta de infraestrutura e pessoal para realizar a produção dos programas jornalísticos, a equipe sempre se dedicou a criar programas deste tipo. O ex-diretor José Marques da Cunha (2018) rememora que “tinha noticiário local, o noticiário estadual, mas não era de hora em hora, era, vamos supor, um noticiário meio dia, um a tarde e um a

noite. Hoje mudou, então de hora em hora tem notícias, a hora que também é importante em rádio”. Vera Lopes destaca como era realizado o programa.

Aí mais tarde, a gente conseguiu alinhar um noticiário, que era por volta de 11 e meia da manhã, chegava aquele monte de notícia, tinha que alguém ir lá pegar, então alguém pegava lá, vinha com as notícias da Comunicação lá, e aí aos poucos a gente foi se dando conta que podia trabalhar também com as informações de outras Universidades, mais no intercâmbio mesmo, porque tinham atividades de interesse comum. Depois chegou um ponto, e isso lá pelos anos 1990, 1990 não tinha Anhanguera, chegou bem depois, mas depois a gente fez um informativo, mais ultimamente que era de hora em hora, Notícia na Hora Certa que repete toda a noite e inclusive de madrugada (LOPES, 2017).

Zari Machado recorda que logo que foi transferida para a Rádio, passou a participar do programa Acontece em Pelotas que, segundo ela, era produzido com notícias curtas, redigidas por ela e era todo gravado pelo colega Cleber Luiz Zurchimitten. Na narrativa, percebe-se as dificuldades da equipe para manter o programa.

E era ele e às vezes o Roberto também gravava, e depois a Maria Alice também, e às vezes o pessoal entrava em férias em janeiro e fevereiro, na época de férias, e aí a gente adaptava, colocava musical, sobre arte e cultura, a agenda UFPel tinha também, aí era só notícias da Universidade. Era um Congresso, era um curso, uma pessoa ganhou um prêmio, a gente entrevistava também, ia com o gravadorzinho e entrevistava, aí tinha um evento, vem o Ministro da Educação, vem alguém da Agronomia, a gente ia, participava também (MACHADO, 2018).

Contudo, nota-se dentro da programação inicial da Rádio Federal FM, programas de utilidade pública, alguns voltados à disseminação do conhecimento produzido dentro da Universidade.

A Rádio era acanhada ela tinha um bom prédio, mas equipamentos muito acanhados, da década de 80, já era FM que na época era uma inovação, era tudo com rolo e tudo gravado, uma Rádio inteiramente gravada, nada ia ao ar diretamente, sem microfone aberto. Bastava que alguém conhecesse técnica de rádio que poderia se quisesse chegar e abrir o microfone, mas teria que ter algum conhecimento porque ela era toda lacrada, para funcionar só com os gravadores e tinha um estúdio que ficava longe, onde eram gravados os programas toda a programação que era basicamente música e alguns noticiários, eu me lembro que tinha um as 7h da manhã outro

as 11 e meia, meio dia, as vezes o do meio dia repetia, enfim, fazia aquele jogo, chegava no fim de semana faziam revista da semana e atualizando tudo o que acontecia de mais importante na universidade durante aquela semana, então sempre foi assim, mas inteiramente gravada, com um locutor, apoio de rolos e as músicas e tocava da seguinte maneira, o locutor gravava o nome do que ia tocar que vinha em folhas de ofício o locutor chegava e gravava tudo, e entregava para o operador da Rádio, que o operador fazia plantão 1 hora por dia quer dizer não era o mesmo, eram três, um que abria a Rádio as 7h da manhã ia até o meio dia, depois o outro ia até as 5h e depois das 5h até as 10, ou das 5h até as 11h então quer dizer, eram três operadores chegava no fim de semana tinha um dos locutores fazia a folga do operador e aí arranjava outro operador, geralmente contratava de outra rádio e tal, fazia a folga dos operadores no final de semana, mas ela trabalhava de 15 a 16 horas por dia, era esse o sistema da Rádio e funcionava assim (LOPES, 2017).

Dentro da programação inicial da Rádio Cosmos, a maior parte do tempo era dedicada à música que, segundo Engelbrecht, tinha como carro chefe a música clássica, a ópera e o MPB. Em alguns horários, a música era acompanhada por comentários que contavam a história da composição, dos autores e dos músicos que a interpretavam.

Antes, às 8h da noite entrava música orquestrada e depois a partir das 10h (da noite) já era clássica. E sábado tocava ópera. Mas essa parte educativa da Rádio, sempre se tocou clássico, ópera, fazendo a narrativa de quem é, qual é a história daquela música, daquele compositor, ou até mesmo da orquestra que está apresentando (ENGELBRECHT, 2017).

Zuculoto (1998), ao analisar as programações das rádios públicas, pontua a tendência do tempo pioneiro das rádios de tocarem música clássica e erudita em suas programações. A autora atribui a este fato, a causa das dificuldades no desenvolvimento e popularização do rádio. Para ela, a escolha do gênero erudito se deu em função do público na época, que era composto por uma elite intelectual e econômica. Zuculoto destaca a contradição entre a programação musical escolhida e o objetivo da radiodifusão pública de ter a função social de levar educação, informação e cultura à população. Vera Lopes, também argumenta sobre as escolhas de estilos musicais que devem ser tocados em uma rádio educativa.

E aí começa a discussão, porque aqui nós sofremos muito inclusive, aqui em Pelotas, mais especificamente na UFPel, com essa coisa: - O que que é uma rádio educativa? E aí vem a coisa da falsa cultura,

como eu digo, então a rádio educativa não pode tocar pop, não pode rock, ela toca música de qualidade, e qual é a música de qualidade? Eu tenho as minhas músicas preferidas, que tem um elemento mais sofisticado, mais ligado com determinadas tendências, mas isso não significa que seja o monopólio da rádio educativa. A rádio educativa ela só toca música? Ela faz o que além disso, tudo? Então essa dúvida a gente sempre se questionou lá dentro e principalmente as pessoas mais inquietas porque quando chegava lá tinha que ter um padrão que naturalmente era o padrão do reitor da época, então se o reitor da época gostasse de jazz, a preferência ia ser aquela, porque entre o reitor e a direção da Rádio, tinha o chefe da comunicação que era a pessoa indicada pelo reitor que fazia a ponte (LOPES, 2017).

Segundo a radialista, essa sempre foi uma marca da Rádio Federal FM: Não tocar o que é considerado moda, música puramente comercial, que já tem uma grande divulgação nas outras rádios.

Olha eu particularmente acho que nunca teve, sempre se colocou como um diferencial, era um espaço de música, tinha uma época que a gente dizia, você ouve aqui o que não toca em outras rádios, isso é do tempo do João Manuel, naquela época a preocupação era divulgar o lado B do disco, divulgar uma coisa que não mereceu atenção da mídia, essa aí foi uma preocupação muito nítida no tempo do João Manuel Cunha. Então a música é uma coisa que é muito importante na vida de todo mundo, não significa que eu vá tocar aquela música comprometida com determinado produto da hora. E também não significa que eu também não vou tocar Anitta ou Ludmilla dentro da Rádio da Universidade, porque eu acho que não é isso, a nossa preocupação é divulgar o que os outros não estão enxergando (LOPES, 2017).

Além do estilo musical construído pela Rádio, de não tocar músicas comerciais e que já estavam sendo reproduzidas em outras rádios, outra preocupação era com a diversidade cultural a ser oferecida aos ouvintes dentro da programação.

A proposta da Rádio era ser o painel das regiões e dentro disso, todas as músicas regionais são muito bem-vindas. Não é aquela coisa: há, porque axé não, eu não estou atrás do axé, entende? Eu estou atrás realmente de toda aquela música regional, não posso ignorar que a Bahia é um esteio dentro do Brasil só que ela não precisa de divulgação. Agora o Pará está estourando, agora se deram conta do Pará, mas há muito tempo que a gente tocava as guitarreadas, que é uma música quase que caribenha, até por causa da localização deles. Então se tu começas a estudar o Brasil, tu vais te dar conta que tu tens aqui uma diversidade cultural, musical que é da maior importância (LOPES, 2017).

Vaz defende que foi com a troca da administração, quando entrou o diretor João Manuel Cunha, que a Rádio passou a ter um estilo musical mais planejado. Além disso, passou a difundir informações sobre as músicas.

[...] Amilcar Gigante em 89, no dia 13 de janeiro o Amilcar Gigante assumiu a Reitoria da universidade e entrou então o professor João Manuel Santos Cunha, e o João Manuel imprimiu uma linha editorial, uma linha musical para a Rádio, fazendo uma música, como ele dizia, a Rádio agora vai tocar música dos anos 60 com mensagem, essa frase é capaz dele repetir exatamente como eu estou dizendo, criou um programa de ler contos no rádio, que eram lidos pelo Deogar Soares, pelo Cleber, por outras pessoas assim, que era muito bom. O João Manuel montou uma minibiblioteca de contistas brasileiros, onde será que estão estes livros né? (VAZ, 2017).

Já Zari Machado, que nutre um gosto pela música nativista, acredita que a emissora acabava sendo menos atrativa e, conseqüentemente, tendo menos audiência em função do repertório musical que entregava aos ouvintes. Para ela a mudança na programação musical ocorreu de forma mais eficaz depois da mudança do nome, em 1993.

A Federal FM iniciou na antiga Cosmos que ninguém ouvia porque o pessoal não gostava de música clássica, não gostavam de ouvir, só o pessoal mais intelectualizado, mais bem informado, música boa, que tem bom gosto, que ouvia. E começou lá na Odontologia, onde eu trabalhava, eu trabalhava no último andar, no sétimo. Aí tu subias mais um lance, era a casa das máquinas que diziam, e lá que tinha a antena, era tudo lá em cima. Quando trocou de nome, em 93, que ela começou a sair dessa parte de música clássica, teve muita gente que deu contra, mas aí mudamos a programação, a grade, e como eu te falei aos poucos fomos colocando música nativista que não tinha, porque era só clássico, clássico, música mais popular (MACHADO, 2019).

Sobre os programas específicos de música estrangeira, Vaz (2017) relata as dificuldades da equipe para conseguir produzir os programas, entre elas o fato de alguns não saberem as pronúncias dos nomes dos autores e até mesmo do título da música.

Tinha um programa de música clássica à noite, eu me lembro que o Mancini se desesperava para descobrir como era a pronúncia daqueles compositores alemães, tchecos e russos e eu as vezes

ajudava ele: vamos telefonar para uma professora do ILA para saber como se chama e o Mancini era muito perfeccionista... (VAZ, 2017).

A segmentação do rádio ocorreu com o advento da televisão, as emissoras precisaram adaptar a programação com o objetivo de aumentar a sua audiência que estava em queda e passaram a produzir conteúdo voltado para públicos específicos, bem como para regiões específicas. Para Ferraretto (2014, p. 14), não há como impor um padrão para o rádio por se tratar de um meio dinâmico, “é inevitável que possua uma série de particularidades de acordo com o segmento que visa atingir”.

Entre outros exemplos, as políticas de conteúdo também influenciam nas formas de produção dos programas. Lopes (2017) salienta que em 2013, quando assumiu a direção da Rádio, decidiu adotar a política de integração com o Mercosul que estava sendo implantada no Brasil pelo governo, que tinha a intenção de “unificar a América Latina e para nós aqui a coisa estava dada, porque nós somos essa nação do Pampa, a intenção era fazer da nossa programação um painel que mostrasse a diversidade e as identidades da cultura dos povos do Mercosul”.

Atualmente a Rádio atua com uma programação diversa e plural composta pelos programas Federal Esportiva com destaques do esporte na cidade de Pelotas, Federal Session que é transmitido também em vídeo e mostra o trabalho autoral de artistas locais, Terra Gaúcha que apresenta um pouco da cultura gaúcha, Federal Notícias com as principais notícias da Universidade, o programa Faixa Extra que traz diariamente uma música diferenciada para a programação da emissora, Sin Fronteras que apresenta em cada programa um país hispano americano, AGU Brasil com conteúdo da Advocacia-Geral da União, Federal Bom Dia produzido ao vivo com notícias do cenário nacional, estadual e local, Hora Música que apresenta uma seleção especial de músicas, Fotografia para Ouvir que promove a inclusão cultural, Dica do Farmacêutico com foco em conteúdo de saúde, Federal Ciência que apresenta resultados de pesquisas científicas, Autour de La Chanson que proporciona a compreensão da língua francesa aos ouvintes, Radar de Notícias Esportivo com as últimas novidades do cenário esportivo, Ocupa Federal FM produzido por alunos da UFPel, Seleção Musical Federal FM, Federal Revista com reportagens e entrevistas, Grito Pampeano apresenta a música regional, Laboratório 107,9 desenvolvido pelos alunos do curso de Jornalismo, Prosa Cultural, Programa Emater com conteúdo da Emater, O Sul em Cima programa do músico Kleiton

Ramil, E-love com música eletrônica, e MusiCaos que tem como objetivo divulgar a música que raramente é contemplada nas emissoras comerciais.

Sobre as coberturas, organização e participação em eventos, os narradores destacaram várias atuações. A radialista Vera Lopes recorda um pouco sobre as programações especiais realizadas pela Rádio com o objetivo de comemorar datas e personagens importantes. Vera (2017) lembra como se dava a produção destes especiais.

Eu lembro que a gente comemorou muitos centenários, eu lembro agora do centenário do Ciro Martins, um ator do Rio Grande do Sul, um personagem muito importante e pouco divulgado, e fazia isso com muito prazer, não só porque eu goste de literatura, mas também porque eu tinha aquele encontro ali com o aluno do curso de Letras, mais os professores, mais os técnicos da Rádio, a gente procurava fazer umas vinhetas, uma música que desse um caráter para aquele projeto ali, e então fazia com determinada música de abertura e encerramento e com tal e tal estrutura. Então a gente sempre se divertiu, buscando sinais, tinha um técnico lá na Rádio que sempre nos ajudava muito em procurar sinais, coisas assim, eletrônicos quando era época de fazer as questões espaciais, tem um banco a disposição atualmente de diversos sons e tal, que aquilo ali tu navegas, e monta, e isso geralmente os alunos gostam de fazer [...] (LOPES, 2017).

Já com relação aos eventos da própria Universidade, Engelbrecht (2017) recorda as 24 horas beneficentes, as campanhas do agasalho e as edições do Canto Universitário Rio-Grandense – Círio, um festival de música promovido pela UFPel que teve sua primeira edição em 1994. Segundo ele, “isso aí dava uma boa audiência para a Rádio, porque sempre se tentou vender o peixe que é a Rádio da Universidade, então é daqui que tu vais ouvir a informação que te interessa”. Além disso, a cobertura dos vestibulares era uma importante tradição da Rádio, tendo em vista que, na época, os jornais impressos davam o resultado apenas no dia seguinte à divulgação, o que resultava em uma grande audiência por ser muito esperada pelos estudantes. A emissora também cobria o dia do vestibular como revela Zari Machado (2018):

[...] e ela era locutora, ela participava do Vestibular também ela ia e se ela ficava lá na Coperv, e eu e o Cleber saíamos, e o Cleber fazia o Direito, o São José e eu fazia o Pelotense o Assis Brasil, porque não tinha como se locomover, e então ficava mais ou menos assim, aí depois pegava o listão e corria para o campus para gravar, tinha

que arrumar carro e tudo, o negócio era uma trabalhadeira, porque as facilidade de hoje o pessoal não valoriza.

Um fato que foi determinante para o início desta pesquisa foi o da Rádio já ter realizado eventos culturais de grande porte no Laranjal e a comunidade acadêmica não saber desta informação. Vaz (2017) conta um pouco sobre este e outros eventos da emissora.

A Rádio participava de umas programações no Laranjal, ela montava no período de verão, uma programação, não sei se no aniversário da Rádio, era no aniversário da Rádio. Isso era muito legal, que montavam uma loninha de circo, que hoje chama pirâmide, e se montava um palco e se transmitia de lá, isso era uma coisa muito interessante, e outras coisas assim, como a Feira do livro, era muito bom participar da Feira do Livro que dava visão para as pessoas durante a Feira do Livro, isso também não se faz mais. Nós compramos até um link para transmitir da Feira do Livro que dava um som maravilhoso.

A Feira do Livro acabou se constituindo como o principal evento coberto pela Rádio, sendo que em alguns anos a emissora participou diretamente de sua organização, tendo em uma determinada época, um estande para receber os entrevistados. Estrella fala um pouco sobre as suas participações na Feira.

Houve uma época que nós trabalhávamos na Feira do Livro e isso foi muito interessante. Eu participei de várias, até pelo meu conhecimento com os literatos, eu facilitei muito as entrevistas, foi muito bom e criei um ponto de encontro do jornalista com o entrevistado, e eu com o meu conhecimento com o entrevistado, a minha ligação literária com as pessoas da cidade, foram muito boas essas experiências na Feira do Livro (ESTRELLA, 2017).

Vera Lopes também cita a participação da Rádio na Feira do Livro. Para ela foi muito importante esta participação pelo contexto cultural que coloca a Rádio, as atrações da Feira e a comunidade em uma situação de troca. Ao contrário da Feira do Livro, a radialista acredita que a participação na Fenadoce não é tão interessante, porque, segundo ela, o evento já tem uma publicidade garantida pelos demais meios de comunicação. Provavelmente, o interesse da radialista pela literatura tenha influência nesta preferência pela Feira do Livro.

E tudo aquilo que envolve a Feira do Livro como notícia, para nós também foi um gueto que a Rádio ocupou com muita eficiência, acho eu, porque é a questão da cultura, estamos aí. A Rádio da Universidade, a Rádio Federal está aqui presente neste momento de cultura, de encontro, enfim da cidade. Então a Feira do Livro sempre foi a nossa pauta, outra pauta que foi eventual, não foi sempre, mas aconteceu algumas vezes foi a Fenadoce, algumas vezes nós fomos lá, depois por motivos estratégico e eu diria também questão de não ter condições técnicas e equipamentos suficientes, acabou que a gente deixou de ir para a Fenadoce e até porque realmente ela tem muita divulgação e nesse ponto, nós sempre nos colocamos como lado B, nós vemos aquilo que os outros não estão vendo. Então eu acho que isso aí foi uma proposta que de certa forma a gente conseguiu atingir quando se preocupam divulgar essas outras coisas (LOPES, 2017).

Zari Machado (2018) também relembra de como eram as transmissões e cobertura da Feira do Livro. Segundo ela a cobertura “começou com a Rádio Federal, eu e a Vera sentadas em um banquinho com gravador, era um boletim das 5 às 6, depois o Roberto arrumou uma casinha, e ali tinha água, tinha um sofá...”.

Apesar dos diferenciais oferecidos ao ouvinte dentro da programação da emissora, os entrevistados afirmam que a audiência da Rádio nunca foi alta. Engelbrecht destaca a dificuldade de se atingir todos os públicos e sobre as pesquisas que eram realizadas pelos veículos de comunicação.

A audiência sempre foi baixa, nunca foi boa. Teve algumas vezes de pegar pesquisa, pesquisa sempre foi uma dificuldade, para pagar não tinha como. Eu acompanhei algumas pesquisas que eram feitas pela Católica, pela Alfa e é o tipo de coisa que eu não acredito nem na pesquisa que foi feita para eles, porque mostrava a Alfa em primeiro, a Atlântida em segundo, a Pampa e depois nós. [...] conversa mole para boi dormir, história, porque sempre foi difícil essa história de fazer rádio para todos, todo mundo, não tem, não existe isso. Rádio é segmento, é segmentada (ENGELBRECHT, 2017).

Já o radialista Luiz Carlos Vaz atenta para o fato de a Rádio não ser comercial. Este fator, apesar de limitar os recursos para a produção de programas, dá a liberdade para que a emissora crie uma programação diferenciada das rádios comerciais que têm a programação baseada nos gostos da audiência.

Mas eles queriam a audiência igual a audiência das outras rádios, quando a gente tinha que lutar para consolidar a audiência que a gente possuía, e não imitar os outros. Os outros são os outros, tem propaganda tem tudo isso, nós vamos ser aquela rádio que não tem propaganda e que faz o que quer sem depender se o patrocinador

vai gostar, vai tirar o patrocínio ou não, e a Rádio nunca soube usufruir dessa liberdade de poder fazer o que quisesse, sempre foi a tal história de que tinha que ter a audiência em quantidade, não em qualidade, então isso era um sofrimento (VAZ, 2017).

Apesar de muitos acreditarem que a audiência foi baixa em função do tipo de música tocada, a radialista Vera Lopes acredita que o maior problema foi a produção que não soube atrair o público. “Eu acho que a audiência da Rádio sempre foi baixa, mas não é porque tocasse esse tipo de música, eu acho que é porque ela não soube ser atrativa e interessante” (LOPES, 2017).

[...] que a UFPel tem a disposição do público, que são muitos, a começar pelo carro chefe que eu acho que é a Faculdade de Odontologia, que é o maior Consultório de Odontologia da cidade, talvez da região, agora inclusive tem Odontologia funcionando nos Postos de Saúde, mas teve uma época que não tinha, era só a Faculdade de Odontologia, então toda a agenda da Faculdade de Odontologia, mas não só a Faculdade de Odontologia, o serviço que o Hospital Universitário tem para oferecer o que que dispensa pagamento, o que que o usuário precisa contribuir, todo o serviço de zoonoses que eu acho muito importante e mesmo os museus que já tem uma finalidade mais recreativa, mas também é importante tu dizer: olha tem e tal, tem o museu aquele importante de entomologia, tem diversos, atualmente tem muito mais inclusive, tem outros ali que se agregaram mais ultimamente que é o Museu do Doce, outros tantos, eu nem sei, enfim, tem toda a divulgação do patrimônio que a Universidade ela tá muito entrelaçada aqui em Pelotas, com a questão do patrimônio, não só da preservação do patrimônio, mas também do ensino da preservação que é aquele curso de restauro e essa coisa toda, tu vai mexendo e juntando daqui e quando tu vê tu faz uma Feira completa não é? (LOPES, 2017).

Como já citado anteriormente, o rádio educativo deve ter como características principais, a pluralidade, a diversidade e a liberdade de expressão. Neste sentido, a audiência das rádios públicas se dá de forma diferente da rádio comercial, que visa o lucro. Nos veículos públicos, a responsabilidade é de oferecer um conteúdo diferenciado e de qualidade ao maior número de pessoas possíveis. O jornalista aposentado da Rádio Federal FM, Luiz Carlos Vaz, explica que durante os primeiros anos da emissora, não havia como transmitir ao vivo, o fato se deve a “preocupação, ainda durante a ditadura militar, que uma rádio que transmitisse ao vivo pudesse fazer subversão”. O radialista destaca que “toda a programação era previamente gravada e depois então, não vou dizer que precisasse ser aprovada,

mas já era feita uma programação assim [...]” (VAZ, 2017). Segundo o jornalista, somente em 1984 tornou-se possível as transmissões ao vivo.

De fato, a ditadura civil-militar, instaurada com o golpe articulado pelas Forças Armadas em 31 de março de 1964 contra o governo do presidente João Goulart, marcou um período de censura e repressão à cultura e aos meios de comunicação. Até 1985 foram praticados vários atos institucionais, os quais estabeleciam a perseguição política e a repressão aos opositores. Em 1968, o regime civil-militar deliberou o Ato Institucional n. 5. (AI-5), o que resultou em uma forte censura dos meios de comunicação social e impossibilitou qualquer produção cultural opositora.

Depois do AI-5, com a censura total, não dava mais sequer para torcer pelas forças oposicionistas, então proscritas dos jornais - exceção feita talvez ao Pasquim. Aos críticos do regime, que não se dispunham a uma militância política clandestina, restavam apenas as conversas sussurradas e o ato isolado de protesto do voto nulo nas eleições para deputados e senadores, em novembro de 1970 (RIDENTE, 1993, p. 17)

Em 1978, a emenda constitucional nº 11 revogou os atos institucionais e complementares que fossem contrários à Constituição Federal. Contudo, alguns reflexos desta época perduraram durante alguns anos. No caso da Rádio, mesmo ela tendo sido inaugurada após a revogação do AI-5, além dos arquivos de áudio levarem o nome de “censura” até hoje, a prática de gravar a programação para posterior veiculação permaneceu por um longo tempo. Vera Lopes (2017) lembra que a emissora veiculava apenas conteúdo gravado, tendo como justificativa o fato de ser educativa e, dessa forma, não poder dar margem para erros que todo o ao vivo está propensa a ter.

[...] então a gente era praticamente isolado lá (campus Capão do Leão), claro com as notícias da UFPel ali porque a Comunicação Social era lá, adaptava aquilo, mas tinha toda uma possibilidade de dar uma fresta de ao vivo. Que eu acho que sempre o grande encalhe foi a rádio gravada. E aí o gravado se confundiu, primeiro porque nós somos uma rádio educativa e nós não podemos errar no português, nós não podemos errar, nós não podemos errar ao vivo, quer dizer, tem que ser gravado porque tem que sair perfeito e isso aí por si só congela, já tira o ímpeto do rádio. [...], mas então, junto com a questão de não pode errar, isso e aquilo... a nossa Rádio era toda gravada e depois eu me dei conta, um pouco depois que isso realmente era censura, não é apego pela perfeição, não é proposta

de perfeição. É porque ela sendo gravada eu posso tirar, né?
(LOPES, 2017)

Em sua narrativa, Machado também discorre sobre a época que a Rádio era gravada. A jornalista acredita que, para além das questões de censura, a emissora não tinha infraestrutura e pessoal suficiente para uma grade de programação ao vivo.

Na realidade para nós o mais interessante foi quando começou o ao vivo, porque diziam: - Ah, tudo notícia engessada, e a gente tinha que aguentar ouvir, porque na realidade não tinha uma coisa ao vivo, não tinha unidade móvel, não tinha pessoal disponível para isso, o microfone era um só, depois que surgiu o celular aí facilitou, porque cada um tinha o seu celular (MACHADO, 2018).

Segundo o jornalista Luiz Carlos Vaz (2017), com a mudança da reitoria, também modificou a direção da Rádio, que passou a ser gerida pelo professor João Manuel Cunha e “foi pela primeira vez que se conseguiu colocar na Rádio condições de transmitir ao vivo, como em qualquer outra rádio”. Neste sentido, nota-se que a emissora passa a utilizar o ao vivo apenas em 1989, quando assume a reitoria uma administração progressista, na figura do reitor Amilcar Gigante, que tem em sua biografia a marca, sobretudo em sua passagem pela reitoria da Universidade, da busca da democracia, com o compartilhamento de decisões.

3.5. As características do rádio educativo e a falta de recursos

As rádios educativas não têm fins lucrativos e são emissoras mantidas pela União, pelos governos estaduais e municipais ou ainda por Fundações criadas com a finalidade de manter financeiramente as emissoras dentro da Universidades. Conforme registros de Zuculoto (2010), que trabalha diversos conceitos utilizados por autores com relação a definição de rádio pública, em sua tese intitulada “A construção histórica da Programação de rádios públicas brasileiras”, a Constituição Federal em vigor, datada de 1988, estabeleceu três sistemas para a radiodifusão pública: privado, estatal e público.

Neste contexto, que não previu, até hoje, uma regulamentação, as rádios educativas seriam estatais, por serem vinculadas a uma instituição, seja ela municipal, estadual ou federal. Sendo assim, a autora trabalha com a ideia de rádio

não comercial que incluem as rádios estatais, educativas, culturais e universitárias. O campo público das rádios ainda incluiria as rádios comunitárias.

Percebemos a possibilidade de classificação destas emissoras também como públicas igual e principalmente pelo fato de compreendermos que, mesmo as vinculadas a governos, têm uma missão pública. Mais ainda porque, no decorrer da pesquisa, observamos com mais clareza e compreensão o quanto, no Brasil, a construção histórica do rádio público está estreitamente ligada às dos rádios educativo e estatal. Portanto, também se confundem as trajetórias das suas programações, justamente o objeto da nossa investigação (ZUCULOTO, 2010, p. 18).

Segundo Zuculoto (2010), até a década de 1980 as emissoras educativas, incluindo estatais e universitárias não passavam de dezenas. Tais rádios ganharam destaque com as transmissões em cadeia ou produções em conjunto, sobretudo em 1984 com a consolidação do Sistema Nacional de Rádio Educativo (SINRED).

Contudo, é a programação destas rádios que as diferenciam, ou deveriam diferenciar, das rádios comerciais. O papel social e a utilidade pública devem estar presentes na programação destes segmentos de rádios.

Zuculoto (2010) destaca ainda que a rádio de caráter público deve buscar a diversidade na programação. Segundo ela, a pluralidade se revela através de algumas características, como o alcance de vários públicos, a abordagem de várias temáticas, diversos gêneros e formatos de programas.

Como identifica Zuculoto (1998), a perspectiva de as rádios serem educativas esteve presente no rádio desde a sua implementação por Roquette-Pinto, ao criar a Rádio Sociedade. Ele idealizou um veículo que não apenas informasse ou oferecesse entretenimento, mas que interpretasse os fatos. Cabe aqui salientar que a programação de veículos públicos educativos tem uma finalidade educativa e cultural. Nessa perspectiva, o que a diferencia dos outros veículos é o conteúdo. Segundo a produtora cultural da Rádio Federal FM aposentada, Vera Lopes, as discussões em torno da função social de uma rádio educativa sempre estiveram presentes. Entre as questões discutidas pela equipe, Lopes pontua algumas: “A rádio educativa só toca música? Ela faz o que além disso?” (LOPES, 2017). Para o ex-diretor João Manuel Cunha:

Uma rádio educativa não concorre com outras emissoras comerciais, [...] eis que ela cumpre, ou realmente deveria cumprir, o papel que a

justifica: justamente o de suprir a lacuna de educação midiática que as rádios comerciais estão longe de atender. Se parcela da audiência não vê atendida pelas emissoras comerciais a sua necessidade de ouvir óperas completas, por exemplo, é a rádio educativa, pública, institucional, que tem essa obrigação. Não importa se são 10 ou 10.000 ouvintes para esse tipo de programação (JOÃO MANUEL CUNHA, 2017).

Sobre as características do rádio educativo, Lopes relembra algumas discussões que estiveram sempre presentes no cotidiano da Rádio.

A nossa preocupação era primeiro a definição, olha queremos parâmetros para saber o que que uma rádio educativa pode fazer. O que é? Quando é que a rádio deixa de ser educativa? Porque mesmo educando mal, eu acho que ela educa (risos), não é? Para o bem ou para o mal o que tu estás informando, não quero ser juiz, não sou juiz, não vou julgar, mas existem alguns critérios que fazem parte do teu conteúdo como profissional e aí tu tens naturalmente que adequar aquela instituição que tu tens obrigação de divulgar e mais do que divulgar, colocar à disposição do público, não é? (LOPES, 2017).

Considerando que uma emissora pública e educativa deve dar voz a todos, tendo como base uma programação pública e democrática, a censura vai de encontro aos princípios da radiodifusão educativa. Mendell (2011, p. 11) aponta alguns princípios centrais para definir a radiodifusão pública, entre eles a liberdade de expressão que permite que as informações fluam livremente, dando manutenção aos direitos humanos. Para o autor, “a liberdade de expressão tem uma natureza dual, uma vez que ela protege não apenas o direito de comunicar informações e ideias (o direito do emissor), mas também os direitos de buscar e receber informações e ideias (os direitos do receptor)”.

Na Educação, o Rádio, em oito décadas, contabiliza expressivas realizações, marca seu compromisso com a nossa cultura, mantém um certo padrão da língua portuguesa, passando informalmente aos ouvintes norma culta, sem negar ou desprezar a diversidade regional num país continente. Segue sua vocação de meio que tem na construção da cidadania o seu principal fim. Com propostas educativas, já provou que pode ser eficiente, eficaz e democrático (BLOIS, 2003, p. 44).

A autora tece uma série de considerações sobre o rádio educativo. Para ela, é uma emissora da comunidade, tendo como objetivo promovê-la socialmente, desta

forma deve buscar atingir o coletivo, sem deixar de dar atenção a grupos específicos e às minorias.

Seus vínculos institucionais podem ser com órgãos nacionais ou locais, como com entidades da iniciativa privada, desde que seus objetivos estejam voltados para ações que privilegiem a Cultura e a Educação, nos seus aspectos formativo e informativo. No entanto, a natureza da vinculação não deve ser o indicador a nortear a linha de conduta da emissora, que precisa manter uma posição isenta e ética, compromissada com a informação e a formação do público ouvinte, com a construção cotidiana da cidadania de quem a escolhe como meio de comunicação e de informação, de elo com a comunidade próxima ou distante (BLOIS, 2003, p. 45).

A autora (2003, p. 45) ainda defende que uma emissora educativa deve valorizar a história e a cultura da comunidade que está inserida, abrindo espaço e divulgando fatos e personagens de destaque, bem como anônimos que muito dificilmente terão espaço nas emissoras comerciais. Outra função importante do rádio educativo é “contribuir para a formação de recursos humanos voltados especificamente para atuar no Rádio”, articulando a participação de estagiários e bolsistas. Para Lopes (2017), a rádio educativa funciona como um laboratório para os estudantes, transmitindo conhecimento na prática: “nessa coisa do cotidiano do aprendizado do jornalismo que ela te dá uma dimensão interessante, ela te dá um espaço bom para tu fazer o teu exercício de comunicação”. A radialista destaca um pouco sobre como se dá a experiência dos estagiários dentro da Rádio Federal FM.

[...] tu te dá conta daqueles menininhos que vem lá do interior, do interior do interior, pegam o microfone, e vão se encantando com aqueles aparatos todos, e a gente vai acolhendo, e ele vai se dando conta que aquilo ali faz parte da Universidade, e faz parte inclusive da formação dele como profissional em meteorologia, ou futuro agrônomo: - De repente vocês vão ser secretários da Agricultura. O aluno tem que saber encarar o microfone, não precisa impostar a voz nem nada, mas também não é ficar relaxado, tem a medida certa para transmitir aquela mensagem que tu quer, eu acho que nesse ponto aí aconteceu alguma coisa, nada absolutamente indispensável, mas acho que foi importante, na medida que tu tens uma universidade, tu tens um equipamento desses dentro de uma universidade, chega a ser, de certa forma, um luxo, não um luxo desnecessário, mas um apoio muito importante para a formação dos profissionais, sem dúvida nenhuma, acho que nesse ponto a gente sempre teve claro isso, que era esse o caminho (LOPES, 2017).

Quanto aos recursos escassos na rádio educativa, Blois explica que em número reduzido em relação às emissoras comerciais, a maioria das rádios educativas não possui comercialização de espaço na programação e acabam sobrevivendo com pequenos apoios culturais, muita criatividade e dedicação dos trabalhadores e trabalhadoras.

Mas, unidas e reunidas em Sistema, Rede ou sob forma consorciada, podem estabelecer intercâmbio de programação e de experiências, contornar problemas e buscar soluções conjuntas para questões comuns. Outro dado de relevância é a ampliação de espaços para séries que registrem expressões culturais locais, compondo um rico acervo das coisas da região, do país ou da nossa latinidade. [...] As parcerias entre as emissoras viabilizam ainda coproduções de interesse regional e nacional a custos reduzidos, com os programas sendo veiculados por muitos canais, num trabalho efetivo de aproximação e de fortalecimento dos que atuam no Rádio Educativo (BLOIS, 2003, p. 46).

Atualmente, a programação da Rádio Federal FM se soma a várias parcerias com outros órgãos como a Advocacia-Geral da União (AGU), que veicula o programa AGU Brasil e o Sindicato dos Docentes da UFPel (ADUFPel-SSind), com o programa Voz Docente.

A pluralidade e a diversidade também são características que devem permear o fazer rádio educativo, além do respeito à diversidade cultural e a identidade local e regional, sem perder o contexto histórico atual. Os ouvintes devem ter acesso a diferentes interpretações e análises.

É por terem disponível um leque de pontos de vista que os indivíduos podem exercitar a plena cidadania, escolhendo entre perspectivas concorrentes, à medida que se engajam no processo de tomada de decisões públicas. Em relação à radiodifusão, as ondas de rádio são um recurso público e devem ser usadas em benefício do público como um todo, incluindo as visões ou os interesses das minorias (MENDELL, 2011, p. 19).

Por tudo isso, para além das mudanças tecnológicas, através das narrativas dos entrevistados evidencia-se que, para analisar as mudanças na Rádio Federal FM, há a necessidade de analisar outros aspectos que envolvem o contexto da Rádio como, por exemplo, as dificuldades que surgem na emissora, por ela ser pública, e assim, muitas vezes não ter recursos para se modernizar e acompanhar

os avanços de forma mais rápida como acontece na mídia comercial que pode, facilmente, buscar recursos com patrocínios e publicidade.

Tivemos muitas dificuldades para compra dos equipamentos, porque no orçamento da Universidade não estava previsto a despesa da Rádio então aquelas coisas todas, os recursos eram escassos e os equipamentos caros. Então foi com muita dificuldade, a gente conseguia discos na época do LP ainda, nós recebíamos discos emprestados, doados, enfim... E se criou um atender especificamente a música popular brasileira e fazer programas de compositores e artistas brasileiros, então aos sábados vamos supor, fim de semana, hoje à tarde é com Roberto Carlos, hoje é com Elis Regina, enfim... E então isso arranjava muitos ouvintes para que acompanhassem aquela história, que contava a história daquele compositor, da música, enfim... (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Este aspecto pode ser analisado em várias narrativas já citadas que mostram o atraso na aquisição das novas tecnologias e, também, na fala de Engelbrecht (2017) que relata uma série de dificuldades no período de implantação da emissora: “Na época que tinha apoio comercial, tinham várias agências que tinham clientes que queriam patrocinar a Rádio, mas elas diziam: e os meus 20%? e não tinha 20%, pode esquecer”. Machado recorda como era no tempo que a Rádio podia utilizar o apoio cultural:

Ah, o Acontece e a Agenda, a gente não tinha um dinheiro se quisesse fazer uma transmissão, tinha o apoio cultural. Porque não podia entrar dinheiro na Universidade, nós não podíamos receber nada, aí o Posto Cortez ali, aí dava a notícia, Acontece em Pelotas, apoio Posto Cortez, não enteva dinheiro, eles davam algum material, alguma gasolina (MACHADO, 2018).

Outra dificuldade da Rádio, segundo Vaz (2017), sempre foi de falta de pessoal, tendo em vista que as vagas são poucas. Muitas vezes, quando a Universidade recebe uma vaga, ela é priorizada para a administração ou para as unidades acadêmicas. “A Rádio não tinha redator, a primeira pessoa de redação que entrou para Rádio, a não ser que eu esteja muito enganado, foi a Vera Lopes, que já era quase na saída do Cunha”. Sobre esse aspecto, o jornalista mostra um panorama sobre a busca de pessoal.

E jornalista não tinha, quem é que fazia o jornalismo na UFPel? O professor Mario Rosa. Mario Rosa era jornalista assim, olha o Mario Rosa escreve notícias para o Diário Popular. Depois de um tempo entrou o Fernando Vieira que era Jornalista. Mas assim, não tinha uma coisa... Depois entrou o Clayton Rocha que fazia tudo e tal..., mas assim, não tinha uma coisa muito bem resolvida. E a Rádio, se a Comunicação Social não tinha um grupo de profissionais para atuar e poder fazer a cobertura da Universidade, porque a comunicação social, chefiada pelo Clayton, mal conseguia fazer a cobertura das atividades do reitor, da reitoria, a universidade já era grande, então não tinha uma equipe que atendesse toda a Universidade que dirá que a Rádio vá ter um redator, um repórter, não tem nem sonhando. Nem sonhando, então a gente sempre entrava com uma única pessoa do setor. A Vera era a única redatora, a Zari que é jornalista formada ela estava lá porque era do departamento de Biologia, era auxiliar administrativo, algo assim, e ela estava lá assim, não como jornalista, era uma pessoa que estava ali, entre aspas, em um desvio de função que servia para todo mundo, servia para ela, porque ela estava na função dela, então é difícil fazer uma rádio quando tu não tens uma equipe, aí tem que tocar música mesmo, não tinha como fazer (VAZ, 2017).

Desta forma, a preocupação da equipe era que a Rádio tivesse no mínimo os operadores para manter a emissora funcionando. As outras funções eram exercidas por todos os servidores e buscava-se produção de fora da Rádio, dos departamentos e unidades acadêmicas com o objetivo de diversificar a programação oferecida aos ouvintes.

[...] e a gente percebia que não tinha quase ninguém, os programas eram produzidos por pessoas, que iam ali apresentar, gravar. A Rádio sempre teve as gravadoras e o pessoal das mesas de áudio, aquela coisa assim, que fazia as gravações, mas não tinha uma equipe de produção. Não tinha e nem se cogitava que a Rádio pudesse ter, sei lá, tantos funcionários. A preocupação era que tivesse operadores de mesa para manter a Rádio no ar 24 horas, porque naquela época não tinha esses requintes de hoje de colocar no computador e a Rádio ficar meio que funcionando sozinha. O cara tinha que ficar mesmo lá, domingo, no sábado, no feriado, de manhã, de tarde, de noite, aquela coisa assim... Era perigoso colocar uma programação, porque se caísse um raio e saísse do ar, pronto, não volta mais, tem que ir alguém lá, ligar o transmissor, reiniciar tudo, era muito precário (VAZ, 2017).

O ex-diretor João Manuel Cunha (2017) destaca que ao assumir a direção da Rádio a principal barreira para qualificar os programas e criar novos foi a dificuldade de pessoal para realizar as funções necessárias e manter uma programação atrativa para o público.

Do pessoal técnico e de produção, sempre contei apenas com a qualificada atuação do programador musical Paulo Mancini e das produtoras Zari Machado e Vera Maria de Oliveira Lopes. Com quem pude começar a qualificação da programação. Aos poucos, fomos conseguindo ampliar o número de profissionais, com a contratação, inclusive, por concurso público, da jornalista Teresa Cunha. Isso me permitiu firmar convênios com instituições como a Fundação VITAE, de São Paulo, que patrocinou projeto bastante amplo que incluía a atualização discográfica; a compra de fitas para o acervo, a compra de biblioteca básica para a produção de programas culturais (cerca de 300 volumes de literatura brasileira, entre contos, crônicas, poesia; história e dicionários de português e línguas estrangeiras – para melhorar a pronúncia de títulos de peças musicais, autores, intérpretes... –; contratação de estagiários dos cursos de Humanidades para trabalhar com os ouvintes – estudantes de escola fundamental da zona urbana e rural - a partir das emissões dos programas. Esse convênio previa especificamente a produção de programas semanais, pelo prazo de dois anos, numa série que se intitulava O contador de histórias. Foi um dos pontos altos da programação (em nível de produção, pois, quanto às condições técnicas, o problema era o mesmo de sempre: péssimo som e produção técnica insatisfatória): o relatório final da execução do projeto enviado à Fundação Vitae teve cópias depositadas na Rádio e na Reitoria da UFPel (JOÃO MANUEL CUNHA, 2017).

Como já citado, Ortriwano (1985) apresenta uma classificação das funções dos radialistas dentro do ambiente radiofônico. Ela levanta vinte funções desempenhadas pelos trabalhadores e trabalhadoras do rádio. Contudo, este cenário não se reflete na realidade das rádios devido à escassez de recursos.

Na prática, apesar de estarem registrados em apenas uma, muitos jornalistas desempenham mais de uma função na emissora, prevalecendo geralmente acúmulos como editor/redator, chefe de reportagem/pauteiro, editor/apresentador, editor/redator/comentarista, chefe de reportagem/editor/apresentador etc. (ORTRIWANO, 1985, p. 100).

Em Pelotas, esta realidade também é percebida. Em sua fala, Machado mostra um pouco como ocorria esse aspecto na Rádio Federal FM.

A equipe lá na Rádio mesmo, eu não sei se tá mais qualificado agora, mas às vezes um fazia duas funções, o Roberto mesmo, era o diretor, mas gravava também, a locução era com ele, entrevista de rua mesmo, era eu e o Cleber, e as gurias também, os estagiários [...] (MACHADO, 2018).

Outra peculiaridade da Rádio a ser analisada são as mudanças administrativas da Universidade que impunham à emissora grandes mudanças em seus objetivos e missão em função dos programas de gestão de cada reitoria ou direção. Podemos citar aqui o início da emissora, em um período que ainda era de regime militar, momento em que a programação era gravada em função da censura. Contudo, nota-se que esta característica persistiu com o fim do regime por decisão institucional, prejudicando a inovação na programação.

Para Velho (2008, p. 29), os projetos mudam e podem ser substituídos por outros influenciados por temas e prioridades diversos, sendo necessário compreender as redes sociais que envolvem o tema. “O mundo dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas”. Sendo assim, ao analisar as administrações da Universidade com relação aos investimentos na Rádio, é possível perceber alguns períodos em que a Rádio foi praticamente esquecida. A torre do Capão do Leão é um exemplo disso, adquirida no início da Rádio, não teve a sua manutenção mantida, resultando na precarização de sua estrutura que precisou ser substituída em 2016. As narrativas mostram retrocessos que vão da censura de programas à falta de manutenção e investimentos em infraestrutura.

3.6. As tecnologias em movimento na Rádio Federal FM

A consolidação das novas tecnologias contribuiu para que os radialistas desenvolvessem uma nova forma de fazer rádio. A operação da rádio em si era muito complicada. Segundo César (2005), o locutor precisava colocar discos no ponto, operar os cartuchos, cassetes e fitas rolo simultaneamente. Em sua fala, Engelbrecht cita que tudo era cronometrado e que o operador precisava calcular o tempo da música para ir ao banheiro e voltar a tempo, por exemplo. Sobre como era realizado o trabalho dos radialistas antes dos computadores, o entrevistado explica que:

Antes era gravação em fita-rolô, em cartucho. O cara gravava em cartucho [...] O cartucho enrolava sobre si mesmo a própria fita, de um lado saía, do outro lado entrava, quando tu terminavas de fazer o teu projeto, cinco seis cartuchinhos estavam prontos com o teu serviço do dia inteiro. [...] Fora as edições, como é que era, o corte

de uma música, o cara pegava no cabeçote, acertava o cabeçote e passava a caneta, marcava, puxava para fora, pegava o estilete, cortava atravessado, colava com Durex [...] assim se fazia uma edição, coisa que hoje em dia, tu fazes em segundos, pega o mouse, carrega ali e tá (ENGELBRECHT, 2017).

Da mesma forma, Vera Lopes relembra como era a produção dos programas anteriormente e os cuidados que os operadores tinham que ter para compor a programação de forma manual.

Os discos iam todos, eram discos, bolachão, iam todos para a mesa do operador e mais as fitas rolos gravadas com a programação, aí o locutor já dizia: atenção senhor operador esse bloco vai tocar entre 10 e 12 horas, aí as 12h entrava o noticiário. Chegava na Hora do Brasil que é lá as 7 da noite, o operador suspendia, botava na Hora do Brasil, depois às 8h da noite voltava de novo. Tudo no mesmo sistema, discos a disposição que tinha que escolher, saber, olha vai tocar tal, tal e tal, colocava ali e o prato, o pratão enorme, botava ali com agulha e tal e as fitas rolos com toda a indicação. O operador tinha que cuidar a agulha, tinha que cuidar o prato, tinha que cortar na hora, porque se não desse certo, era uma paulada no ouvido, cada vez que tu colocas o braço e que a agulha arranha aquilo ali, para ti que estava ouvindo o rádio era... Ou então o operador sai, vai fazer qualquer coisa na rua e o disco termina e fica pulando e eles também ficavam solitários lá, imagina fim de semana, claro que é cinco horas o revezamento, mas acho que fim de semana ficava mais tempo, porque tinha menos gente, então faziam uma espichada de sete, oito horas para cada um e ficavam loucos, sozinhos no domingo e aquela coisa toda [...] (LOPES, 2017).

Nos chamados cartuchos eram gravados os comerciais das emissoras que, no caso da Rádio que não tinha comerciais, eram gravados os serviços da Universidade, conforme relata Vera Lopes:

Os cartuchos eram mais ou menos como os comerciais: a Pró-Reitoria de Extensão avisa para as comunidades do Morro Redondo que estará chegando... Então ficava tudo dentro dos cartuchos, umas plaquinhas de plástico, mas também gravado com fita, gravava, cortava, enrolava, botava lá a disposição, então aqueles cartuchos eram como se fossem os comerciais, que colocava nos intervalos. Aí tu tens que ter aquela habilidade entre uma música e outra, colocava um cartucho e já tinha que deixar tudo ligado ali, e depois a locução das músicas está lá no rolo, na fita-rolo, tu ligas. Isso aí de 1983 até 1990 foi assim, eu não me lembro, e depois foi começando a chegar o CD, aí foi facilitando um pouquinho, porque aí já começou a ser digital e tu já não tinha mais o prato, o manual, com a agulha que tinha que estar trocando, porque a agulha fica... Isso era o Capão do Leão, naquele prédio a direita ali (LOPES, 2017).

A locutora da Rádio Federal FM, Maria Alice Estrella (2017), destaca as dificuldades deste trabalho manual “eu gravei quatro horas de música e a fita estava suja e não gravou, então no momento em que eu levei ao operador de áudio e ele colocou no aparelho para rodar a fita, ele olhou para mim e disse: - Mas não tem gravação nenhuma”.

E eu: - Não, tem sim... – Não tem gravação... e aí nós rolamos mais um pouco e nada. A vontade era de chorar, mas tudo bem, vamos embora, vamos começar tudo de novo. Então eu começaria tudo outra vez e fomos lá e gravamos mais quatro horas, porque havia esses problemas, tinha que limpar o cabeçote, porque aquilo era pré-histórico realmente (ESTRELLA, 2017).

Maria Alice Estrella também lembra de como era realizado o processo de gravação e edição dos programas e vinhetas.

[...] e eu gravava então, em um rolo, naqueles gravadores de rolo pré-históricos, era tudo bem pré-histórico. O rolo, nós colocávamos uma fita dizendo o horário que eu tinha gravado as músicas, essa fita eu levava em mãos até o operador de áudio, no outro estúdio, entregava o rolo, ele colocava o rolo no outro gravador e depois fazia manualmente (ESTRELLA, 2017).

Com a chegada do computador, os antigos equipamentos foram deixados de lado e surge uma nova rotina de trabalho dentro da rádio. Da máquina de escrever ao computador, da edição manual à edição digital, nascia uma produção mais prática e instantânea.

O computador facilitou também, foi quando eu comprei o meu, particular em casa, e fazia cursinho para aprender, não foi muito difícil, porque nessa época era o básico mesmo. Mudou muito, como eu te falei, porque eu fui do tempo da datilografia, a rádio tudo era com máquina e máquina elétrica era um luxo, brigava pela máquina elétrica, porque a outra era manual. Nessa época as laudas eram datilografadas, depois que foi para o computador (MACHADO, 2018).

Briggs e Burke (2016) defendem que os computadores fizeram com que todos os tipos de serviços “tomassem novas formas”. César (2005) descreve o trabalho no estúdio, atualmente, como sendo mais compacto, simples e racionalizado. Para ele, o tempo que sobra a partir das novas tecnologias é utilizado

para atender os ouvintes de forma mais interativa. Em sua fala, Estrella descreve as facilidades na rotina de trabalho da Rádio, a partir do uso do computador. “E hoje é tudo por computador, já vai direto da mesa que eu gravo, já vai para o programa, já vai para a rede, já está no ar e aleluia...”. A radialista descreve as mudanças ocorridas para os locutores que faziam a leitura das laudas, primeiro datilografadas, depois impressas e, atualmente, diretamente na tela do computador:

Era mais a máquina de escrever, a máquina de escrever campeirava, em todas as mesas tinha uma maquininha de escrever, os estagiários dedilhavam, em todas as mesas tinha uma maquininha de escrever. Em 1995, computador? Imagina que luxo? Quando entrou o computador foi uma coisa assim: Uau! [...] Eu gravava, primeiro era o Papel, eu pegava a lauda em papel impresso e aí ia para dentro do estúdio e lia, depois passou a ser numa telinha de um computador, mas sem o computador era só o monitor e aí o operador de áudio ia girando e ia correndo a folha e eu ia lendo, mas foi um progresso isso aí, foi uma apoteose... (ESTRELLA, 2017).

Vera Lopes destaca o atraso que ocorreu até chegar o computador na Rádio, quando chegou, ele era um computador antigo e deteriorado vindo de outra unidade.

Olha computador o primeiro que eu tive, nós tivemos uma experiência péssima, uma época que a Universidade resolveu comprar computador, então nós vamos ter que fazer, mas isso aí já tinha computador há bastante tempo, quando foi lá pra Rádio, aí foi lá para o pessoal que trabalhava com a produção musical, foi o computador, aí todo mundo chegava no computador e mexia daqui, mexia de lá, depois de algum tempo descobriram que não tinham o computador, era só a máquina, era fake e mandaram aquilo para a Rádio... (LOPES, 2017).

Engelbrecht relata um desses problemas surgidos com a inserção de novas tecnologias na rotina da Rádio Federal FM. Segundo ele, o discotecário Paulo Oliveira Mancini estava familiarizado a datilografar notícias para a produção dos programas, eram feitas quatro cópias para serem distribuídas para os radialistas envolvidos, sendo que para a datilografia eram utilizadas quatro folhas intercaladas com três papéis carbono.

[...] eram sete folhas e o Mancini era um cara que tinha as pontas dos dedos quadradas, pela força que ele fazia no teclado (da máquina de escrever) para poder marcar todas. Agora tu imaginas

entregar um teclado de computador para ele? Se eu não me engano, foram uns cinco teclados que ele detonou assim de cara, até se policiar a melhorar o toque (ENGELBRECHT, 2017).

Luiz Carlos Vaz (2017) recorda que na Assessoria de Imprensa da UFPel ocorria da mesma forma o envio das pautas para a imprensa. Os jornalistas precisavam enviar a mesma notícia sobre a Universidade para todos os veículos de comunicação, sendo assim, datilografavam várias cópias ao mesmo tempo. O jornalista lembra a mudança ocorrida com a chegada da fotocópia e do fax.

Naquele tempo o Clayton Rocha batia notícia com papel carbono, tinha que bater, seis, oito cópias para mandar para as rádios, para os jornais, até que um dia apareceu um xerox, e depois muito melhor apareceu o Fax, que tu fazia uma folha e já nem precisava mais fazer xerox, porque tu passava pelo Fax, o Diário Popular tinha Fax, o Diário da Manhã não tinha, então tinha que entregar o do Diário da Manhã (VAZ, 2017)

Engelbrecht (2017) lembra também de quando as notícias do Ministério da Educação chegavam através do telex, outra tecnologia que, na época, facilitou o trabalho dos radialistas.

[...] eu me lembro de ir na Reitoria lá fora e tinha uma sala, onde tinha um telex, eles digitavam um texto e o texto passava por uma fita amarela toda perfurada, essa máquina tu colocava em outro aparelho que lia isso e mandava por sinal de furinhos, tipo código Morse e a Universidade recebia também, porque tinha uma antena virada para Camaquã e depois para Porto Alegre, recebiam telex na Universidade. Então diariamente chegavam notícias, mas eram umas notícias bem pequenas, impresso naquele papel contínuo, verde e branco, e tinha que pegar a fitinha para ver o que tinha de informação e colocava no ar na Rádio. Ah, só não teve código Morse lá fora... (risos) (ENGELBRECHT, 2017).

Teresa Cunha rememora como se dava a gravação, a sonoplastia e as pesquisas para compor a programação em uma época em que as laudas eram redigidas com máquina de escrever, as gravações eram em fita rola realizadas de forma manual e não existia internet para fazer as pesquisas de conteúdo.

Na época a gente usava máquina de escrever, fazia o texto, aí combinava com o pessoal da técnica para ir para o Estúdio gravar, o nosso sonoplasta usava aqueles discos, a gente tinha o disco para colocar um fundo, para escolher uma música, e aquilo era gravado

nas fitas de rolo, e ficava armazenado ali para depois ir ao ar nos horários, as notícias ficavam ali para ir ao ar, a Vera fazia. Eu trabalhava de manhã, pegava o ônibus aqui no Centro, para chegar lá no campus 8, 8h15 por aí, o nosso horário era 6 horas de trabalho, então saíamos de lá no ônibus da uma e quinze, e sempre nessa coisa assim de fazer a pesquisa, eu levava livros de casa, porque nós não tínhamos uma Biblioteca lá, então o acervo todo era meu e às vezes quando precisava eu comprava livros também (TERESA CUNHA, 2018).

A jornalista também recorda que os computadores foram chegando aos poucos na redação e lembra com nostalgia sobre o barulho das máquinas de escrever nas redações em que trabalhou na época.

Nessa época, em 91 já tinha computador, mas o material foi chegando aos poucos, porque também não era uma coisa que já tivesse para todo mundo, foi chegando aos poucos. Eu me lembro das coisas que no Diário Popular mesmo, um som que a gente lembra sempre com muito carinho é do fim de tarde, quando todos chegavam na redação, aquele barulho da máquina era uma sinfonia para a gente, o pessoal hoje não tem ideia de como era bom aquilo, então eu levava os meus livros de casa, para escolher quem é que iria ser o autor da semana, achar o texto para poder ler (TERESA CUNHA, 2018).

Engelbrecht recorda a aquisição do primeiro computador pela Rádio Federal FM que, segundo ele, foi muito lenta.

A tal ponto que o primeiro computador que a Rádio rodou com um programa de rádio, esse programa estava instalado no computador. Então eles tiveram que comprar o computador, tela, tudo. A Universidade comprou. Isso em 1994, 1995 acho que foi. Sabe quanto foi pago por esse computador? Eu nunca mais me esqueci, tinha um valor quebrado, mas foram 15 mil reais. [...] naquela época um computador IBM que tu tivesses em casa estava na faixa de uns quatro mil, mais ou menos (ENGELBRECHT, 2017).

Antes do telefone celular chegar na Rádio, os repórteres utilizavam o gravador para captar as entrevistas externas. Em um primeiro momento, os gravadores eram enormes, depois passaram a ficar mais portáteis. A radialista Vera Lopes narra como era a cobertura da emissora na Feira do Livro nesta época.

[...] eu ia com um gravadorzinho aqueles de pilha, que nem era tão gravadorzinho era uma coisa deste tamanho (30 cm) que levantava, saía uma tampinha tu colocavas a fita e saía com aquilo e começava

a entrevistar o pessoal ali na Feira, na Praça, que eu acho um momento muito bom da cidade, uma descoberta fantástica da Praça Coronel Pedro Osório que agora está linda. Mas era um momento muito bom, sempre foi e a gente ia primeiro com um gravadorzinho, depois aos poucos o pessoal conseguiu um estúdiozinho, apoio para fazer o estúdio, a gente fazia um estúdio ali e ali no estúdio convidava os autores do dia os lançamentos sempre. Acabou que a Universidade também se envolveu muito com a Feira porque vários professores faziam lançamentos dos seus trabalhos e as teses, as monografias (LOPES, 2017).

Da mesma forma, a radialista Zari Machado rememora como ocorria as entrevistas com os membros da comunidade acadêmica nesta época em que não existia o telefone celular e depois com o celular. “Eu ia com um gravador em todas as Pró-Reitorias, na de Graduação, na Administrativa, na de Cultura, entrevistava os pró-reitores, as vezes entrevistava o reitor”.

Antes era com o gravador, eu comprei um gravador, tinha o da Rádio, mas eu tinha o meu, porque às vezes precisava para outra coisa, então pilha nova, fita nova ali, entrevistava e depois colocava no ar, e depois com o celular, eu ligava, olha só vai lá no Direito que vai ter um evento lá, eu ia, olha começa às 10 horas, 9h30min eu estava lá, ligava para a Rádio, olha eu vou dar um boletim aqui antes do evento, tá então quando tu tiver pronta tu me liga, aí o Virgílio e o Rudinei que estavam lá, aí eu dava um toque, e eles colocavam a vinheta ali, e eu ficava escutando, quando baixava eu dava o boletim e saía fora e eles continuavam, ou então levava gravado (MACHADO, 2018).

Engelbrecht (2017) também relata as mudanças ocorridas na produção dos programas com o advento do telefone celular que contribuiu para facilitar a mobilidade do rádio e aumentar a sua instantaneidade. “E transmissões que se fez utilizando o celular, deu muito mais instantaneidade para a Rádio que era lá no fim do mundo. Agilizou um monte.” Desta forma, o rádio passou a estar mais presente no local dos acontecimentos e a passar as informações de forma mais rápida.

Eu saía com uma extensão da Rádio de moto, quando antes eu teria que levar [...] tinha uma maleta de transmissão [...] tinha as entradas de microfone, tinha saídas de fone de ouvido, tudo com potenciômetro para cada uma e nós solicitávamos uma linha para a companhia instalar no que nós queríamos transmitir [...] na linha telefônica nós plugávamos essa maleta e fazíamos a transmissão para a Rádio (ENGELBRECHT, 2017).

Em seus relatos, Lopes também recorda da inserção do celular. A produtora destaca que antes precisava levar um gravador com fita cassete para fazer as entrevistas externas, um equipamento grande e pesado, mas que a chegada do aparelho celular facilitou o seu trabalho. Além disso, Lopes atenta para o atraso da chegada das tecnologias na Rádio Federal FM.

Eu ia com um “tijoloço” deste tamanho (20 cm) para a Feira do Livro e entrevistava os autores, lá no banco direto para a Rádio. Foi um avanço maravilhoso. Eu acho que no fim dos anos 90, não lembro quando é que tinha aquilo, era um negócio que trocava de bateria e botava bateria. Deve ter demorado um pouquinho, não era tão rápida a Rádio assim, mas lá por 1996, 1997, te garanto que eu já estava lá na Feira do Livro, num banquinho, sem o gravador (risos), mas com aquela nova invenção, um negócio fantástico. Nova tecnologia (LOPES, 2017).

Já Engelbrecht rememora a aquisição do primeiro celular da Rádio Federal FM, em 1996. Na época o radialista era diretor da emissora e ficou sabendo que Pelotas tinha recebido a telefonia celular.

E eu fui lá pedir um telefone para a Rádio, e eu consegui para a Rádio. Um experimental, e aí até o número esse, o 7910, ele falou quer escolher o número? E eu falei: - Ah, esse aqui serve. Porque o 7910 é o 107,9 invertido né? Eu queria o 1079, mas não deu, e aí tinha um parecido e eu disse: - É esse! (ENGELBRECHT, 2017).

Outra grande tecnologia que influenciou no processo de se fazer rádio, pontuada pelo entrevistado, foi a internet. Ela possibilitou uma maior interação com os ouvintes, agregou à produção radiofônica, facilitando a busca de informações e serviu como um novo suporte ao rádio, com a criação da radioweb. Briggs e Burke (2016) acreditam que, na história social da mídia, não se pode tratar a internet como o clímax, mas como um período que teve diversos caminhos. No entanto, os autores citam que:

[...] no final da década de 1990, E.M. Noam, então diretor do Instituto para Tele informação da Universidade de Colúmbia, afirmou que, "quando for escrita a história da mídia do século XX, a Internet será vista como sua maior contribuição" (BRIGGS e BURKE, 2016, p. 300, grifo dos autores).

Do computador, passando pelos telefones celulares, até a internet, todas as novas tecnologias geraram grandes mudanças no ofício de radialistas. Para Beck (2011), o processo de modernização deve gerar uma reflexão, por ser ao mesmo tempo um tema e um problema.

Mais urgente do que nunca precisamos de esquemas de interpretação que nos façam – sem nos lançar equivocadamente à eterna velha novidade, repleta de saudades e bem relacionada com as discretas câmaras do tesouro da tradição – repensar a novidade que nos atropela e que nos permita viver e atuar com ela (BECK, 2011, p. 14).

Para Zari Machado (2018), a chegada da internet na Rádio foi boa, tendo em vista que “para produção foi melhor, porque aí eu entrava na página da educação, da Universidade, eu entrava, por exemplo, todas as notícias que chegavam da Universidade, já pegava alguma coisa”. Já o jornalista Luiz Carlos Vaz (2017) destaca as mudanças e os esforços dos servidores para atualizar os conhecimentos e passar a utilizar a internet em sua rotina laboral.

A internet eu tenho a impressão que foi a partir de 1992 a possibilidade de ter, porque eu me lembro que em 1992 eu comprei um computador com editor de texto para a editora, e esse computador tinha uma coisa chamada “mousebus” e eu me lembro que esse mouse custou caríssimo e quando chegou eu me lembro que foi uma equipe do CPD, foi a Marilu que era da Editora, aquele rapaz o Humberto, que era do CPD e aquele menino o Adenauer, foram a Porto Alegre fazer um curso de uma semana para poder usar a página certa, mas um belo dia veio um cara e instalou e aí iam pessoas lá na Editora para conhecer o mouse, tu acredita? o que eu estou te falando é a pura verdade. Isso foi em 1993, quando chegou isso, tinha uma impressora de marca Singer, que nem a máquina de costura da minha mãe, que todos os dias tu ligavas e tu tinhas que carregar as fontes. A Marilu olhava assim: - Hoje eu vou usar 48 para o título, vou usar o Times 12 para compor... E aí tinha que carregar e levava 15 minutos para carregar as fontes, aí tu escrevias e mandavas imprimir... e usavam o mouse e todo mundo: - Uau, que avanço! Então a Rádio deve ter comprado computadores um tempo depois, porque foi quando a informática passou a ser meio que sem mistério (VAZ, 2017).

Aos poucos os processos de trabalho foram sendo adaptados ou substituídos por outros, algumas funções que antes eram manuais, foram mecanizadas ou informatizadas. A exemplo da função de discotecário de rádio, extinta com a evolução dos novos suportes de música que tornaram as mídias

físicas como o LP e o CD, obsoletas, muitas outras funções também foram extintas ou reestruturadas.

O Mancini foi o produtor da Rádio ele era o guardião dos arquivos, porque a gente fazia uma rádio com arquivos de discos e CD que era monumental, assim como 8 a 10 mil, a maior parte do nosso arquivo todo acabou indo lá para o Centro de Artes, ali eles é que ficaram com a nossa discoteca, ficou aos cuidados do professor Mario, ele é o professor de música, no momento não me ocorre o sobrenome dele, mas ele ficou de responsável, não sei se já se aposentou, mas de qualquer maneira, porque justamente veio essa coisa da digitalização então... (LOPES, 2017).

Zari Machado recorda a dificuldade de aquisição dos LP's e depois dos CD's para a Rádio. Hoje em dia, as músicas estão disponíveis na internet e podem ser adquiridas ou baixadas de forma mais fácil e rápida.

Tem o Studio CDs, o Mancini era muito amigo, sempre comprava lá, para ele ou para Rádio, quando chegava uma verba para isso, e o Junior sempre que chegava uma novidade, ele cedia, emprestava, olha chegou um CD novo aqui do Vitor Ramil, então ele emprestava, o Mancini levava, gravava e no outro dia ele entregava (MACHADO, 2018).

Os estúdios ficaram menores, as mídias foram digitalizadas, equipamentos diminuíram de tamanho e os profissionais passaram a desempenhar outras funções dentro da emissora.

O rádio ainda permanece por muito tempo mesmo que em outras vertentes, mesmo que no computador, mesmo que na internet, vai ser sempre o rádio. Enquanto tiver uma voz falando sendo transmitida de algum lugar remoto, isso vai ser rádio. Não interessa se eu estou escutando no telefone, no computador ou no receptorzinho transistorizado é alguém falando à distância e isso é rádio (VAZ, 2017).

Maria Alice Estrella enfatiza a importância dos avanços na Rádio para a qualificação dos serviços radiofônicos. “O trabalho da Rádio evoluiu [...] era precário mesmo, o nosso trabalho era quase manual, era por amor a camiseta realmente e com a evolução dos tempos e das oportunidades [...] passou da manivela à automação completa”. Poetisa, a radialista acaba fazendo um relato muito interessante a respeito do futuro do rádio:

O rádio evoluiu e se manteve. Ele continua com uma força, a meu ver, comparável ao seguinte: há uma corrente que tenta lançar que os livros irão acabar porque existe agora a facilidade dos livros eletrônicos “No és vero”, isso aí não tem como, o livro palpável, impresso, permanecerá per “Omnia saecula saeculorum”, tenham as ideias que queiram ter, evolua a informática a ponto, e eu estou falando de uma proximidade de 40 a 50 anos, daqui a 50 anos eu não sei, talvez a gente já nasça com chip, que já esteja tudo por telepatia, mas até chegarmos na telepatia, os livros serão palpáveis, serão papel, é tão claro como a luz, é transparente como a água. Com a rádio, o que aconteceu com fenômeno rádio? Ah, porque agora com a televisão... que não sei o que, não sei o que... porque a evolução da internet, porque agora tem o celular... Não. Não tem lpad que possa substituir, ou Ipod que possa substituir o rádio. O rádio continua sendo um veículo de comunicação e está se fortalecendo contra todas as marés baixas e altas que tentam solapar. Ele continua sendo um veículo primaz de comunicação. [...] Então toda aquela coisa que: - Ah agora com a internet vai retroceder... Não, ao contrário, eu acho que a rádio está se utilizando da internet para propagar mais alto, mais claro a voz dentro da comunidade (ESTRELLA, 2017).

Vera Lopes evidencia a simplicidade tanto na linguagem, como na tecnologia do rádio o que, para ela, é um dos grandes atrativos do rádio para o público e o que o diferencia dos outros veículos de comunicação.

Me deu noção que a rádio é uma coisa muito simples, entende? Tu sabendo, tu montas uma rádio em qualquer canto, em qualquer lugar, rádio não tem mistério, o que a gente viu ali, eu sou tecnologicamente analfabeta, sou burra, nunca me interessei por isso, mas eu percebo que é de uma simplicidade fantástica, não tem muito além do que, por exemplo, um aparelho de som bem sintonizado. É uma coisa incrível. Acho que houve muita mudança, acho que é de muita simplicidade, ainda mais quando veio esse negócio de digitalização que tu podes... Eu mesmo eu escuto música na minha televisão, e depois de certo tempo, tem aquela coisa que tem alguém controlando a gente, a gente não sabe quem é, mas assim, eu peço Alceu Valença ali, aí toca, toca, e daqui a pouco quando eu vejo está tocando Geraldo Azevedo, tá tocando Elba Ramalho, toca tudo naquela linha, porque ele acomoda os roteiros assim. Mas enfim, o que eu quero te dizer isso, está muito acessível, eu não sei se, por exemplo, a gente ficar sem luz muito tempo como vai ser, como é que vai fazer um rádio a manivela, porque na África tem, mas o rádio receptor, não é nem de pilha é de manivela, é super barato, para lugar muito pobre, ele tem um dinamozinho e tu carregas e aí tu ouves por um determinado tempo (LOPES, 2017).

A radialista atenta sobre a facilidade atual do acesso às diversas emissoras de todo o mundo proporcionada pelo celular e pela televisão a cabo. Lopes ainda

destaca que as novas tecnologias dificultam a censura, que antigamente era parte da rotina do radialista.

[...] eu tenho um amigo que vem aqui que adora escutar uma rádio da Argentina, de Buenos Aires, Un, dos, tres, uma coisa assim o nome da rádio, então ele descobre festival de Tango, de não sei o que e fica horas ouvindo. Acho que é essa a importância, e o bom que tu tens possibilidade de ouvir rádio em qualquer lugar do mundo, se tu entendes francês, alemão, tu podes conseguir sintonizar no teu celular, coloca um aplicativo ali, e sai ouvindo as rádios que te interessam no aplicativo. Acho que isso tudo é muito importante, é muito bom, acho que está cada vez mais difícil de tu censurares qualquer coisa, acho praticamente impossível, a não ser que deem um apagão, tirem a luz, a energia elétrica, a internet, pronto, acabou a festa (LOPES, 2017).

Cunha pondera sobre a velocidade que a tecnologia chegou ao rádio, segundo ele, mesmo trabalhando em rádio por toda a sua vida, muitas vezes ele não acreditava que as tecnologias iriam evoluir tão rápido. O ex-diretor lembra de um fato que exemplifica o seu espanto com a velocidade da tecnologia.

Uma vez um técnico estava instalando a Rádio Alfa, Bertoldo Lauer Filho, ele é técnico de rádio, e ele me disse: olha dentro de quatro, cinco anos tu vais rodar comercial na rádio com um computador, e eu: como assim? O que que é isso? E olha aí: - O computador roda a programação toda. É um troço fantástico. Outra coisa, tu precisavas antigamente de uma torre toda e nós aqui estamos dessa sala falando para o mundo inteiro pela internet, através da radio web (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Sobre o futuro do rádio, Cunha recorda que quando surgiu a televisão, muitos acreditaram que ele iria cair em desuso. Contudo o rádio acabou se reinventando e permanecendo como veículo de comunicação, da mesma forma ocorreu com outras tecnologias que surgiram. Para o radialista:

O rádio é imbatível, porque o rádio é o veículo mais instantâneo que existe. Por mais que a televisão lute não vai bater o rádio. E o rádio realmente é um companheiro, porque o rádio te dá a imaginação que a televisão não te dá. O rádio tu estás ouvindo o jogo, tu estás ouvindo o Messi fazer os gols que ele fez ontem, por exemplo, tu imaginas como ele bateu um, bateu dois, quer dizer o rádio te dá imaginação, te dá criatividade que a televisão não te dá (JOSÉ MARQUES DA CUNHA, 2017).

Para Ferraretto (2014, p. 14) a Era do Rádio ainda existe, a cada segundo de transmissão, “adaptado aos tempos modernos e às novas tecnologias, ocupa um espaço valioso no cotidiano e no imaginário de milhões de ouvintes, que têm nele um insubstituível companheiro”.

Do bom rádio, aquele que, seja no velho aparelhinho transistorizado, na internet ou no celular, acompanha o ouvinte, fornece-lhe informação, proporciona entretenimento, conversa. Do rádio que se adapta, se renova e segue ocupando um lugar especial. E que, sintonizado com o presente, prepara-se para o futuro (FERRARETTO, 2014, p. 14).

Em consonância, Gomes (2008, p. 2) discorre sobre as características do rádio que o tornam atrativo para a audiência. Dentre elas, o autor cita o fator da imaginação que é estimulada pela falta da imagem.

Esta realidade, contudo, configura-se como um apelo que é próprio da natureza midiática do rádio: uma vez que é só audição, o rádio passa a evocar situações próprias no imaginário do ouvinte. Mas não é só isso. O espaço simbólico que resulta da emissão e recepção da mensagem radiofônica permite a inserção de componentes que vão além do simples gosto por ouvir rádio, uma vez que, na ausência de imagens eletrônicas, o ouvinte manifesta sensações catárticas de prazer, insere-se no mundo imaginário da veiculação das notícias, na composição lexical das letras das músicas, e na sensação quase inarredável que o rádio proporciona como uma ilusória companhia. A linguagem radiofônica, por si só, apresenta a noção de incompletude, convocando os sujeitos a preencherem ou completarem as lacunas permitidas no ato comunicacional. É no imaginário, portanto, onde as relações de sentidos se complementam e que estabelecem o valor de permanência de escuta do rádio (GOMES, 2008, p. 2).

Verdadeiramente, o rádio ainda ocupa o imaginário dos ouvintes, o espaço no seu cotidiano, muitas vezes, sendo um companheiro para as pessoas, possibilitando que elas se mantenham informadas, proporcionando entretenimento e, até mesmo, a interação de que elas necessitam.

4. AS VOZES FEMININAS DA FEDERAL FM

Sabe-se que a história das mulheres no Brasil e no mundo é marcada por preconceito e discriminação e que com muita luta e resistência, algumas conquistas foram surgindo, como a inserção em alguns espaços que antes eram ocupados apenas por homens. Aos poucos, as mulheres foram ocupando alguns espaços. Apesar da conquista paulatina das mulheres por espaço no mundo do trabalho, ao longo da história, ainda hoje são encontrados setores profissionais atribuídos à exclusividade masculina, ou em que há disparidade de salários entre homens e mulheres desempenhando a mesma função, ou, ainda, o desafio que muitas mulheres ainda enfrentam em conciliar vida profissional e afazeres domésticos.

Perrot analisa o espaço das mulheres na história e o aumento da visibilidade e conquistas nos espaços públicos e privados. Para a autora (2005, p. 251), “as mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram profissões”. Perrot chama a atenção para este fato, que, muitas vezes, impossibilita a mulher de vislumbrar posições mais altas dentro das empresas.

Mas as mulheres ficam, em seguida, presas a estas atividades que as monopolizam e, além disso, lhes oferecem pouca perspectiva de promoção salarial ou social, por serem voluntariamente limitadas. “Fazer carreira” é, de qualquer maneira, uma noção pouco feminina para uma mulher, a ambição, sinal incongruente de virilidade, parece deslocada. Ela implica, em todo caso, em uma certa renúncia, sobretudo do casamento (PERROT, 2005, p. 255, grifo da autora).

Já os estudos de Scott, que trabalha com a história do movimento feminista e das mulheres, tiveram relevante contribuição para a compreensão do conceito de gênero. Para ela (1991, p. 86), “o núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

No momento em que a história passou a existir como ciência, por muito tempo, os historiadores eram homens que escreveram suas pesquisas tendo como base o ponto de vista masculino e os personagens masculinos da história.

A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política feminista é o ponto de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. [...] Mais tarde - em algum momento entre a metade e o final da década de 70 - continua o relato, a história das mulheres afastou-se da política. Ampliou seu campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria (SCOTT, 1992, p. 64).

Perrot acentua que hoje em dia é difícil pensar em uma história sem a presença de mulheres que participaram dela. Reconhecer o valor da contribuição feminina, como cidadãs é desconstruir o preconceito e a discriminação que diminuiu e até mesmo apagou a sua presença na história.

A primeira história que gostaria de contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história "sem as mulheres" parece impossível. Entretanto, isso não existia. Pelo menos no sentido coletivo do termo: não se trata de biografias, de vidas de mulheres específicas, mas das mulheres em seu conjunto, abrangendo um longo período - o que é relativamente recente, pois tem mais ou menos 30 anos (PERROT, 2008, p. 13, grifo da autora).

As mulheres permaneceram invisíveis por muito tempo, colocadas à margem dos principais acontecimentos do mundo. Esses aspectos refletiam o cotidiano hierarquizado que demonstrava a superioridade do homem em relação à mulher. Para Colling (2004, p. 28), o problema não está refletido nas diferenças e sim no modo como elas são hierarquizadas, mostrando a mulher como diferente e inferior ao homem, sendo que diferença não deve justificar a discriminação. A autora acredita que a partir dos estudos de gêneros é possível "introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada".

Perrot analisa as mudanças ocorridas na presença das mulheres na história, que segundo a autora passou de história das mulheres para história do gênero,

ressaltando as lutas pela igualdade de direitos e pelo fim de diversas desigualdades entre homens e mulheres.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais (PERROT, 2008, p. 15)

Para Scott (1992, p. 65), a história das mulheres não pode desvincular movimentos feministas e suas mudanças no decorrer do tempo, bem como a história deste campo de pesquisa que evoluiu tanto em conceito como em metodologia. “A história deste campo não requer somente uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história”.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os movimentos sociais se consolidaram, abrindo espaço para que as mulheres participem com mais protagonismo das esferas sociais, políticas e econômicas. Ainda assim, sempre existiram várias diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres em um mesmo ambiente de trabalho.

No espaço público, aquele da cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder. Talvez lhe deem um enterro com honras nacionais. É candidato em potencial ao Panteão dos Grandes Homens que a Pátria reconhecida homenageia. Depravada, debochada, lúbrica venal, a mulher – também se diz ‘rapariga’ – pública é uma ‘criatura’, mulher comum que pertence a todos (PERROT, 1998, p. 7, grifo da autora).

No Brasil, no século XIX, o magistério era uma das únicas fontes de renda pertinentes às mulheres instruídas, devido à concepção de que, para a mulher, a maternidade também as tornava responsável pela educação. Já no século XX, o trabalho da mulher era visto como uma forma de superação às crises econômicas e

sociais que assolavam o país. Contudo, o trabalho não poderia atrapalhar os afazeres domésticos das mulheres. Havia funções destinadas exclusivamente ao público feminino que jamais colocavam a mulher em uma posição de competição com o homem, muito menos de autoridade sobre eles. Era comum que as mulheres exercessem as profissões de professora, enfermeira, secretárias e telefonistas, além daquelas que se vinculavam ao mercado mais informal e, muitas vezes, reproduziam suas funções na casa, como lavadeiras, doceiras, costureiras, dentre outras.

Atualmente, o setor terciário é o que mais cresce, oferecendo emprego para todos, principalmente para as mulheres, sendo que cerca de 75% das mulheres que trabalham o fazem nesse setor. A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. Pelo menos era o que ocorria até os anos 1980-1990 (PERROT, 2008, p. 123).

Para Perrot (2008, p. 37), existe uma segregação sexual dos espaços públicos, ambientes laborais praticamente proibidos às mulheres como os “políticos, judiciários, intelectuais, e até esportivos [...]”, já outros espaços são quase que exclusivamente reservados a elas como as “lavanderias, grandes magazines, salões de chá [...]”. Perrot levanta uma questão importante sobre a representação e a participação das mulheres nos níveis de poder:

Por que as mulheres, que conquistaram a igualdade civil, a instrução, a condição de assalariadas, certas formas de criação, o esporte de alto nível etc., têm tanta dificuldade em chegar aos comandos da cidade, tanto econômicos quanto políticos? (PERROT, 2008, p. 12)

Algumas leis e normas contribuíram para diferenças entre o trabalho masculino e feminino, como o Decreto nº 21.417 de 1932, assinado por Getúlio Vargas, que regulou as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Ao buscar igualar o salário entre homens e mulheres, o decreto vetou o trabalho de mulheres em indústrias e comércios em horários noturnos, locais subterrâneos, construção civil, funções nas quais precisassem carregar peso e atuar em empregos considerados perigosos ou insalubres.

Já a Constituição de 1946 autorizou a diferença salarial de 10% a favor dos homens. A igualdade entre homens e mulheres, como relação aos direitos e

obrigações só foi conquistada bem mais tarde, com a Constituição de 1988. Contudo, a atual realidade mostra um cenário bem diferente daquele preconizado pela legislação.

O movimento feminista no Brasil tomou corpo na década de 1960, sobretudo com a grande resistência das mulheres à ditadura da época. Tal organização buscava marcar a política e lutar pelos direitos e contra as discriminações e violências vividas por elas. Através do movimento, foi conquistada em 1988 a inserção de um artigo na Constituição que proibia a discriminação das mulheres em seus empregos. Antes disso, a Lei 6.121, de 1962, chamada de Estatuto da Mulher Casada, foi um marco na luta das mulheres pelos seus direitos, tendo em vista que, com o Marco Civil de 1916 a mulher, ao casar-se, tornava-se relativamente capaz, precisando de uma autorização do marido para trabalhar.

Deve-se, ainda, considerar que a mulher casada tinha apenas a autorização presumida para atuar em emprego formal. Caso o marido julgasse que a ocupação de suas funções desestruturava a família, poderia reivindicar o fim do seu vínculo empregatício. Tal situação só foi modificada pela Lei 4.121 de 1962, denominada de Estatuto da Mulher Casada, embora, a partir de 1932, com a criação das juntas, as mulheres que estavam no mercado de trabalho pudessem lutar por seus direitos (GILL, 2019, p. 13).

A resistência masculina contribuiu para as dificuldades encontradas na consolidação da inserção da mulher no mundo do trabalho. Outro problema é que as próprias mulheres viam o trabalho com preconceito, tendo em vista a construção cultural em que estavam inseridas. De acordo com Lipovetsky (2000), essa realidade foi superada apenas depois que a liberdade sexual deixou de ser percebida como imoralidade. Contudo, é importante destacar que, principalmente, as mulheres pobres e negras já precisavam trabalhar antes disso para prover a subsistência da família, que enfrentava dificuldades de toda ordem.

Nada obstante, a entrada das mulheres nas empresas de comunicação passou a ocorrer, prioritariamente, na década de 1970, com a regulamentação da profissão de jornalista em 1969 e com a abertura de várias graduações voltadas à formação na área de Jornalismo. Na Europa, segundo Perrot, as mulheres começam a escrever na imprensa de moda, sobretudo, na Grã-Bretanha, França e Itália.

Ao lado da moda propriamente dita abrem-se outras rubricas: conselhos, narrativas de viagem, notícias... No século XIX, *Le Journal des Dames* e *Le Journal des Demoiselles* são autênticas revistas femininas, relativamente abertas e dotadas de correios das leitoras, que esboçam uma rede (PERROT, 2008, p. 80)

Na imprensa brasileira, o ano de 1975, marcou o surgimento do primeiro jornal feminista alternativo que se tornou um espaço voltado ao despertar da mulher para as ideologias feministas. O jornal pautava questões como a luta contra a ditadura e a violência doméstica, o direito ao aborto e a manifestação da sexualidade, dentre outras.

O editorial do número zero do jornal, publicado em 9 de outubro de 1975, ao esclarecer seus objetivos, principalmente em sua primeira frase, criará muita polêmica: [...] queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto, queremos discuti-las em função de nossa realidade brasileira e latino-americana. A época do beicinho está definitivamente para trás, porque milhares de mulheres em todo o mundo fazem jornada dupla de trabalho, num esforço físico que faz com que uma jovem mãe de 30 anos pareça estar com mais de 50; mulheres que desejavam trabalhar e serem independentes economicamente de seus maridos [...] (LEITE, 2003. p. 237).

As emissoras de rádio brasileiras, desde sua consolidação, receberam muitas mulheres em sua rotina de trabalho, porém tal situação ocorreu nas radionovelas e musicais e não exatamente nas funções da radiodifusão. Nestes programas as mulheres eram retratadas de acordo com as regras de boas maneiras da época.

Em 1932, com a liberação do uso de publicidade nas emissoras de rádio, tornando-o comercial, começam a surgir vários ídolos, cantores e cantoras que passaram a influenciar o público. Contudo, conforme informa Borges em estudo em que analisa a atuação dessas mulheres nas revistas da época, a representação da vida das cantoras era pautada:

[...] muitas vezes, em valores conservadores que se queriam propagar, a partir destas artistas, para o público consumidor da revista. Cantoras representadas como donas de casa, mães de família, boas filhas e boas esposas que forneciam diversos exemplos, a partir de seus próprios discursos, sobre comportamentos ideais para suas fãs em relação à sua via pessoal (BORGES, 2017, p. 8).

Apesar do papel social de contribuir com a realização e com as lutas contra a discriminação e exclusão das mulheres, muito devido à sua linguagem acessível e alcance, a presença feminina no rádio estava restrita às artistas que encantavam o público com suas apresentações, porém as equipes de rádio eram prioritariamente masculinas.

Com as mudanças ocorridas no rádio com o advento da televisão, as figuras femininas acabaram migrando para o novo meio e o protagonismo masculino dentro do ambiente radiofônico ficou ainda mais evidente. Para Zuculoto & Mattos (2017, p. 3), “quando se percorre, mesmo que em observação breve e geral, a constituição histórica do rádio esportivo, uma das verificações que se sobressaem é a da hegemonia masculina neste fazer radiofônico, sobretudo nas funções que vão aos microfones”.

Em Pelotas, foram identificadas poucas pesquisas que trabalham com o rádio em geral e nenhuma que trata das questões de gênero. Em pesquisa sobre a presença feminina no radiojornalismo cearense, Paiva (2017) conta a história da primeira mulher a trabalhar nessa área no Ceará, na década de 1980, Adísia Sá, que inicialmente foi impedida de atuar por sua mãe pelo fato da emissora possuir apenas trabalhadores homens, depois teve o apoio de seu pai para tornar-se jornalista. Em Pelotas, uma situação semelhante ocorreu com a radialista conforme a sua narrativa:

Bom, voltei para casa do meu pai e falei para minha mãe: olha, estou começando a trabalhar, arranjei um emprego, vou trabalhar na Tupanci, com o Deogar Soares. Eu estava com 18, acho que era 74, meu pai teve um ataque: - Não, mulher trabalhando em rádio... E nessa época ele era secretário executivo do Grêmio Esportivo Brasil, do Xavante, então ele convivia com esses jornalistas esportivos, esses repórteres... - E isto não é ambiente para minha filha, não vai trabalhar coisa nenhuma. E eu: - Tudo bem, só que quando eu tiver 21 anos, eu vou trabalhar. Aí estava na época de vestibular e eu fiz vestibular para Educação Artística na Federal, passei, cursei um ano e parei, fui para Católica fiz vestibular para Assistente Social, cursei um ano e não fiz, quando eu fiz 21 anos eu voltei em casa e disse para ele: - Agora eu vou voltar lá na Tupanci e vou trabalhar. Voltei na Tupanci, fiz o Deogar se lembrar de mim e disse assim: - Agora eu quero aquela vaga (TERESA CUNHA, 2018).

Em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da UFRGS, Luz (2015), ao ponderar sobre as razões que a levaram a pesquisar sobre as mulheres que trabalham no rádio e na televisão nas editorias esportivas, conta que trabalhou em dois veículos de comunicação vislumbrando um espaço nos setores que cobrem esporte. O objetivo era chegar à reportagem, contudo a jornalista não foi além da produção.

Não sou a primeira mulher que encontra barreiras no meio. A redação esportiva no rádio ainda é um ambiente pouco habitado por elas. Na televisão isso, aos poucos, está mudando. Mas as mulheres ainda precisam superar obstáculos, tanto junto às fontes, como no convívio com os colegas (LUZ, 2015, p. 8).

Verifica-se que no rádio a presença de mulheres é quase nula comparada ao homem. Esta realidade contrasta com o número de mulheres que cursam a Faculdade de Jornalismo nas Universidades, que é superior ao de homens.

A regulamentação da profissão, que permanecia até pouco tempo, e o conseqüente aumento na procura por cursos de Jornalismo alterou o quadro da profissão. Hoje, há inclusive mais mulheres que homens nas escolas de comunicação. No entanto, a exigência e a cobrança para as mulheres continuam sendo maiores (LUZ, 2015, p. 46).

Outro estudo que aborda a presença feminina nas rádios de Chapecó-SC, mostra a mesma realidade, confirmando que para a mulher entrar no ambiente radiofônico é uma tarefa difícil. Pagliosa & Hermes (2018), identificaram 80 homens que trabalharam nas rádios da cidade, em contrapartida, apenas 22 mulheres.

A estimativa é que os homens que atuam no rádio têm salários maiores que as mulheres, por desempenharem mais funções ou por possuírem espaços terceirizados. Já as mulheres não conseguem fixar-se em mais de uma função, por dois fatores: poucas mulheres recebem esta oportunidade e, geralmente, a conquista de mais espaço é condicionada a venda de publicidade (PAGLIOSA & HERMES, 2018, p. 14).

Em outro artigo, Schuster & Pedrazzi (2008), pesquisam a presença feminina nas rádios de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. Na investigação realizada nas duas rádios do município, concluiu-se que na Rádio Comunitária, oito mulheres trabalharam desempenhando a função de locutoras. Contudo, na Rádio

Luz e Alegria, nenhuma mulher foi identificada durante os 40 anos de história da emissora. Em suas conclusões, a dificuldade de conciliar a profissão, a vida pessoal e o trabalho no rádio são algumas das razões elencadas pela autora, tendo em vista que não é possível para a mulher manter-se apenas com o trabalho de locutora, devido aos poucos rendimentos.

Em pesquisa que aborda o tema das mulheres no jornalismo esportivo de rádio e televisão, Luz (2015) pondera que os movimentos sociais feministas conseguiram importantes conquistas, porém existem barreiras ainda muito difíceis para as mulheres. É o caso do futebol que, segundo a autora, teve a participação das mulheres proibida em alguns momentos da história do país. Em 1941, o Conselho Nacional de Desportos proibiu a participação de mulheres em algumas modalidades esportivas. Já em 1965, a participação das mulheres foi proibida no futebol.

A relação com o futebol, o principal esporte praticado no Brasil, ainda é distante e repleta de preconceito. Entre os argumentos possíveis de serem aplicados para explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro está a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza (LUZ, 2015, p. 47).

Para a autora, essa proibição da participação feminina também reflete no interesse da mulher no tema e, conseqüentemente, na participação como profissional em coberturas futebolísticas.

Outro ponto que influencia na participação das mulheres no futebol é a beleza. A partir da década de 1970 é iniciado o processo de erotização do corpo. Assim, ginásios, estádios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar o corpo das mulheres. Isso se reflete ainda hoje através da imprensa que valoriza não só dentro dos veículos de comunicação, mas também em suas reportagens a beleza da mulher que pratica ou acompanha uma partida de futebol (LUZ, 2015, p. 48).

Em um episódio ocorrido em 2017, no Rio Grande do Sul, fica claro a discriminação sofrida pelas mulheres que tentam fazer sua carreira no jornalismo esportivo. A reportagem de O Globo do dia 19 de julho de 2017, informa que a repórter Kelly Matos, da Rádio Gaúcha, ao perguntar ao técnico sobre o

desempenho ruim do time gaúcho na Segunda Divisão, teve como resposta: “Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado (futebol)”, menosprezando o conhecimento da jornalista sobre o tema.

FIGURA 17 – - NOTÍCIA O GLOBO - MACHISMO

8h59

EXTRA

Técnico do Inter é machista ao responder repórter após vitória polêmica

Não bastasse a vitória polêmica do Internacional sobre o Luverdense por 1 a 0, na noite de terça-feira, pela Série B do Brasileiro, o técnico Guto Ferreira revelou seu lado machista. Na coletiva de imprensa após a partida, no Estádio Beira-Rio, o treinador foi questionado pela repórter Kelly Matos, da Rádio Gaúcha, sobre um problema técnico da equipe. A resposta do comandante, que tem vivido semanas de sufoco com o péssimo desempenho do Colorado na Segunda Divisão, foi infeliz na sua fala.

“Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado (futebol)”, disse Guto Ferreira ao começar a responder a pergunta da repórter. “Mas todo jogador que joga, tem dificuldades de ter uma tensão a mais no lance final. Precisa acertar para ter confiança. Se você já jogou para perceber isso, mas de repente trouxe a resposta mais para a situação de canalizar nesta forma. O avanço na confiança é muito importante. Não é treinamento só, isso eles estão fazendo, é ter a possibilidade de, sob pressão, conseguir que a bola entre. Daí fazer de novo e de novo.

Depois do momento deselegante, o treinador chamou a repórter na zona mista do Beira-Rio e pediu desculpas à jornalista. Em seu perfil no Facebook, Kelly apenas escreveu “Ah, o futebol...”, mas não comentou mais nada sobre a situação. Uma outra repórter publicou um registro do pedido de desculpas de Guto Ferreira à jornalista e um textão contra o preconceito demonstrado pelo treinador do Internacional.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/esportes/tecnico-do-inter-machista-ao-responder-reporter-apos-vitoria-polemica-21605963> - Acesso em 15 de março de 2019

Na televisão a abertura para a participação das mulheres nas coberturas esportivas está maior, contudo, o rádio que possui mais tradição em coberturas de futebol, segue sendo um ambiente laboral preponderantemente masculino. Atualmente, a mulher conseguiu ampliar a sua participação no mundo do trabalho. Embora tenha ocorrido uma evolução, há setores da comunicação em que a atuação feminina ainda é pouco explorada. A televisão abriu as portas para as mulheres comunicadoras, porém o universo radiofônico ainda é um ambiente predominantemente masculino. Cabe salientar que, apesar da televisão ter um

número maior de mulheres, poucas delas conseguem chegar a cargos de maior responsabilidade, como os de direção, o que não é diferente de outros setores.

Em artigo que analisa a inserção das mulheres nas estruturas de tomada de decisão nos meios de comunicação europeus, a autora Ross (2017, p. 66) destaca que, como em várias áreas da vida social, econômica e cultural no século XXI, o número de mulheres em cargos com o poder de tomada de decisão nos meios de comunicação é muito baixo, principalmente quando comparado com a força de trabalho do setor analisado. O estudo revelou que o serviço público tem mais probabilidade de inserir a mulher em cargos de maior poder dentro da organização, “cerca de um terço de todas as posições que temos nos serviços públicos de radiodifusão e cerca de um quarto dos cargos no sector privado são ocupados por mulheres”. No Brasil, esta realidade também faz parte do cotidiano feminino. Em consonância, Abreu & Rocha (2006) analisaram o mesmo fator ao entrevistar para o CPDOC jornalistas que atuam na televisão brasileira:

A partir dos anos 70, elas se qualificaram com o diploma universitário de jornalismo ou comunicação e com isso tiveram acesso ao emprego. Hoje, algumas são secretárias de redação, chefes de sucursal e responsáveis por colunas de prestígio. No entanto, até hoje são raras as mulheres que participam do conselho editorial das empresas jornalísticas e que chegam ao posto de editora-chefe. Em geral não passam do nível de gerência média (ABREU & ROCHA, 2006, p. 11)

No decorrer das entrevistas e das pesquisas nos documentos existentes, uma realidade foi revelada: o fato do ambiente radiofônico ser preponderantemente masculino. Ao analisar a história da Rádio Federal FM como um todo, nota-se que essa característica também é importante para as discussões sobre o ofício de radialista, tendo em vista que influenciará diretamente na construção profissional das mulheres inseridas no cotidiano do rádio.

Na história da Rádio Federal FM, a emissora teve a participação de cerca de vinte profissionais homens em seu quadro técnico e apenas sete mulheres trabalharam de forma efetiva, quatro delas atuando como radialistas e três na Secretaria, realizando trabalhos administrativos. Atualmente, a Rádio conta com uma equipe formada por onze radialistas homens, um secretário homem, uma locutora mulher e uma secretária mulher.

Das mulheres que trabalharam efetivamente como radialistas, uma desempenhou a função de diretora de produção, Vera Lopes, que entrou na Universidade em 1983 e foi a primeira diretora mulher da Rádio Federal FM. Vera assumiu a direção da emissora em 2013, nos 32 anos da Rádio, ficando no cargo até a sua aposentadoria, no mesmo ano. Zari Machado assumiu como assistente administrativa em 1977, trabalhando inicialmente como secretária da Faculdade de Biologia. Em 1983, após formar-se em Jornalismo, a servidora assumiu a função de redatora na Rádio Federal FM, mas seguiu com o cargo de assistente administrativa até sua aposentadoria. Já Teresa Cunha entrou por concurso em 1990 e assumiu o cargo de jornalista, trabalhando por um ano e meio na emissora. Depois deste período, Teresa foi convidada a chefiar a Assessoria de Imprensa, se dedicando um ano a essa função antes de aderir ao Plano de Demissão Voluntária. Atualmente, apenas uma radialista integra o corpo da Rádio, a locutora Maria Alice Estrella que ingressou como assistente administrativa em 1993, trabalhando na Reitoria da Instituição. Maria Alice foi convidada a trabalhar na emissora em 1995, por ter uma boa voz. Além dela, há atualmente uma secretária, que não desempenha nenhuma função radiofônica de fato.

Machado conta que quando iniciou na emissora era responsável pela redação de dois programas, o Acontece em Pelotas e o Agenda UFPel, ambos eram apresentados pelo colega Cleber Luiz e composto por notícias curtas sobre a cidade e a Universidade. Em sua fala, a jornalista mostra um pouco da realidade da época em relação a composição das equipes nas rádios da cidade. “Quando eu cheguei lá, só tinha a Vera Lopes e a Nádia, que era secretária. Na Pelotense tinha uma que fazia um programa de noite, uma mulher famosa, lindíssima, não lembro o nome dela, [...], mas eram poucas”.

Quanto a sua inserção na Rádio, Estrella lembra que, na ocasião em que assumiu a sua função na emissora, teve uma adaptação tranquila devido ao fato da Rádio já possuir três mulheres em seu quadro. Porém aponta a baixa inserção da mulher nas emissoras de Pelotas nesta época.

Tudo ocorreu tranquilamente bem. Eu acho que não era comum a presença de mulheres nas rádios, porque a Tupanci me chamou algumas vezes para ler alguns textos para eles, porque eles não tinham voz feminina. A voz feminina, estou falando da locução, era muito rara. Naquela época, talvez fosse eu e mais alguma outra pessoa, que eu não conheço, mas que não havia. A minha voz era...

talvez por isso eu tenha me destacado de alguma maneira, por ser a única. A Maria Luiza Benites fazia chamadas para a Rádio e, a partir do momento que eu entrei, ela deixou de fazer, ela era porto-alegrense se não me engano. Ela fazia lá e mandava para cá, pequenos spots, mas voz feminina mesmo fui sempre eu (ESTRELLA, 2017).

Ainda sobre a censura que Lopes aponta como relacionada ao fato de a programação ser toda gravada no início da Rádio Federal FM, a radialista recorda de outro episódio que ocorreu durante a realização do programa de entrevistas que esteve à frente durante a maior parte de sua atuação na emissora, o Federal Entrevistas. O programa em seu início era semanal, de meia hora e contava com a participação de entrevistados da comunidade acadêmica da UFPel, como membros da administração e professores. Mais tarde, o programa passou a ser diário e o microfone passou a ser dividido com outro jornalista da Universidade, Luiz Carlos Vaz, época em que o caso ocorreu.

[...] eu particularmente tive um problema com um programinha que eu tinha lá, [...] Teve uma época que ele era diário, e numa dessas entrevistas que a gente fez, eu me lembro que teve um incidente que houve um problema com a comida servida no restaurante e deu um 'piriri' lá na turma que frequentava o restaurante universitário e a gente começou a entrevistar, o pessoal foi para lá e quando foi no outro dia, nós estávamos no ar e o coordenador da comunicação social chegou lá e disse: - Olha eu vim aqui para comunicar que este é o último programa... e foi assim, uma censura explícita ao vivo, nada sutil. [...] e isso aí já tinha acabado a 'dita-cuja' (ditadura) há muito tempo (LOPES, 2017).

Em sua narrativa, o jornalista Luís Carlos Vaz também lembra do episódio, contando que a ideia da reportagem foi de uma estagiária da época e que ele já estava imaginando que a Reitoria não iria gostar. Esse fato, que não parece estar associado às questões de gênero, tendo em vista que a apresentação do programa era dividida com outro entrevistador do sexo masculino, demonstra que além das dificuldades comuns ao trabalho feminino, outras dificuldades, de cunho político também colocavam barreiras ao trabalho realizado.

A primeira vez que nós fomos censurados na Rádio, eu dei uma carona para a Vera Lopes e ela chorou todo o caminho, chorou, chorou, dizia: Canalhas, desgraçados e tal... porque se nós tivéssemos preparado essa pauta, a gente tinha dito assim: - Poxa a

gente se deu mal, mas nós como profissionais jamais faríamos uma coisa de ouvir um lado só (VAZ, 2017).

Para Lopes, o episódio no Restaurante Universitário era mais um entre tantos acontecimentos dentro da Instituição e, dessa forma, uma informação de utilidade pública para a comunidade acadêmica que poderia naturalmente compor o conteúdo da emissora.

O responsável lá pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis não gostou e nada mais natural que um dia a comida estar estragada e pronto, não é de propósito, sabe? É um negócio assim que a gente realmente encontra barreiras e dificuldades absolutamente desnecessárias que consomem uma grande energia e aí, mais ou menos, a gente foi só sobrando e nadando de braçada e tal (LOPES, 2017).

Com relação a participação dos estudantes na programação da Rádio, Lopes salienta a importância de dar espaço aos universitários em uma emissora educativa, independente da pauta a ser discutida.

[...] é muito importante de abrir este espaço para os guris irem lá discutir o restaurante, a péssima condição do ônibus, todas essas reclamações que vão ser sempre contra o reitor, claro porque o reitor é que assina em baixo, mas não significa necessariamente que o cara é inimigo do reitor ou do chefe da comunicação, ele pode chegar lá, ele não vai dizer: - Ah, essa Rádio é uma porcaria, não deixa ele expor nossas ideias, não sei o que... mas na hora que ele está dizendo isso ele está mostrando exatamente o contrário, porque se se está permitido é porque está desautorizado o que ele diz, então nesse sentido que eu acho que a gente sempre teve muito embate, até mesmo para abrir para os estudantes, e isso assim, com o próprio corpo técnico administrativo que meio que resistia a chegada dos invasores, mas depois acabaram lá, sempre tinha 2, 3 e agora tem muito mais, tem inclusive uns que fazem as programações, tem outros que fazem, eu não sei bem qual é o roteiro... (LOPES, 2017).

De acordo com Lopes, mais tarde o programa passou a ser veiculado novamente dentro da programação da Rádio Federal FM, utilizando o estúdio particular do chefe da comunicação na época, situado no centro da cidade de Pelotas, o que facilitou a produção do programa. De acordo com ela, o convite para o retorno ocorreu com a mudança da administração da UFPEl, em 2005, a pedido do então reitor Cesar Borges, para comemorar o Dia da Mulher. Na ocasião, a Universidade receberia a visita da então deputada estadual Miriam Marroni.

[...] o diretor da Rádio, que era o Roberto Engel, chegou para mim e disse: olha o Cesar quer que tu faças um programa especial para o dia da mulher. Que é 8 de março, a Miriam Marroni vem na Universidade para fazer uma visita, já era deputada, eu acho, se não era deputada ela já tinha um cargo público e veio esse recado do Cesar e eu: ah, mas com muita alegria, eu gosto muito da Miriam, mas independente de gostar da Miriam, eu: Oh, podemos falar (risos). Sim, porque uma censura tão absurda, tão descabida que eu nem vou comentar, sabe? Porque realmente é aquela coisa de obscurantismo, não cabe (LOPES, 2017).

Sobre as suas experiências em veículos de comunicação, Lopes (2017) diz que geralmente eram ambientes com muitos homens. Em sua atuação como estagiária do Jornal do Brasil, em 1968, a entrevistada relembra que “era isso aí uma redação de jornal, muito homem, pouquíssima mulher, mesmo as estagiárias eram muito poucas, e ali a gente foi aprendendo...”. Mais precisamente sobre o ambiente do rádio em Pelotas, ela conta um pouco sobre as suas experiências.

A rádio é um ambiente muito masculino, não só da Rádio Federal, mas todas as rádios que eu frequentei, para te falar a verdade, é um ambiente muito masculino e então sempre tem aquela imposição do empoderamento do macho e as mulheres vão abrindo espaço meio a fórceps, não é fácil, não foi fácil, porque ninguém dá espaço, ninguém dá poder, isso é uma coisa que tu tens que conquistar, ou porque tu és eficiente, ou porque tu és abusada mesmo, ninguém vai dividir poder contigo. Pelo menos que eu conheça, que eu saiba não acontece, então é bom o pessoal se dar conta que é uma coisa a ser conquistada e permanentemente regulada, estabelecida, não pode baixar a guarda. Então é isso assim que eu tenho para te informar, da participação feminina, acho que é sempre assim uma coisa que exige um pouco de competência e muito de audácia, porque tu manter posição assim, tudo muito sutilmente, todos nós queremos muito bem, todos achamos ótimo e tal, mas com as devidas ressalvas a impressão que eu tenho é essa (LOPES, 2017).

Teresa Cunha também conta, em sua narrativa, que as redações das rádios tinham mais trabalhadores homens, mas declara que não teve dificuldades relativas a isso. Segundo ela eram “poucas mulheres trabalhando no rádio, se tu comparares com o número de homens é muito pouco. Eu não tenho do que me queixar, para mim sempre foi boa a relação, de respeito [...]”. Para ela, o fato de gostar de trabalhar com homens foi um fator que a ajudou a ter uma boa relação com os colegas.

As mulheres, inconscientemente, acabam assumindo um estereótipo masculino para alcançar cargos que geralmente são ocupados por homens ou, até mesmo, para conseguir aprovação em suas atividades laborais, seja através de atitudes, vestuário ou corte de cabelo. Em estudo que analisa as barreiras que existem para a ascensão das mulheres a posições de liderança nas empresas, Henderson, Ferreira & Dutra (2016) revelam que para avançar em suas carreiras nas organizações, as mulheres precisam se adaptar a um ambiente criado por homens, para homens e baseada em valores masculinos. Para as autoras, as mulheres acabam adequando a sua identidade e se aproximando do universo masculino para conseguir adentrar nestes ambientes, como podemos perceber na narrativa de Cunha.

Eu sempre preferi trabalhar com homem do que com mulher, porque queira ou não queira tem aquele estereótipo e eu não sei se eu sou machista neste ponto ou não, mas eu não gosto muito de conversa, de casa, de roupa, de filho, mesmo sendo mãe eu nunca gostei muito desse tipo de papo. A minha cabeça é muito masculina, eu gosto de conversar de emprego, eu gosto de conversar de trabalho, eu gosto de conversar de notícia, de política, quando eu estou no ambiente de trabalho é disso que eu gosto de falar. Então eu me sentia sempre muito à vontade com eles, eu gostava daquilo e nunca fui tratada com desrespeito, sempre fui tratada de igual para igual com eles (TERESA CUNHA, 2018).

Embora a entrevistada demonstre em sua fala um conforto com relação a trabalhar com homens, é importante pontuar que alguns anos depois de entrar para o quadro de servidores da Universidade acabou saindo por perseguição política.

Um fato revelado em sua narrativa foi a sua participação na equipe de Futebol da Rádio Tupanci por volta do ano de 1977. Segundo ela, possivelmente foi a primeira mulher a participar da jornada esportiva em uma emissora pelotense. “não sei se a Cleusa fez também alguma coisa de futebol, nunca conversei com ela sobre isso, como ela é mais velha do que eu, ela estava no rádio antes de mim, mas eu não sei se ela estava só em estúdio ou como repórter de rua”. Cunha conta como foi a experiência:

E quando eu trabalhei lá na Tupanci, além de fazer essa parte das notícias, eu também entrei no futebol, então era muito interessante porque era a equipe toda masculina, acho que tinha uns 4 ou 5 e eu de mulher e eu ia para o estádio com eles e era muito legal porque eles me conseguiram um banquinho baixinho para eu sentar, ali

dentro do campo com eles, na beirada, então eu ficava ali sentada com eles, assistindo ao jogo, na época claro que eu não me animava a falar muito sobre o que estava acontecendo, mas eu ficava ali sentada (TERESA CUNHA, 2018).

A radialista destaca que na época ainda eram poucas as discussões sobre o feminismo e, por isso, essas questões não eram observadas com a profundidade que o tema alcançou na atualidade.

Porque assim naquela época não tinha muito essa coisa de feminismo, essa coisa... mas então a gente não fazia essa separação, eu mesmo só fui entender mais o que era isso, quando eu voltei pela segunda vez para Brasília, no ano 2000, que eu fui trabalhar com a Senadora que relatou a Lei Maria da Penha do Senado, a Lucia Vania de Goiás e aí é que aquilo me abriu assim para essa questão da violência contra mulher, essa coisa toda, porque para a gente sabia que existia essa coisa de marido bater na mulher, e essa dimensão de tudo isso, eu só fui me dar conta quando eu assessorei a Lucia Vania, e aí quando elas começaram aquela coisa de viajar o Brasil inteiro fazendo pelas audiências públicas no Brasil inteiro e mulheres e mulheres e mulheres e mandando prender homens por estupro e até políticos e tudo e as mulheres aparecendo e casos e casos e casos... e aí tu vê o tamanho que é (TERESA CUNHA, 2018).

Como já citado, a radialista Maria Alice Estrella entrou para o quadro da Universidade Federal de Pelotas mais tarde, em 1993, como assistente administrativo. Nessa época ela atuou como secretária do reitor por dois anos e em 1995, por indicação do pró-reitor Elifalete Xavier, foi chamada a fazer um teste na Rádio Federal FM.

A própria Maria Alice, ela era secretaria dos Conselhos e o Rassier me ligou e disse: - Olha, tu já ouviste a voz dessa mulher? Conversa com ela. Aí eu conversei com ele e disse: - Vamos fazer um teste? E aí foi, explica, diz como é que é, muda a postura... Ela tem uma voz que fica melhor ainda... eu sempre digo para ela, a tua melhor voz é quando tu falas em tom cama e ela fica toda cheia de dedo comigo... (ENGELBRECHT, 2017).

A sua voz chamou a atenção e Maria Alice Estrella acabou aceitando o convite para realizar o teste na Rádio Federal FM. A radialista lembra como foi o seu teste para a função de locutora da emissora:

Eu ingressei na Rádio fazendo um teste para saber se a minha voz era uma voz audível, era uma voz compatível com o microfone. Foi muito interessante porque o meu primeiro teste durou quatro horas, apenas com uma Lauda, eu não tinha tido experiência dentro de um estúdio de rádio. Eu já tinha sido entrevistada, em outras ocasiões, mas era uma coisa assim bem mais fácil. Naquele momento parecia assim que eu, fechada numa sala no estúdio, com uma porta à prova de som, só com um telão na minha frente, vendo as pessoas do outro lado e eles me orientando como eu tinha que postar o meu corpo, como eu tinha que pronunciar as palavras, a maneira de falar... foi muito interessante, foi um trabalho exaustivo de quatro horas, tipo assim: - Não é assim, tá errado, repete... Puxaram muito por mim e eu agradeço muito a esses companheiros e colegas que exigiram de mim esse esforço. E sai dali, daquele estúdio sem saber se eu seria ou não aproveitada na Rádio, até que ponto a minha voz serviria à Rádio (ESTRELLA, 2017).

Através da narrativa da radialista, fica evidente que o ambiente do teste não era confortável (embora ela não tenha sentido isto), tendo em vista que, de acordo com o seu relato, quatro homens passaram quatro horas exigindo um esforço da entrevistada. Em sua fala, Estrella retoma um pouco do que sentiu naquele momento:

Mas a minha primeira experiência na frente do microfone foi realmente, eu tive aquela dor de palco, eu achei que não ia dar certo, que eu não ia conseguir, que eu não ia dominar e hoje eu domino assim, dentro das minhas limitações, mas eu domino com muita boa vontade, com muita garra mesmo (ESTRELLA, 2017).

De todo modo, Estrella foi chamada já no outro dia para atuar na emissora e integra o seu quadro desde então. Neste sentido, ao ser chamada para assumir a função de locutora da Rádio, a radialista acredita que passou a desempenhar um papel muito importante dentro da Rádio Federal FM.

[...] desde então eu comecei um trabalho que eu refuto assim como um dos mais importantes dentro do rádio, no sentido de que o rádio é notícia, é entretenimento, é música principalmente e nós tínhamos programações musicais durante o dia inteiro até a noite e eram três blocos: manhã, tarde e noite e após cada três músicas, eu fazia a locução do título da música, do autor e dos intérpretes e isso eram várias laudas, porque eram muitas músicas e eu gravava então, em um rolo, naqueles gravadores de rolo pré-históricos. [...] após cada bloco de três músicas, a minha voz surgia com cada título, então era: Yesterday de Lennon e McCartney com The Beatles e assim ia (ESTRELLA, 2017).

A voz da entrevistada acabou tornando-se um estilo de linguagem de FM na cidade e porque não da região sul do estado, tendo em vista que a Rádio chegou a atingir cerca de 20 municípios da região. Na cidade, é conhecida como a Voz da Federal, devido a esse fato, a radialista não faz locução comercial.

E eles aceitaram muito bem, porque recebiam muitos elogios pelo telefone, as pessoas telefonavam e queriam saber de quem era aquela voz. E eles brincavam que era uma pessoa bem baixinha, bem gordinha, bem velhinha e bem enrugadinha e na época eu não era nada disso, mas eles diziam (ESTRELLA, 2017).

Em sua narrativa, Lopes (2017) reconhece o mérito da voz da colega: “eu, por exemplo, eu reconheço, a Maria Alice Estrella, como uma voz de excepcional valor, acho uma voz muito linda, uma dicção muito boa”. O reconhecimento da voz de Estrella também pode ser constatado na sua própria narrativa, quando ela discorre sobre o fato de ser muitas vezes reconhecida pela sua voz, ao falar em público em situações cotidianas.

Quando eu dizia para o taxista: eu quero ir até a Faculdade de Direito. - Eu conheço a sua voz. – O senhor ouve rádio? – Ouço! – O senhor ouve a Federal FM? – Ouço! - Pois eu sou aquela voz que o senhor ouve de vez em quando. - Ah, mas não é possível... Então, essa identidade passou a ser uma coisa muito gratificante para mim, porque reconheciam a minha voz, o meu trabalho que estava ali e por um acaso, porque eu nunca imaginei na vida que a minha voz seria o meu instrumento de trabalho (ESTRELLA, 2017).

Ao discorrer sobre as características da voz de rádio FM, Lopes (2017) elogia a voz da colega Maria Alice Estrella, salientando a predominância da voz masculina na locução da maioria das emissoras que escuta.

A rádio inclusive tem isso, não sei também a preferência do público pela voz masculina, não sei se isso é um fato ou se realmente existe, para rádio eu digo, eu, por exemplo, eu sei aqui, eu reconheço a Maria Alice Estrella, como uma voz de excepcional valor, acho uma voz muito linda, uma dicção muito boa. A maioria das rádios que eu conheço que eu escuto, é homem falando o tempo todo, âncora (LOPES, 2017).

A narrativa ainda mostra o orgulho que a entrevistada tem do seu trabalho. Contudo, ela discorre um pouco sobre a sua insegurança de falar ao vivo no

microfone da Rádio, mesmo depois de tantos anos trabalhando na emissora. Estrella atribui essa insegurança ao fato de não ter cursado a Faculdade de Jornalismo.

Inclusive eu também estou participando eventualmente do Bom Dia Federal que é ao vivo e é muito interessante, porque eu ainda não consigo me desinibir, por não ter cursado jornalismo, eu não consigo me desinibir ao ponto de comentar uma notícia assim como os estagiários nossos fazem e como o Roberto que é o coordenador do programa ao vivo. Ele faz, às vezes, comentários e eu fico olhando para ele com medo, com aquele receio, porque eu ainda estou muito presa ainda naquela coisa do estúdio em que eu posso, se eu errar, eu repetir (ESTRELLA, 2017).

Ao citar um colega já falecido, Mancini, percebe-se a importância deste para a autoestima da entrevistada enquanto trabalhadora da Rádio. O discotecário também aparece nos relatos de Lopes, como sendo um ótimo profissional e colega.

[...] o Mancini falava muito sobre a minha voz, ele trabalhava em rádio há muitos anos, e que a minha voz era uma... era um prazer para ele ouvir, isso para mim era... ele era um incentivador meu sabe? Todo aquele meu medo, aquela minha insegurança, o Mancini que era realmente o mais antigo em rádio, ele me passava uma tranquilidade enorme, ele dizia que eu estava bem no que eu estava fazendo, que eu não precisava me preocupar, - Tá tudo muito bem... Ele era uma criatura extraordinária, uma criatura de um conhecimento musical fora do normal. [...] Ele era uma ternura pura, era uma pessoa de uma delicadeza de uma atenção com as pessoas, foi um grande amigo (ESTRELLA, 2017).

É importante salientar ainda a dedicação que as entrevistadas têm para com o rádio, o que não se notou tanto em outras entrevistas com os radialistas que fizeram parte do cotidiano da emissora, em alguns momentos, Lopes e Estrella ficaram emocionadas. Além disso, foi possível perceber uma dedicação quase que integral dessas trabalhadoras a sua atuação na Rádio Federal FM.

[...] mas é que o rádio para mim é de uma preciosidade de uma acuidade tão grande, eu tenho um respeito tão grande pela comunicação do rádio e sou uma ouvinte de rádio há décadas, desde menina eu ouço rádio, o rádio fez parte da minha meninice, da minha adolescência, da minha juventude, como hoje a internet faz parte da vida dos humanos (ESTRELLA, 2017).

Da mesma forma, Lopes demonstra apego pelo ambiente da Rádio e, sobretudo, pela oportunidade que teve de ser diretora, em 2013. Um fato que

marcou a entrevista foi a constante curiosidade sobre a atualidade da emissora. Apesar de estar com a visão comprometida, Lopes citou várias vezes que a filha lê as notícias da UFPel e da Rádio Federal FM para ela. Além disso, a entrevistada muitas vezes narrava informações da emissora que ocorreram após a sua aposentadoria e, muitas vezes, descrevia esses fatos como se ainda estivesse presente no cotidiano da Rádio. A radialista diz que passou por muitos momentos bons na emissora, local onde se descobriu gostando de ser entrevistadora. Sobre essa descoberta, Lopes (2017) diz que a entrevista é o seu chão, é o que ela entende que faz bem e que as pessoas se sentem muito à vontade em ser entrevistadas por ela.

Acho que fiquei devendo muito, queria ter feito muito mais, aproximado muito mais, mas foi o que deu para fazer, gostava muito, tinha muita alegria em fazer o que eu fiz e, finalmente, depois quando eu tive essa possibilidade de ser a diretora da rádio, aí sim a gente resolveu assumir a política que vinha sendo implantada no Brasil e especialmente na UFPel, que era o que? Política de integração com o Mercosul (LOPES, 2017).

Sobre a oportunidade de emitir opinião e ajudar a decidir questões relativas à emissora, Estrella (2017) alega que “teve a liberdade de sugerir pautas ou outras coisas com o Leandro Maia, talvez por ele ser artista e tenho agora com o Rafael”. Leandro Maia foi diretor em 2014 e Rafael Cavalheiro é o atual diretor. Um dos desejos da radialista é que a sua voz volte a ser utilizada na locução dos blocos de músicas da Rádio.

Às vezes eu pergunto: e a minha voz quando vai voltar para o intervalo da música? Mas não dá, porque não tem operador suficiente, mas um dia talvez, está tudo no arquivo e no momento que eu gravo a minha voz não é mais minha, é do governo. Ah, se tivesse que escolher hoje uma profissão a seguir, escolheria essa, com certeza, eu já estou casada, juramentada sacramentada com essa profissão, é muito bom, é gratificante, é um trabalho que tu fazes e vêes o resultado, ele é instantâneo e é importante, porque sem querer tu ficas sabendo que as pessoas estão te ouvindo, os lugares mais temporâneos, as situações mais inusitadas, alguém faz um comentário reconhecendo que aquela voz é ouvida na Federal então isso é muito bom (ESTRELLA, 2017).

Em depoimento enviado por um dos ex-diretores da Rádio em forma de entrevista semiestruturada, João Manuel Cunha (2017), fica evidente a qualidade do

trabalho desenvolvido pelas radialistas que desempenharam o seu ofício na Rádio Federal FM. Ele diz que o trabalho que as “produtoras fizeram, aliás, foi o que de melhor se produziu na Rádio Cosmos durante o tempo em que a dirigi”. Para Perrot (1998, p. 11), “em suma, existem, muitos meios, diretos ou não, de ser uma mulher pública, com a condição de dar a essa expressão certa extensão. Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito”.

A partir da análise dos resultados das entrevistas, fica evidente o lugar atingido pela mulher que superou diversas dificuldades para conquistar seu espaço com talento, dedicação e muito trabalho. Na Rádio Federal FM, as entrevistadas desempenharam bem os seus papéis e obtiveram ótimos resultados. É interessante a análise das dificuldades de cada uma delas, além da percepção que cada uma tem sobre o trabalho que desempenharam ou desempenham. Emoção, prazer em exercer seu ofício, dificuldades, conquista de confiança e de credibilidade foram algumas das características que são observadas nas carreiras dessas profissionais. Quanto ao futuro da mulher no rádio Vera Lopes acredita que ainda existe um longo caminho até que a sua inserção como profissional seja consolidada.

[...] eu acho que a mulher ainda está muito longe de ter espaço, talvez daqui há uns 10 anos, porque na verdade assim, nas Faculdades inclusive, nos cursos de Medicina, é impressionante a maioria absoluta de mulheres, na Engenharia não, mas na Medicina, cursos assim, bem emblemáticos, na Medicina não chega a ser escancarado, mas uma base de 60% é de mulher, mas isso vai acontecer alguma coisa ali adiante, não agora, mas quando é em massas, a grande quantidade de mulheres chegando nos cursos superiores, isso vai dar uma diferença em algum momento vai dar uma diferença, não sei te dizer aonde, nem quando (LOPES, 2017).

Ficam evidentes os desafios que as mulheres encontraram tanto para se inserir no ambiente radiofônico, quanto para se manter nele. Além do preconceito sofrido, a hegemonia masculina do meio se reflete em forma de receio e insegurança para as mulheres que vislumbram uma carreira no meio de comunicação. Contudo, nota-se que a luta contínua das mulheres as tornou mais corajosas, demonstrando a força de vontade de modificar a realidade. O resultado são as disputas por vagas que antes eram consideradas masculinas e a conquista de mais espaço.

5. CONCLUSÕES

Preservar a memória do passado de uma instituição torna possível a compreensão dos períodos anteriores, da identidade e da cultura institucional, além dos processos de trabalho que envolvem os seus colaboradores.

Atualmente, existe uma preocupação dentro das instituições com a reconstrução da história e o registro das memórias institucionais. É importante pontuar que a consolidação de uma organização não ocorre apenas pelo seu espaço atual dentro da sociedade, mas constitui-se também pelos seus trabalhadores e suas histórias que dão sentido à instituição. Assim sendo, esta pesquisa buscou reconstruir a história da Rádio Federal FM, especialmente através da fala de seus trabalhadores e trabalhadoras.

Com relação à história do rádio, o seu consumo foi tornando-se cada vez mais acessível, como um veículo de comunicação inclusivo. Soma-se a isso, o fato de ter seu custo reduzido com relação aos outros meios de comunicação, e, ainda, por ultrapassar limites geográficos.

A cada tecnologia que surgia, o cotidiano dos trabalhadores do rádio foi se alterando. Nota-se um aumento na qualidade dos serviços prestados como um todo, uma maior interação com os ouvintes, mas também modificações nos processos de trabalho, que podem trazer problemas aos trabalhadores por terem que se adaptar, surgindo grandes tensões e conflitos. A constante necessidade de adaptação dificulta o cotidiano dos radialistas e, muitos acabam não conseguindo acompanhar as transformações, o que pode resultar em fragilidade. Este cenário torna o ambiente ainda mais competitivo, explorando o trabalho dos profissionais e exigindo deles um esforço ainda maior.

Todas essas mudanças marcam profundamente o perfil do ofício de radialista, extinguindo algumas funções, como o discotecário, e modificando outras, como o locutor que passou a ter novos papéis. O profissional de rádio está em constante reformulação e transformação, criando novos processos com a finalidade de dar conta das novas tecnologias. Na Rádio Federal FM, a realidade mostra-se a

mesma. Esse fato fica evidente ao se analisar as memórias dos radialistas que ajudaram a fundar e construir a emissora.

A reconstrução da história da Rádio Federal FM, através da escrita de narrativas, possibilitou o acesso a fatos muito importantes para a análise da história da emissora como os aspectos relacionados com a inserção da mulher neste ambiente prioritariamente masculino. Esses acontecimentos certamente não seriam encontrados em outros tipos de fontes e possibilitaram reconstituir um pouco da programação, da concepção e do desenvolvimento da emissora.

Dentro dos conceitos trabalhados por Alberti (2013), as memórias relatadas pelos radialistas, possibilitaram analisar algumas práticas cotidianas da profissão e suas evoluções, bem como a memória institucional. As memórias ajudam na compreensão das adaptações pelas quais os trabalhadores passaram. Para além das transformações do ofício de radialista, foi possível perceber grandes dificuldades da emissora, como uma rádio educativa, não comercial, em encontrar sua identidade e pensar sua programação. Analisando os relatos, percebe-se os problemas que a equipe precisou resolver para implementar e manter a Rádio Federal FM funcionando durante os seus 37 anos de história. Esses aspectos são muito marcantes em todas as lembranças dos entrevistados. Cabe aqui salientar a influência das administrações da Universidade no trabalho dos radialistas, muitas vezes, limitando alguns avanços.

Através dos relatos, nota-se que a Rádio Federal FM não acompanhou a evolução normal pela qual passaram as emissoras comerciais, principalmente por ser um veículo público, com poucos recursos e, desta forma, não ter a possibilidade de captar recursos publicitários. No entanto, vê-se que, embora tardiamente, o desenvolvimento da emissora reflete as mesmas adaptações e dificuldades pelas quais as outras rádios passaram de acordo com os autores citados.

Da mesma forma, fica evidente também as alterações no ofício de radialista dentro da Rádio Federal FM, uma profissão que está em constante reformulação e transformação, criando novos processos com a finalidade de dar conta das novas tecnologias de comunicação.

Sobre o tema das mulheres dentro do ambiente radiofônico, percebe-se que ser mulher e ser radialista, o que antigamente era excludente, atualmente é possível. O jornalismo e o radialismo eram profissões prioritariamente masculinas, porém este campo de atuação está a cada dia mais sendo invadido pelas mulheres. Embora

ainda sejam minoria do ponto de vista numérico, elas vêm ganhando espaço nos meios de comunicação e, de forma mais lenta no rádio, muito devido ao fato de ter um conteúdo muitas vezes voltado aos esportes, especialmente o futebol.

As lutas travadas pelas mulheres possibilitaram a conquista de várias melhorias em sua vida em geral. O preconceito dentro do local de trabalho e a discriminação com relação ao estado civil da mulher diminuíram, a inserção no mundo do trabalho aumentou e o nível de escolaridade já é maior entre as mulheres em relação aos homens.

As mulheres precisam se preparar muito mais para provar que são competentes, este fato é facilmente evidenciado no campo radiofônico, tendo em vista que a comunicação foi regulamentada e em 1979, passou a exigir curso de formação. Nesta época, os profissionais que já atuavam no ramo, prioritariamente homens, conseguiram as suas carteiras profissionais, tanto de jornalista, como de radialista sem necessidade de formação. Desta forma, nota-se que atualmente as mulheres possuem a formação para conseguir desempenhar seu papel na área, porém muitos homens não a possuem.

As dificuldades das mulheres radialistas em geral não são diferentes das dificuldades das trabalhadoras de qualquer área. No caso da Rádio Federal FM, os salários não podem ser comparados tendo em vista que os rendimentos base das instituições federais são equivalentes entre homens e mulheres. Contudo, duas das quatro radialistas que fazem ou fizeram parte do quadro da emissora da UFPel, recebem como assistentes administrativos, tendo em vista que só desenvolvem ou desenvolveram as suas funções como radialistas. Nota-se a dificuldade que elas tiveram para ocupar cargos de direção dentro do veículo. Nos 38 anos da Rádio Federal FM, apenas duas mulheres chegaram à administração, a primeira foi a entrevistada Vera Lopes, que ficou à frente da emissora por apenas cinco meses, até se aposentar em 2014. A diretora conquistou o cargo somente em 2013, 30 anos depois que entrou na Universidade, em um momento em que a administração da instituição foi assumida por um mandato progressista.

Cabe lembrar que grande parte dos problemas e dificuldades das trabalhadoras verificada nessa pesquisa vêm da situação global de discriminação vividas pelas mulheres enquanto profissionais. Esse fato pode ser analisado, sobretudo, através da constatação de que a Rádio Federal FM está ligada à Universidade Federal de Pelotas, uma instituição pública que tem como critério de

ingresso em seu quadro permanente de servidores a aprovação em um concurso público. Fora a equipe inicial da emissora, formada em uma época em que o serviço público ainda não exigia concurso, apenas uma das vagas disponibilizadas via concurso foi preenchida por uma mulher, o que evidencia que o ofício de radialista é uma profissão prioritariamente masculina.

Através dos relatos, fica evidente que as mulheres precisam a cada dia se engajar mais na reflexão sobre a sua situação e na luta por mudanças reais que garantam os mesmos direitos e espaços oferecidos aos homens.

Por fim, através da análise de como as novas exigências do mundo do trabalho demandam um trabalhador multimídia, criativo, flexível e pronto a se adaptar às novas tecnologias que são inseridas em seu cotidiano, pode-se perceber uma série de adaptações para lidar com todas essas transformações e como essas alterações influenciam nos diversos aspectos da vida dos trabalhadores e das trabalhadoras de rádio.

Conclui-se que a Rádio Federal FM, apesar das dificuldades, tem evoluído para atingir uma diversidade de programas que contemplem os vários públicos, buscando novas linguagens e abordagens com o objetivo de se diferenciar como emissora educativa e pública.

ANEXOS

ANEXO 1

Terça-feira 20

DIÁRIO OFICIAL (Seção I — Parte I)

Setembro de 1977 12521

2 - MARIA DE LOURDES VAREJÃO SALLAS, na vaga decorrente da rescisão do contrato de ANA LUCIA SANTOS DO COUTO;

3 - HILDA LEIZÃO BELFORT TEIXEIRA, na vaga decorrente da rescisão do contrato de ALBÊNIO LIMA DA SILVA;

4 - ANA MARIA DE OLIVEIRA GARCIA, na vaga decorrente da rescisão do contrato de GOIÁS ANTONIO ACCIOLY;

5 - LEDA SABINO DOS SANTOS, na vaga decorrente da rescisão do contrato de EDISON JOSÉ OLIVEIRA DA SILVA;

6 - ALDONIRA DE FARIA SANTANA ALVES, na vaga decorrente da rescisão do contrato de SILVIA MARIA CERQUEIRA DE ARAUJO;

7 - MARLON DA SILVA CARNEIRO, na vaga decorrente da rescisão do contrato de ALMIRO ANTONIO DIAS ROSAL; e

8 - REGINA CÉLIA TAVARES MESQUITA, na vaga decorrente da rescisão do contrato de JOSÉ ANTONIO AZEVEDO DE OLIVEIRA.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA
MINISTRO DE ESTADO DAS COMUNICAÇÕES

Portaria nº 953, de 14 de setembro de 1977

O Ministro de Estado DAS COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 1º do Decreto nº 70.568, de 18 de maio de 1972, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 38.143/76,

RESOLVE:

I - Outorgar permissão, de acordo com o artigo 32 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, à Universidade Federal de Pelotas, sob a denominação de Rádio Cosmos, para estabelecer, sem direito de exclusividade, uma estação de radiodifusão sonora em frequência modulada, com fins exclusivamente educativos, utilizando o canal 300, classe "A", na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul.

II - A permissão ora outorgada reger-se-á de acordo com as cláusulas baixadas com esta Portaria e entrará em vigor na data de sua publicação.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

CLÁUSULAS A QUE SE REFERE A PORTARIA
Nº 953, DE 14 DE SETEMBRO DE 1977

I

Fica assegurado à Universidade Federal de Pelotas, sob a denominação de Rádio Cosmos, o direito de estabelecer, sem exclusividade, na cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, uma estação de radiodifusão sonora em frequência modulada, com fins exclusivamente educativos, utilizando o canal 300, classe "A", potência máxima e mínima de acordo com as Normas Técnicas para Emissoras de Radiodifusão Sonora em FM, aprovadas pela Portaria MC nº 197, de 22 de março de 1973, publicada no Diário Oficial da União de 11 de abril do mesmo ano.

II

A presente permissão é outorgada pelo prazo de 10 (dez) anos, e entrará em vigor a partir da publicação, no Diário Oficial da União, do ato de outorga.

III

A permissionária é obrigada a:

a) ter sua Diretoria constituída exclusivamente de brasileiros natos;

b) admitir, para as funções técnicas ou operacionais relativas à execução dos serviços de radiodifusão, somente brasileiros, porém, com autorização expressa do Ministério das Comunicações, o contrato de assistência técnica com empresa ou organização estrangeira, não superior a 6 (seis) meses, exclusivamente na fase de instalação e início de funcionamento de equipamentos, máquinas e aparelhamentos técnicos, na forma dos artigos 7º e 8º do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967;

c) manter, efetivamente, na totalidade dos seus serviços 2/3 (dois terços), no mínimo, de pessoal brasileiro;

d) não transferir a permissão sem prévia autorização do Governo Federal;

e) suspender o serviço, no todo ou em parte, pelo tempo que for determinado, nos prazos previstos nas leis, regulamentos e instruções vigentes e futuras sobre a matéria, tão logo seja notificada pela autoridade competente, fazendo cessar as transmissões, imediatamente, após o recebimento da intimação, sem que por isso, assista à permissionária direito a qualquer indenização;

f) submeter-se, na forma da lei e dos regulamentos à fiscalização do Governo Federal, ao qual fornecerá todos os elementos exigidos para esse fim;

g) pagar taxas e contribuições existentes ou que venham a ser estabelecidas em lei ou regulamento;

h) executar os serviços de forma análoga a do artigo 13 e seu parágrafo único do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967;

i) manter em dia os registros de programação, de acordo com o estipulado no Regulamento aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963;

j) irradiar, diariamente, os boletins ou avisos do serviço meteorológico, bem como integrar, gratuitamente, as Redes de Radiodifusão, sob a direção da Agência Nacional do Gabinete Civil da Presidência da República, sempre que para isso seja convocada pela autoridade competente, para a divulgação de assunto de relevante interesse nacional;

l) irradiar, com indispensável prioridade e a título gratuito, os avisos expedidos pela Chefe de Polícia local ou autoridade congênera, em casos de perturbação da ordem pública, incêndio ou inundação, bem como os relacionados com acontecimentos imprevistos;

m) submeter, no prazo de 6 (seis) meses, a contar da publicação do ato de outorga, no Diário Oficial da União, à aprovação do Ministério das Comunicações o local escolhido para a montagem da estação, bem como as plantas, orçamentos e todas as demais especificações técnicas dos equipamentos;

n) inaugurar o serviço definitivo no prazo de 2 (dois) anos, a contar da aprovação de que trata a alínea anterior;

o) submeter-se aos preceitos estabelecidos nas convenções internacionais e regulamentos anexos aprovados pelo Congresso Nacional, bem como a todas as disposições contidas em leis, decretos, regulamentos e instruções ou normas que existam ou venham a existir, referentes ou aplicáveis ao serviço permitido;

p) não alterar, em qualquer tempo, seus estatutos, sem que tenha havido prévia autorização do Governo Federal;

q) manter sua estação em perfeito funcionamento com a eficiência necessária e de acordo com as normas técnicas e operacionais que estiverem em vigor ou vierem a ser fixadas pelo Ministério das Comunicações;

r) manter a sua escrita e contabilidade padronizadas, de acordo com as normas estabelecidas pelo Ministério das Comunicações;

s) não firmar qualquer convênio, acordo ou ajuste, relativo à utilização das frequências consignadas e à exploração do serviço, com outras empresas ou pessoas, sem prévia autorização do Ministério das Comunicações;

t) obedecer às instruções baixadas pela Justiça Eleitoral, referentes à propaganda eleitoral;

u) cumprir todas as prescrições contidas em leis, regulamentos e instruções que existam ou venham a existir, referentes à programação.

12522 Terça-feira 20

DIÁRIO OFICIAL (Seção I — Parte I)

Setembro de 1977

IV

Fica assegurado à União o direito sobre todo o acervo da Entidade para garantia da liquidação de qualquer débito para com ela.

V

A frequência ora consignada não constitui direito de propriedade e ficará sujeita às regras estabelecidas na legislação vigente ou na que vier a disciplinar a execução do serviço de radiodifusão, incidindo sobre essa frequência o direito de posse da União.

VI

Em qualquer tempo são aplicáveis à permissionária os preceitos da legislação sobre desapropriações e requisições.

VII

A inobservância de qualquer das estipulações contidas nestas cláusulas sujeitará a permissionária às penalidades estabelecidas em leis e regulamentos. Não havendo penalidade expressamente prevista, aplicar-se-á pena de multa a ser fixada pelo Ministério das Comunicações, observados os princípios do artigo 61 do Código Brasileiro de Telecomunicações - Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, alterado pelo Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967.

VIII

Findo o prazo da outorga, a que se refere a cláusula II, salvo procedimento tempestivo de renovação e respectivo deferimento, será a mesma declarada perempta, sem que a permissionária tenha direito a qualquer indenização.

Portaria nº 954, de 14 de setembro de 1977

O Ministro de Estado DAS COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 1º do Decreto nº 70.568, de 18 de maio de 1972, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 38.578/76,

RESOLVE:

I - Homologar a transferência para a empresa pública "Rádio Municipal de Tenente Portela" da permissão outorgada à Prefeitura Municipal de Tenente Portela, Estado do Rio Grande do Sul, para executar serviço de radiodifusão sonora em onda média de âmbito local, através da Portaria MC nº 569, de 18 de setembro de 1970, publicada no Diário Oficial da União de 2 de outubro do mesmo ano.

II - A execução do serviço de radiodifusão, cuja transferência ora é homologada, rege-se de acordo com o Código Brasileiro de Telecomunicações, leis subsequentes e seus regulamentos.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

Portaria nº 955, de 14 de setembro de 1977

O Ministro de Estado DAS COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 1º do Decreto nº 70.568, de 18 de maio de 1972, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 38.578/76,

RESOLVE aprovar o nome de Breno Becker para o cargo de Diretor-Presidente da empresa pública "Rádio Municipal de Tenente Portela", executante de serviço de radiodifusão sonora em onda média de âmbito local, na cidade de Tenente Portela, Estado do Rio Grande do Sul.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

Portaria nº 956, de 14 de setembro de 1977

O Ministro de Estado DAS COMUNICAÇÕES, no uso de suas atribuições e nos termos do artigo 5º da Lei nº 5.785, de 23 de junho de 1972, e artigo 11, item II, do Decreto nº 71.136, de 23 de setembro de 1972, tendo em vista o que consta do Processo MC nº 9.896/77,

RESOLVE declarar perempta a permissão outorgada através da Portaria MJNI nº 378-B, de 28 de novembro de 1961, publicada no Diário Oficial da União de 27 de dezembro do mesmo ano, à Rádio Sociedade de Friburgo Ltda., para executar na cidade de Cordeiro, Estado do Rio de Janeiro, serviço de radiodifusão sonora em onda média de âmbito local.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

Portaria nº 958, de 14 de setembro de 1977

O Ministro de Estado DAS COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 1º do Decreto nº 70.568, de 18 de maio de 1972, e tendo em vista o que consta do Processo MC nº 11.868/76 (Edital nº 96/76),

RESOLVE:

I - Outorgar permissão, de acordo com o artigo 32 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, à Sociedade Rádio Integração Ltda., para estabelecer, sem direito de exclusividade, na cidade de Restinga Seca, Estado do Rio Grande do Sul, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito local.

II - A permissão ora outorgada rege-se de acordo com as cláusulas baixadas com esta Portaria e entrará em vigor na data de sua publicação.

EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

CLÁUSULAS A QUE SE REFERE A PORTARIA Nº 958, DE 14 DE SETEMBRO DE 1977

I

Fica assegurado à Sociedade Rádio Integração Ltda. o direito de estabelecer, sem exclusividade, na cidade de Restinga Seca, Estado do Rio Grande do Sul, uma estação de radiodifusão sonora em onda média de âmbito local.

II

A presente permissão é outorgada pelo prazo de 10 (dez) anos, e entrará em vigor a partir da publicação, no Diário Oficial da União, do ato de outorga.

III

A permissionária é obrigada a:

a) ter sua Diretoria constituída exclusivamente de brasileiros natos;

b) ter seu quadro social constituído exclusivamente de brasileiros, bem como cumprir o disposto no parágrafo único do artigo 49 do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967;

c) admitir, para as funções técnicas ou operacionais relativas à execução dos serviços de radiodifusão, somente brasileiros, permitido, porém, com autorização expressa do Ministério das Comunicações, o contrato de assistência técnica com empresa ou organização estrangeira, não superior a 6 (seis) meses, exclusivamente na fase de instalação e início de funcionamento de equipamentos, máquinas e aparelhamentos técnicos, na forma dos artigos 7º e 8º do Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967;

d) manter, efetivamente, na totalidade dos seus serviços 2/3 (dois terços), no mínimo, de pessoal brasileiro;

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Profissão
4. Escolaridade
5. Nome dos pais – profissão deles
6. Cidade do nascimento
7. Estado civil
8. Tem filhos?
9. Nome dos filhos e profissão deles
10. Fale sobre sua profissão. Quando começou a exercê-la? Como era em seu início e como é hoje?
11. Como é a sua rotina de trabalho?
12. Quando iniciou havia mais pessoas que se dedicavam ao mesmo ofício? Lembra de outros nomes que também trabalhavam na Rádio?
13. Alguém o influenciou para iniciar no ramo?
14. Já ensinou o seu ofício para alguém? Pretende fazê-lo?
15. Se tivesse que escolher hoje qual profissão seguir, escolheria esta ou outra?
16. Você lembra de quando a UFPel conseguiu a concessão da Rádio? Como foi?
17. E o início das transmissões em caráter experimental? Como foi?
18. A inauguração da Rádio? Como foi?
19. Qual foi o objetivo da implantação da Rádio?
20. Como foi a aquisição dos equipamentos, torre...?
21. Ocorreu busca de convênios com outras instituições? Como foi?

22. Havia a possibilidade de um canal auxiliar para cursos e palestras em canal fechado. Esta ferramenta foi utilizada? Como ocorreu?
23. Como era a programação inicial? Quais modificações ocorreram depois?
24. Quais programas foram de maior relevância?
25. Como se dava a concorrência com as outras emissoras de rádio?
26. Eventos importantes que a Rádio participou?
27. Como funcionava a transmissão quando a Rádio teve início?
28. Você lembra de quando a Rádio passou a utilizar o computador nas suas transmissões? Como foi? O que mudou na rotina de trabalho?
29. E o telefone celular?
30. E a internet?
31. Como foi a sua inserção no rádio?
32. Era comum mulheres trabalhando no rádio?
33. Ocorreu alguma dificuldade neste sentido?
34. Como era a sua relação com os colegas?
35. Você tinha liberdade para propor e desempenhar atividades?

FONTES ORAIS

CUNHA, José Maria Marques. Radialista, fundador e primeiro diretor da Rádio. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na rádio web do entrevistado, Pelotas, outubro de 2017.

CUNHA, Maria Teresa. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na Câmara dos Vereadores, Pelotas, 2018.

ENGELBRECHT, Roberto Gustavo. Jornalista, radialista e diretor da Rádio por 20 anos. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa do entrevistado, Pelotas, agosto de 2017.

ESTRELLA, Maria Alice. Radialista e locutora. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, agosto de 2017.

LOPES, Vera. Diretora de Produção aposentada e ex-diretora da Rádio. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa da entrevistada, Pelotas, outubro de 2017.

MACHADO, Zari. Jornalista e Radialista aposentada. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada na casa de sua mãe, Pelotas, 2018

VAZ, Luiz Carlos. Jornalista e radialista. Entrevista concedida a Silvana de Araújo Moreira. Realizada no Mercado Público de Pelotas, Pelotas, agosto de 2017.

FONTES DOCUMENTAIS

CUNHA, João Manuel dos Santos. Professor aposentado e ex-diretor da Rádio Federal FM. Entrevista semiestruturada, respondida por e-mail, Pelotas, agosto de 2017.

Jornal Diário da Manhã. 08 de janeiro de 1981. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 22 de setembro de 1977. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 05 de junho de 1980. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 08 de junho de 1980. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 14 de junho de 1980. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 15 de junho de 1980. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 25 de outubro de 1980. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 08 de janeiro de 1981. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 09 de janeiro de 1981. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Jornal Diário Popular. 19 de junho de 1993. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

<<http://pelotascultural.blogspot.com.br>>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

<<http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/915-portaria-4334>>. Acesso: em 25 de setembro de 2017.

<<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3314743/pg-33-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-09-1977/pdfView>>. Acesso: em 23 de outubro de 2016.

< wp.ufpel.edu.br/federalfm/>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

<<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/duarte-867>>. Acesso em 25 de setembro de 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

AUED, Bernardete Wrublevski. Profissões no passado Profissões no Futuro (personagens sociais em tempos de transição). **Revista de Ciências Humanas**, v. 15, n. 22, p. 9-30, 1997.

BACELLAR, Carlos. Uso e mal-uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

BANDEIRA, Ana da Rosa. **Diário Popular de Pelotas, RS: a forma gráfica de um projeto editorial (1890-2016)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BARROS, Vanessa Teixeira de; VILLAÇA, Lenize. Rádio e suas características de permanência. **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BLOIS, Marlene M. Rádio Educativo no Brasil. Uma História em construção. In: CUNHA, Márgda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro**: episódios e personagens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BORGES, Paola Giuliana. **Cantoras do rádio e mulheres**: um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. 2017.233f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1998.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Hazar Ed., 2002.

CALABRE, Lia. Rádio e imaginação: no tempo da Rádio Novela. In: CUNHA, Mágda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Hebe Mattos. História Social. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro F. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, 9. 45-60.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. **História em Revista**, v. 10, n. 10, 2004.

CORDEIRO, Paula. Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio. In: **II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação—II IBÉRO**. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>.

DE-FLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

DEL BIANCO, Nelia L. O processo de mutação da produção do radiojornalismo. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da. **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora Ulbra, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. In: MAGNONI, Antonio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de. (Orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Ed. Senac SP, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Novas tecnologias e organização do trabalho. In: PEREIRA, António Garcia et al. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

FONSECA, Vicente Fernandes Dutra. **Rádios universitárias federais gaúchas: um estudo da programação jornalística**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

GILL, Lorena Almeida. **A luta de Olga por seus direitos: imigração, saúde e trabalho de mulheres em Pelotas, RS (década de 1940)**. História [online]. 2019, vol.38, e2019003. Epub Jan 31, 2019. ISSN 0101-9074. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2019003>.

GILL, L. A; SILVA, E. B. Perspectivas para a História Oral. In: Pedro Robertt; Carla Rech; Pedro Lisbero e Rochele Fachineto. (Org.). **Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação**. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina: Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126.

GOMES, Adriano Lopes. O Jornalismo Radiofônico e a Construção Da Identidade Profissional. **X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. São Luis, 2008.

GOMES, Juliana. Radiojornalismo e mobilidade: um percurso histórico para construção da notícia. **9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP**. Ouro Preto, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio Brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In: BARBOSA FILHO, André; BENETON, Rosana; PIOVESAN, Angelo Pedro. (Org.). **Rádio: Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 11ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENDERSON, P. A.; FERREIRA, M. A de A.; DUTRA, J. S. **As barreiras para a ascensão da mulher a posições hierárquicas: um estudo sob a óptica da gestão da diversidade no Brasil**. Revista de Administração da UFSM, v. 9, n. 4, p. 489-505, ISSN 1982-2596 RPCA | Rio de Janeiro | v. 12 | n. 1 | jan./mar. 2018 | 47-60 | 592016. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/viewFile/8208/pdf> Acesso em: 13 de dezembro de 2018.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. Editora Companhia das Letras, 2013.

JUNIOR, Álvaro Bufarah. O pioneirismo do rádio levado à Internet brasileira. In: CUNHA, Márgda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Amigo ouvinte, o locutor perdeu o emprego: considerações sobre o processo de automação nas rádios FM do Rio de Janeiro. EPTIC On-line – **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, ano 9, v. 10, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/205/176> >. Acesso em: 23 nov. 2018.

KOVÁCS, Ilona. Empresa flexível: problemas sociais do pós-taylorismo. PEREIRA, Antônio Garcia et al. **Globalização: novos rumos no mundo do trabalho**. Florianópolis: Editora da UFSC, SOCIOS, 2001.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.11, n.1, p.234-41, jan-jun. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **ECOS Revista**. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; EDUCAT, v. 2, n 1, p.1-118, 1998.

LONER, Ana Beatriz. Diário Popular. In: LONER, Ana Beatriz; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (orgs.) **Dicionário da História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2010. p.95-96.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **O Rádio dos Pobres: Comunicação de Massa, Ideologia e Marginalidade Social**. São Paulo: Loyola, 1988.

LOPEZ, Débora Cristina. **Aproximações dos níveis convergência tecnológica em comunicação: um estudo sobre o rádio hipermidiático**. In: FERRARETTO, Luiz Arthur (org.). E o rádio? Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

LOPEZ, Débora Cristina. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**. Fortaleza, 2009.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço: Mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão**. Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

MAGNONI, Antonio Francisco; RODRIGUES, Kelly De Conti. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e

consumo. **Anais IX Encontro Nacional da História da Mídia: GT História da Mídia Sonora.** Ouro Preto, v.9, n.1, p. 1-15, 2013.

MEIRELES, Norma; ANDRADE, Fernando; PRATA, Nair. Radialista: uma identidade profissional em constante transformação. **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Curitiba, 2017.

MENDELL, Toby. **Serviço público de radiodifusão: um estudo de direito comparado.** Brasília: UNESCO, 2011.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2017.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias.** Editora UFRB, 2012.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias. **Caminhos de Geografia**, v. 5, n. 11, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PAGLIOSA, Lidiane; HERMES, D. **O Rádio em Chapecó-SC: um mercado ainda predominado por homens diante da frágil participação feminina.** Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2018

PAIVA, Ana Vitória Reis Coutinho. **Presença feminina no radiojornalismo cearense.** Encontros de Iniciação Científica UNI7 v. 7, n. 1, 2017.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgmesh ao Google.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PERROT, Michelle; FERREIRA, Roberto Leal. **Mulheres públicas.** Editora UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/São Paulo: UDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 1. ed., 1ª reimpressão—São Paulo. Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRATA, Nair. **Webradio: Novos Gêneros, Novas Formas De Interação.** Tese. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

PRATA, Nair; MUSTAFA, Izani; PESSOA, Sônia Caldas. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v.3, n.1, jan.2014-jun/2014.

RATTNER, Henrique. Aonde vai o Trabalho Humano? **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 110, p. 120-123, 2010.

SANTOS, César Augusto Azevedo dos. Landell ou Marconi? In: CUNHA, Mágda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SCHUSTER, Aline Josiane. PEDRAZZI, Fernanda Kieling. Mulheres no rádio: uma investigação sobre a presença feminina nos microfones das rádios de Frederico Westphalen. **Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil para análise histórica**. Recife: Mimeo, 1991.

SCOTT, J. **História das mulheres**. In: BURKE, P. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 63-95.

SEVERO, Antunes. Vanguarda! O que se faz, o que se diz, o que se pensa. Gente, notícia, opinião. In: CUNHA, Mágda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

TOMASI, Antônio PN; SILVA, Ivone MM. Ofícios de ontem e ofícios de hoje: ruptura ou continuidade. In: **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000250&pid=S0103-4979201300030001300032&lng=pt. Acesso em 27 de janeiro de 2018.

TOMASIELLO, Paulo Sérgio; JUNIOR, José Jorge Tannus. A influência política na obtenção de concessões de emissoras de rádio no Brasil: o caso da Rádio Clube de Americana. In: CUNHA, Mágda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa (tomos I, II e III)**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. "Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial". In: **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio. **As peculiaridades dos Ingleses e outros ensaios**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001, p. 227-268.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.13-40.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**. Departamento de História. PUCSP. N. 4, junho 1985

ZUCULOTO, Valci. **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, v. 2, 2008.

ZUCULOTO, Valci. A notícia no rádio pioneiro e na “época de ouro” da radiofonia brasileira. In: CUNHA, Márgda Rodrigues; HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ZUCULOTO, Valci. **O rádio público no Brasil: resgate histórico e transformações contemporâneas das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. CECS-Publicações/eBooks, p. 65-82, 2015. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2145/2063

ZUCULOTO, Valci. **A notícia no radiojornalismo brasileiro: transformações históricas e técnicas**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS. Porto Alegre, agosto de 1998.

ZUCULOTO, Valci. **A Construção Histórica da Programação de Rádios Públicas Brasileiras**. Tese (Doutoramento em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre (RS), 2010.

ZUCULOTO, Valci. **A História do Rádio Público no Brasil: um resgate pela linha do tempo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife.

ZUCULOTO, V. MATTOS, E. T. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina**. Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do XI Encontro Nacional da História da Mídia, Mackenzie, São Paulo, 2017.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Silvana de Araújo Moreira, matrícula nº 17101837 declaro para todos os fins que o texto em forma de () Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado “ZYD 579, 107,9 MEGA HERTZ – RÁDIO FEDERAL FM”: O PROTAGONISMO DO RADIALISTA COMO SOBREVIVENTE DAS MÍDIAS (1980-2017), é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 05 de junho de 2019.

Silvana de Araújo Moreira

ASSINATURA

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, _____, matrícula nº _____, declaro para todos os fins que o texto em forma de () Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado _____, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Assinatura: _____

Assinatura: _____

Assinatura: _____

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

